

15 de Novembro

N. 417

Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1925

Anno IX

# D. QUIXOTE

Avulso \$400

Estados \$500

## SUCCESSÃO PRESIDENCIAL



Edição 5,004.

Carnaval de 1993.

# O ARLEQUIM

Folha, sem ser de banana, dedicada aos interesses da República.

Tirada e impressa nas oficinas Martini, na

Lith. e Typ. A. Campbell & C.



Coleção Documentos

# 73

# A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA:

## ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA

CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
 Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**FCT**  
 Fundação para a Ciência e a Tecnologia



## FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A MULHER COMO ALEGORIA DA  
REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A  
PARTIR DA IMPRENSA





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA



- 73 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2023

## Ficha Técnica

Título: A mulher como alegoria da república: estudos de caso a partir da imprensa

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 73

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O DEGAS. Rio de Janeiro, 14 nov. 1908; D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 6 maio 1925; O ARLEQUIM. Recife, 28 fev. 1892.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Fevereiro de 2023

ISBN – 978-65-89557-55-5

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

## ÍNDICE

A mulher-república em periódicos ilustrados e humorísticos cariocas ao final do século XIX / 9

Imagens da dama do barrete frígido por meio da arte caricatural publicada em periódicos cariocas das três primeiras décadas do século XX / 37

Presenças da dama republicana na caricatura em diversas cidades brasileiras à época da República Velha / 157

A representação feminina da república em comemorações do 15 de novembro no *Jornal do Brasil* nas décadas de 1920 e 1930 / 187

Encontros com a personagem do barrete encarnado na imprensa portuguesa em diferentes momentos das relações luso-brasileiras: brevíssima abordagem / 203



A MULHER-REPÚBLICA EM  
PERIÓDICOS ILUSTRADOS E  
HUMORÍSTICOS CARIOCAS AO FINAL  
DO SÉCULO XIX

Nos anos derradeiros dos Oitocentos, a maioria das revistas ilustradas tiveram vida efêmera<sup>1</sup>. Nesse contexto, esgotadas as baterias de tão grosso calibre, com o jornalismo de combate, após a abolição da escravatura e a implantação da forma republicana houve um colapso da grande caricatura de combate, alerta, viva e veemente. Os novos protagonistas da vida política não ofereciam ainda ao lápis irreverente, afeito às figuras de proa das antigas escaramuças, ou seja, aqueles infalíveis alvos de efeito a que se acostumara o leitor das revistas humorísticas. Com a queda do interesse, apenas o *Dom Quixote* se manteve, apesar de intervalos de irregularidade. Desse modo, na última década do século XIX, nenhuma outra revista surgiria em condições de vitalidade de tantas outras do tempo do império, como foi o caso da *Vida Fluminense*, de *A Cigarra*, do *Necromante*, de *O Mercúrio*, entre outros. Apesar da circulação dos mesmos não ter resistido por muito tempo, eles marcaram indelevelmente a transição para a imprensa ilustrada do século seguinte. Nesse quadro, a necessidade de renovação de métodos se impunha e isso se tornava evidente a qualquer observador<sup>2</sup>.

A *Vida Fluminense* circulou no Rio de Janeiro nos anos de 1889 e 1890, em cujo primeiro número apresentava-se por meio de um versinho dizendo que nascia “espertinho e robusto”, confiando “no porvir”, de maneira que pudesse “viver a rir” e “crescer sem custo”. Procuraria satirizar “os erros”, buscando

---

<sup>1</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 220.

<sup>2</sup> LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1. p. 137.

“neste meio, ser útil ainda que brincando”. Em seu prospecto dizia que se propunha a ser um periódico de atualidade, dando ao leitor resenha analítica dos fatos e incidentes da sociedade, encarados pelo lado ridículo. Nessa linha, garantia que a sátira seria a sua nota dominante, e, a partir dela, acompanharia os fatos da semana, abordando os episódios da vida social, literária, política, artística, financeira e esportiva, os quais seriam comentados pelos lápis e penas dos seus redatores artísticos e literários, vantajosamente conhecidos<sup>3</sup>.

Ao praticar a crítica política, tal revista lançou mão da simbologia expressa por meio da mulher-república por diversas vezes. Em uma dessas presenças, a jovem república recebia uma figura feminina, que designava a própria *Vida Fluminense*, cumprimentando a esta pela passagem de seus três meses de existência. Houve ainda a inclusão de alegoria com a dama republicana trazendo consigo a ideia de uma aproximação brasileiro-argentina, sob o lema da liberdade<sup>4</sup>. A crença na harmonia entre essas duas repúblicas foi renovada com a representação de ambas beijando-se, mesmo diante do litígio territorial que tinham entre si<sup>5</sup>. Perante instabilidades na Europa, que aparecia alegorizada como uma mulher, a República Brasileira garantia a estabilidade de sua pátria, a qual se inspirava “no bem”<sup>6</sup>. Em homenagem a um militar, o periódico constatava que “o busto da república está em grande parte

---

<sup>3</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 7 set. 1889.

<sup>4</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 13, 12 dez. 1889.

<sup>5</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 19, 25 jan. 1890.

<sup>6</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 14, 19 dez. 1889.

trabalhando pela sua espada”<sup>7</sup>. Diante das práticas autoritárias e repressivas dos primeiros tempos do novo regime, incluindo-se as restrições à liberdade de expressão, a publicação carioca apresentava a imagem da imprensa pronta a manter suas linhas editoriais críticas, mas garantia que permaneceria fiel à “sua propaganda republicana”<sup>8</sup>. Na realização da crítica a um homem público, a *Vida Fluminense* apelava para uma feição megalômana do mesmo, pois, segundo sua própria narrativa, ele teria descoberto, povoado, feito a independência, expulsado Pedro I e realizado a abolição, além de ter sido o responsável pela proclamação da república no Brasil, cuja representação iconográfica surgia a partir do personagem, que dava feitura a um busto da figura feminina que simbolizava a nova forma de governo<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 20, 1º fev. 1890.

<sup>8</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 24, 1º mar. 1890.

<sup>9</sup> VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 30, 28 maio 1890.

A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA

# VIDA FLUMINENSE

Periodico Illustrado, Litterario e Sportivo  
PROPRIEDADE DE HENRIQUE STEPPLE & C.

APPARECE ÀS QUINTAS-FEIRAS SERIE II

<p>ASSIGNATURAS</p> <p>CAPITAL - Série de 12 numeros. . . . . 4000</p> <p>ESTADOS - " " 24 " . . . . . 10000</p> <p>AVULSO 500 rs.</p>	<p>Redactores Artísticos - Teixeira da Rocha e Valle</p> <p>Redactores Litterarios - Franca Junior, Arthur Azevedo,</p> <p>Fernex de Mello, Augusto Figueira Cesar</p> <p>Quatrecasas, Galvão, Ruyssqui e Adriano Lattus</p> <p>Redactores Esportivos - Henrique Mattar</p> <p>Correspondentes - Henrique Stepple</p> <p>Francisco - Angelo Soares</p>	<p>ESCRITORIO E REDACÇÃO</p> <p>Bua Sete de Setembro n. 10, 1º andar</p> <p>Agentes gerenciaes - Henri Nicoud &amp; C. - Ovidor n. 125</p> <p>AU PETIT JOURNAL</p>
--	--	--

---

ANNO I | RIO DE JANEIRO, 12 DE DEZEMBRO DE 1889 | N. 13

1ª da Republica

Os meus tres mezes de Vida  
 São documento, embora,  
 Da minha vida quetida,  
 Deste albor da livre aurora,  
 Que em vossa fronte transuz  
 Tuda a minha esperanza puz.

A colorte destemida  
 Apresento-vos agora,  
 Por vossa luz resplandida,  
 Vos contra e vos adora,  
 Salve, Republica! Sur!  
 Viva o heroe que te condux!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



# VIDA FLUMINENSE

Periodico Illustrado, Litterario e Sportivo

PROPRIEDADE DE HENRIQUE STAPLE & C.

APPARECE AOS SABBADOS

SERIE II

ASSIGNATURAS

CAPITAL - Stris de 12 numeros..... 48000

ESTADOS - " " 24 " ..... 108000

AVULSO 500 Rs.

Redactores Artisticos: Teixeira da Rocha e Valle

Redactores Litterarios: Franco Junior, Arthur Assis, Pereira da Silva, Augusto Fábrega, Oscar Guanabara, Gastão Bonaventura e Antonio Leitão

Redactor Sportivo: Henrique Blotter

Director: Henrique Staple. Gerente: Angelo Soares

ESCRITORIO E REDACÇÃO

Rua da Urugayana n. 87, 1º andar

Esquina da de Ovidor

Agentes gerais - Henri Nicoud & C. - Curador n. 126

AU PETIT JOURNAL

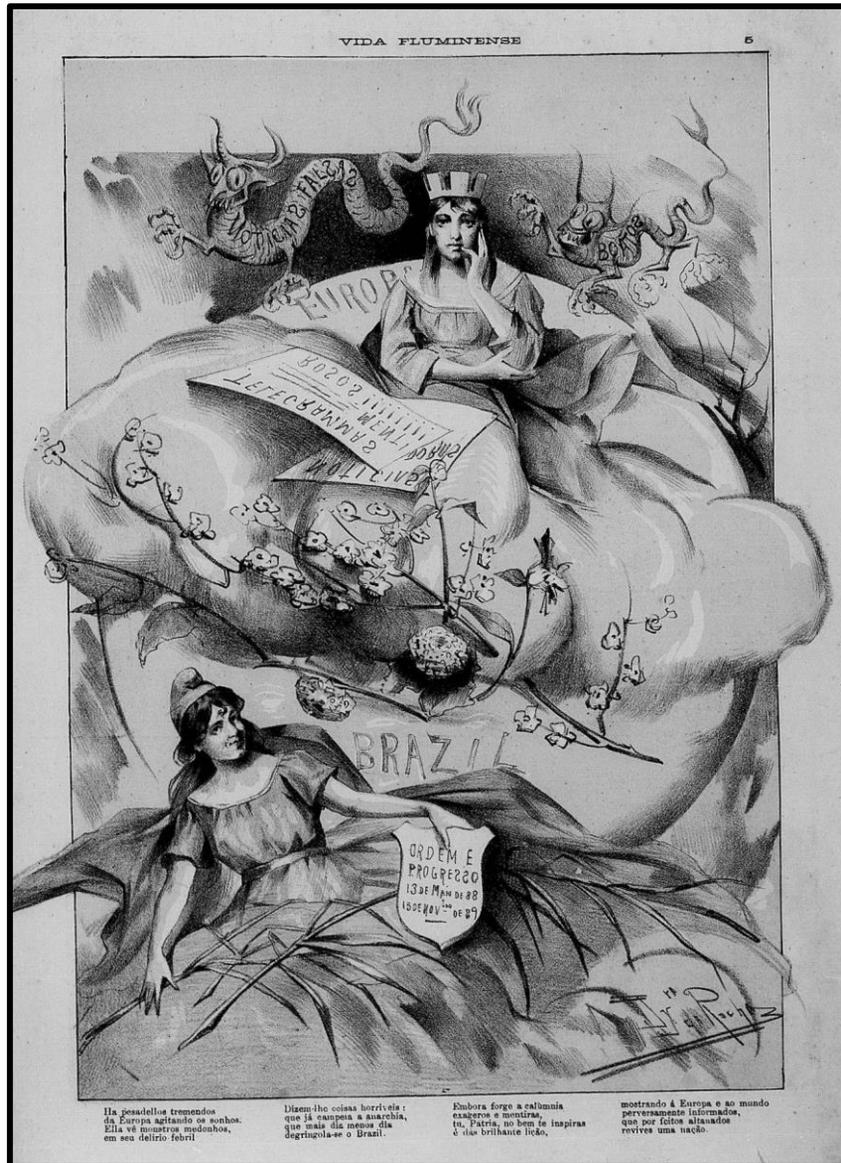
ANNO II | RIO DE JANEIRO, 25 DE JANEIRO DE 1890 | N. 19

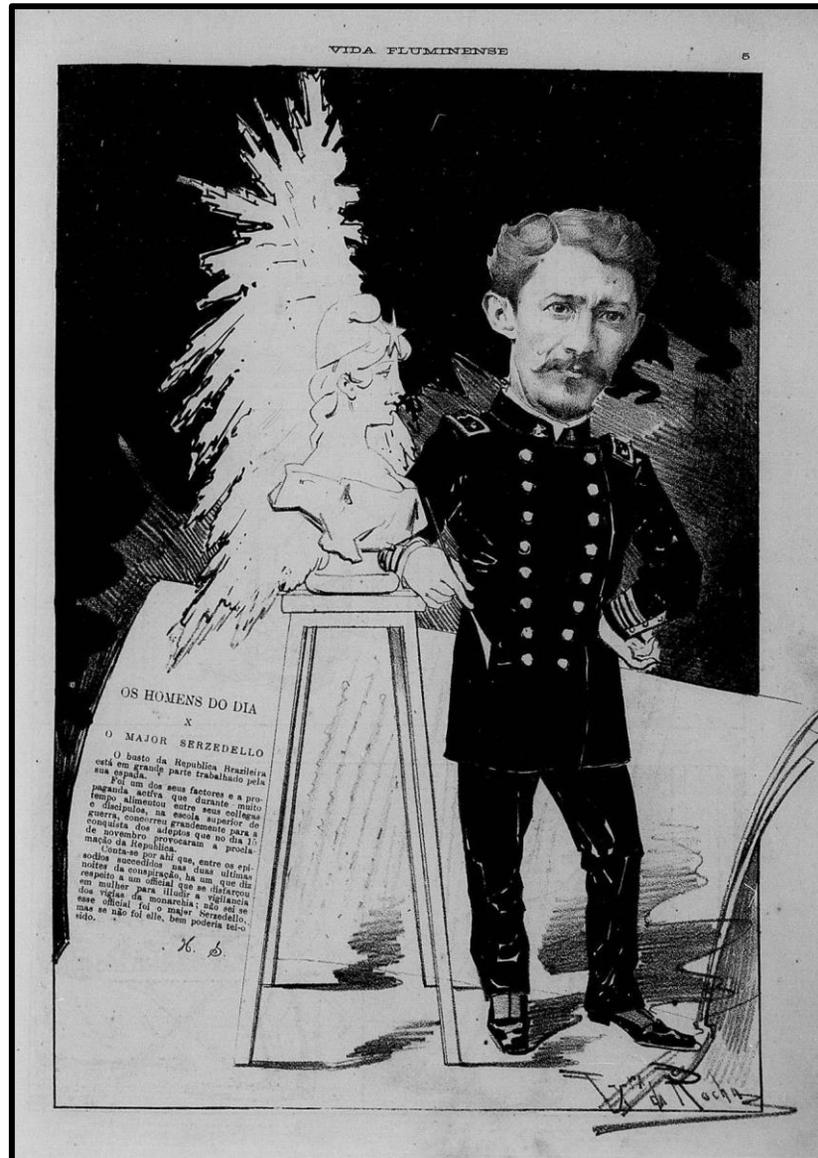
da Republica



Beijem-se minhas queridas, beijem-se e acabem em paz a questão de limites que o imperio nunca conseguiu dar solução. Paz e progresso para ambas.

Lucas





# VIDA FLUMINENSE

Periodico Illustrado, Litterario e Sportivo

APARECE AOS SABBADOS

PROPRIEDADE DE HENRIQUE STEPPLE & C.

SERIE II

ANNO II

Rio de Janeiro, 1 de Março de 1890  
E DA REPUBLICA

N. 24



O governo da espada descobrio-se, publicando a verdadeira e unica interpretação ao decreto de 28 de Dezembro. A imprensa, não conhecendo peias, apresta-se para a critica dos actos governamentais, mas a *Vida Fluminense* hade ir na *posta*, porque continue a fazer a sua propaganda republicana.



Ao longo do ano de 1895 foi editada no Rio de Janeiro *A Cigarra*, cuja inspiração do título se vinculava a “um bichinho incômodo e tolo, que durante o verão apunhala os ouvidos da gente”, além de constituir um “animal de vida imoral e desregrada” e que, “quando acaba o verão se vê obrigada a pedir esmolas à formiga”. Em sua apresentação dizia que, “passando das cigarras aos homens, acharia meio de falar do câmbio e de blasfemar contra os partidários do recuo forçado”<sup>10</sup>. Durante a curta existência desse periódico houve alguns aparecimentos da figura feminina símbolo da república, como no caso do reatamento diplomático com Portugal, após a ruptura ocorrida a partir de acontecimentos vinculados à Revolta da Armada<sup>11</sup>. Em outro momento, a dama republicana encontrava-se sentada próxima de uma lápide, lamentando a morte de personagens que haviam atuado nos primeiros tempos da formação republicana, desde a sua idealização até a consolidação e que tinham falecido naqueles últimos anos – Silva Jardim, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Saldanha Marinho, Saldanha da Gama e Floriano Peixoto<sup>12</sup>. Em caricatura carregada de espírito religioso, a dama do barrete frígio aparecia a prantear personalidade política que fora crucificada<sup>13</sup>. Ela esteve presente ainda em alegoria que comemorava o seu sexto aniversário de existência<sup>14</sup>.

---

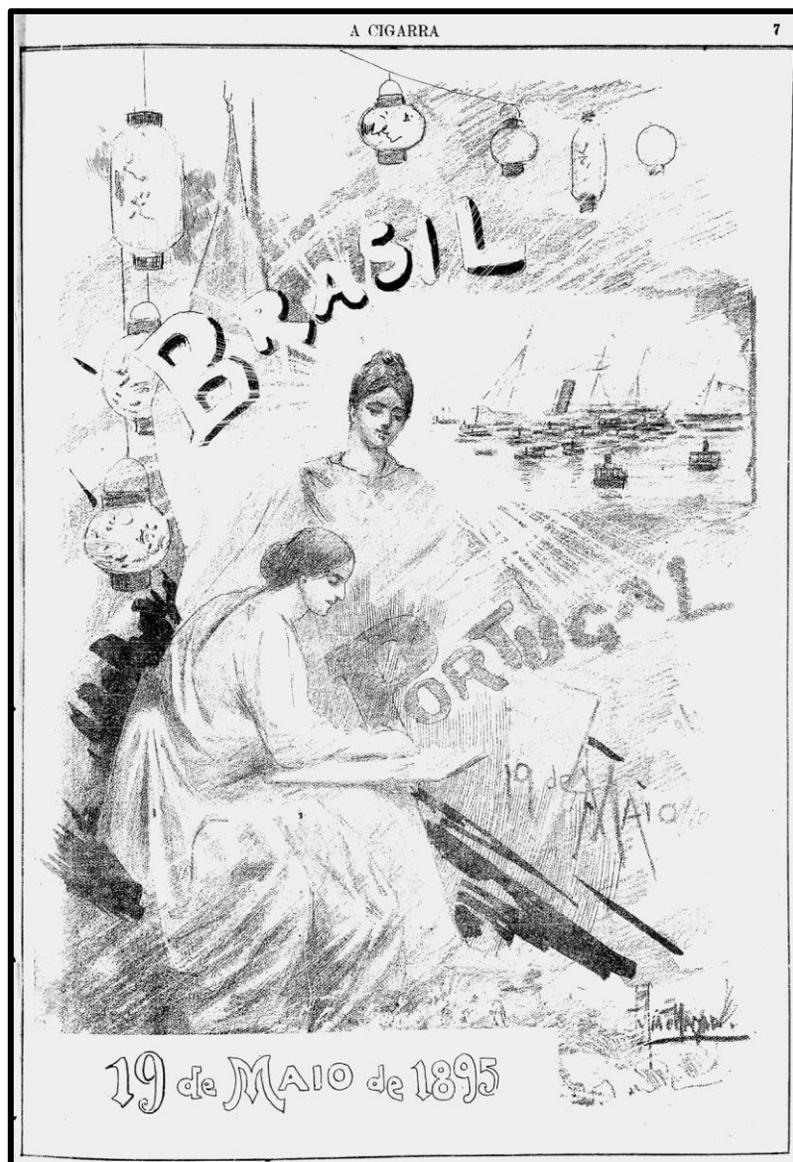
<sup>10</sup> A CIGARRA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 9 maio 1895.

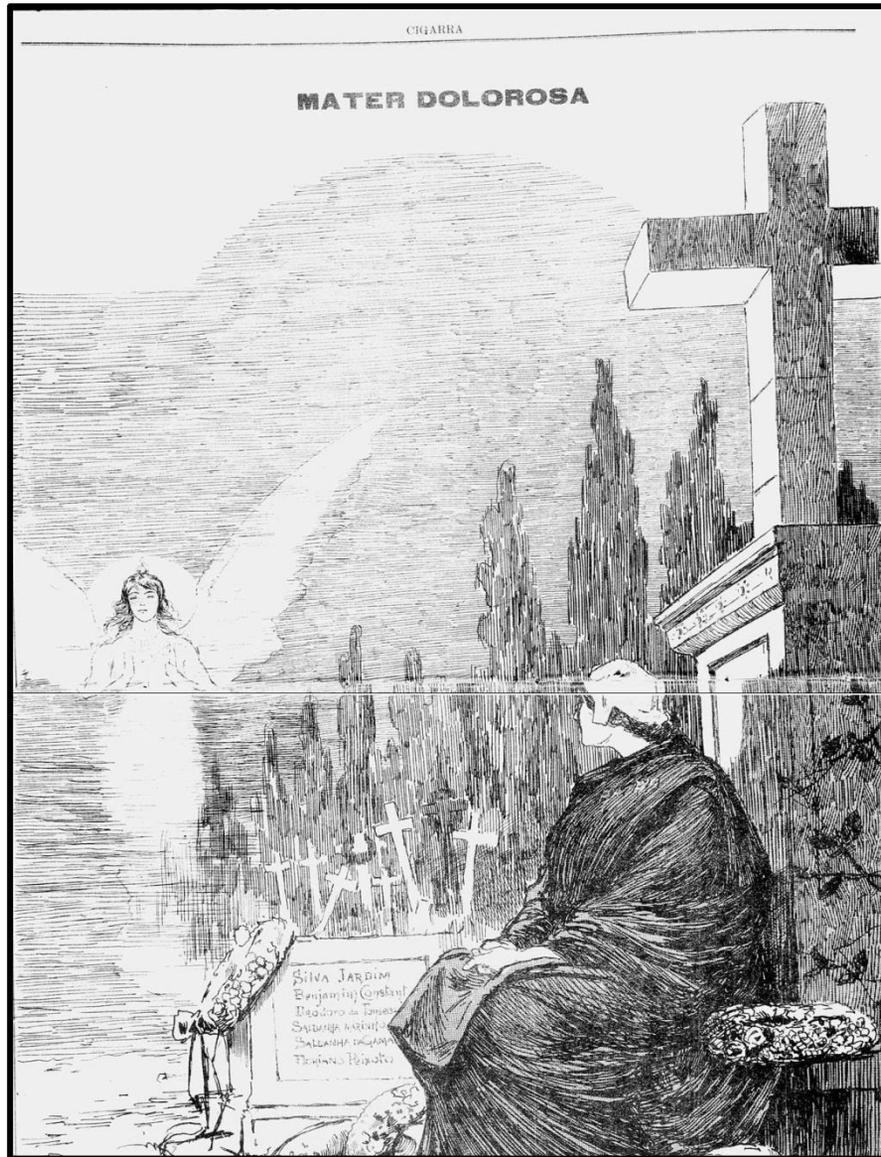
<sup>11</sup> A CIGARRA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 3, 23 maio 1895.

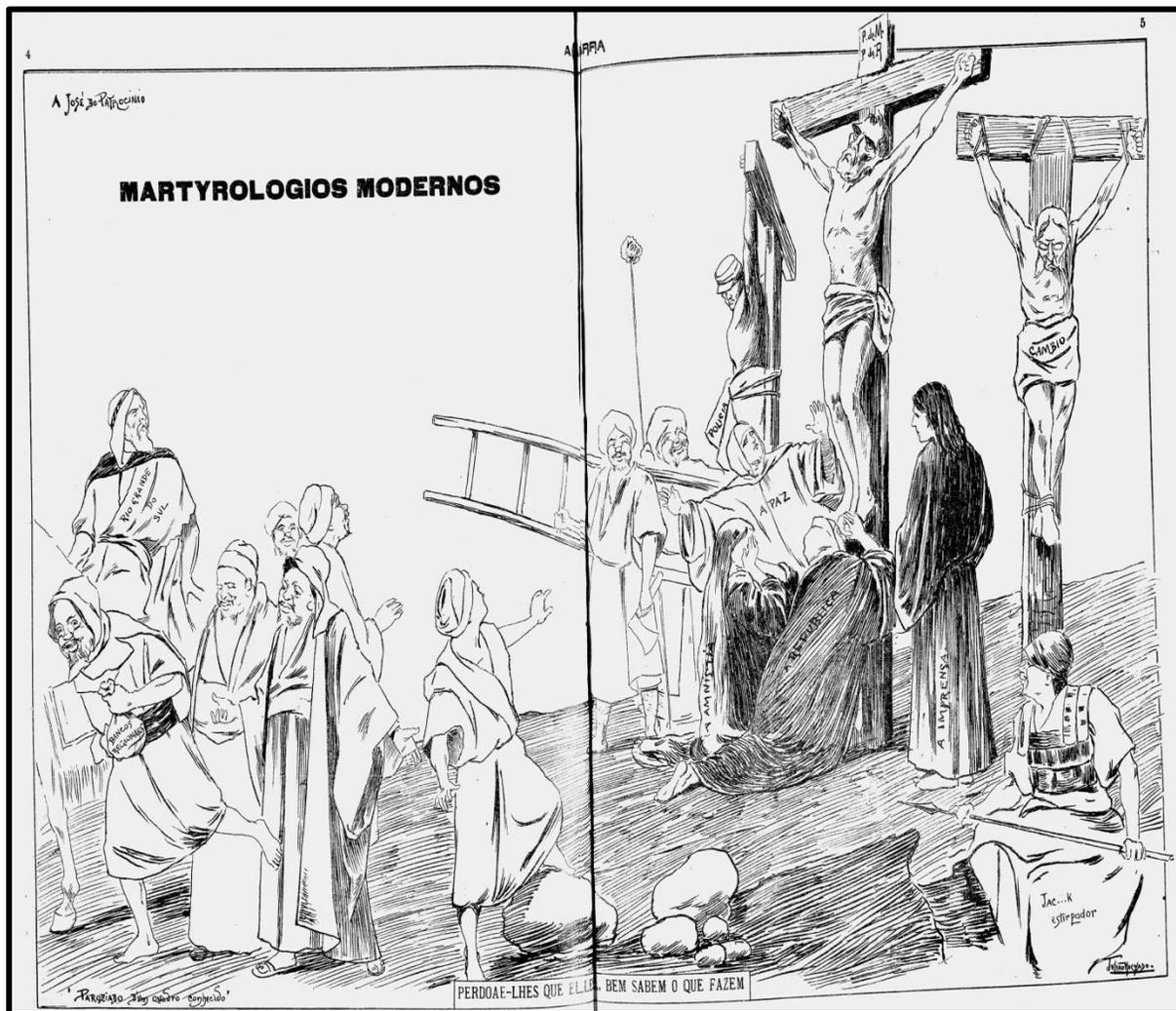
<sup>12</sup> A CIGARRA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 4 jul. 1895.

<sup>13</sup> A CIGARRA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 22, 3 out. 1895.

<sup>14</sup> A CIGARRA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 29, 21 nov. 1895.









Também em 1895 circularam no Rio de Janeiro algumas poucas edições de *O Necromante*. Em seu lançamento, o periódico carioca dizia que, “despretensioso, vem hoje a lume mais um batalhador alistar-se nas fileiras dos que livremente pelejam pelo bem público”. A folha destacava que “seu programa não é vasto, mas é forte e nada o desviará do caminho traçado pelas suas convicções, que por certo não são subordinadas a nenhuma ideia política, nem filiadas a nenhum partido”. Assim a publicação ilustrada e humorística garantia que não tinha e não faria política. Pretendia realizar uma “crítica severa, justa e comedida”, ou seja, “verdadeira”, como “a ciência do gosto dirigido pela justiça”. Em síntese, sua proposta era a de estar “sempre rindo e fazendo rir, sem ódios e sem ofensa”<sup>15</sup>.

Já em seu primeiro número a dama do barrete frígio se fazia presente, por ocasião das comemorações da data da independência nacional, homenageada por uma alegoria por ela protagonizada ao lado do Presidente da República<sup>16</sup>. A questão da anistia, diante dos focos de guerras civis que marcaram os primeiros tempos da forma republicana, foi um dos temas de preocupação da folha, como ao mostrar indivíduo que fazia o papel de parteira de uma mulher-república cujo rosto sequer aparecia, surgindo apenas o seu barrete colocado sobre o seu corpo, do qual o grande destaque era o ventre de uma grávida, de onde se esperava que nascesse aquele ato de perdão coletivo<sup>17</sup>. A folha também imaginava a república

---

<sup>15</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 7 set. 1895.

<sup>16</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 7 set. 1895.

<sup>17</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 6, 12 out. 1895.

como um ser feminino que pairava no ar, carregando a bandeira da anistia e derrubando indivíduos trajados de soldados romanos e identificados com o jacobinismo, força política radical que se opunha aquela ação de indulgência<sup>18</sup>. Tal representação imagética surgia ainda a expulsar os restauradores monárquicos, a pontapés, em direção à “casa do diabo”<sup>19</sup>. Uma construção alegórica em homenagem ao sexto aniversário do 15 de Novembro, trazia a mulher-república como símbolo da nacionalidade e da liberdade<sup>20</sup>. Voltando à temática do confronto contra os monarquistas, a revista trazia a figura feminina de espada em riste atacando o representante do monarquismo<sup>21</sup>.

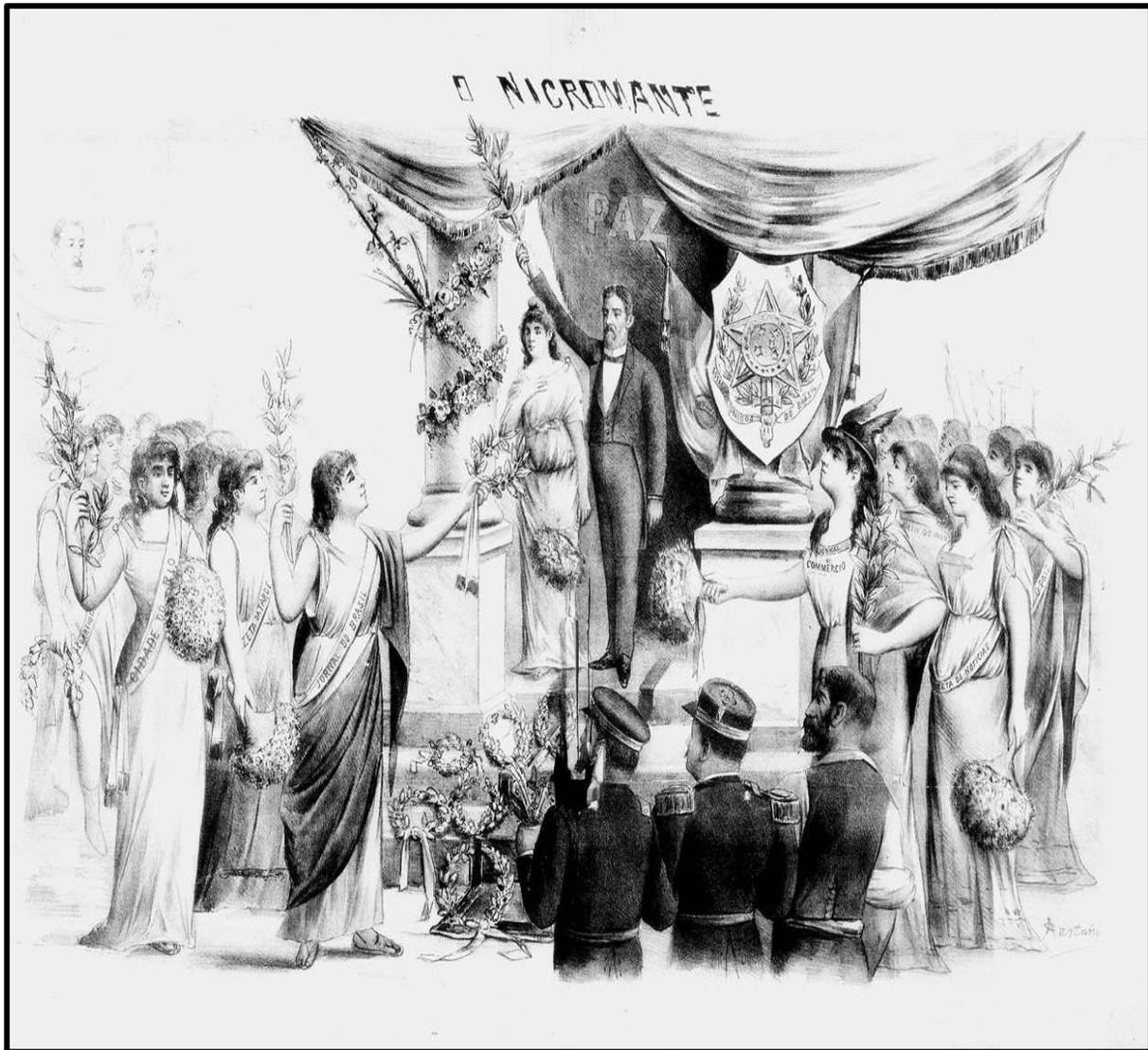
---

<sup>18</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 8, 26 out. 1895.

<sup>19</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 8 nov. 1895.

<sup>20</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 10, 16 nov. 1895.

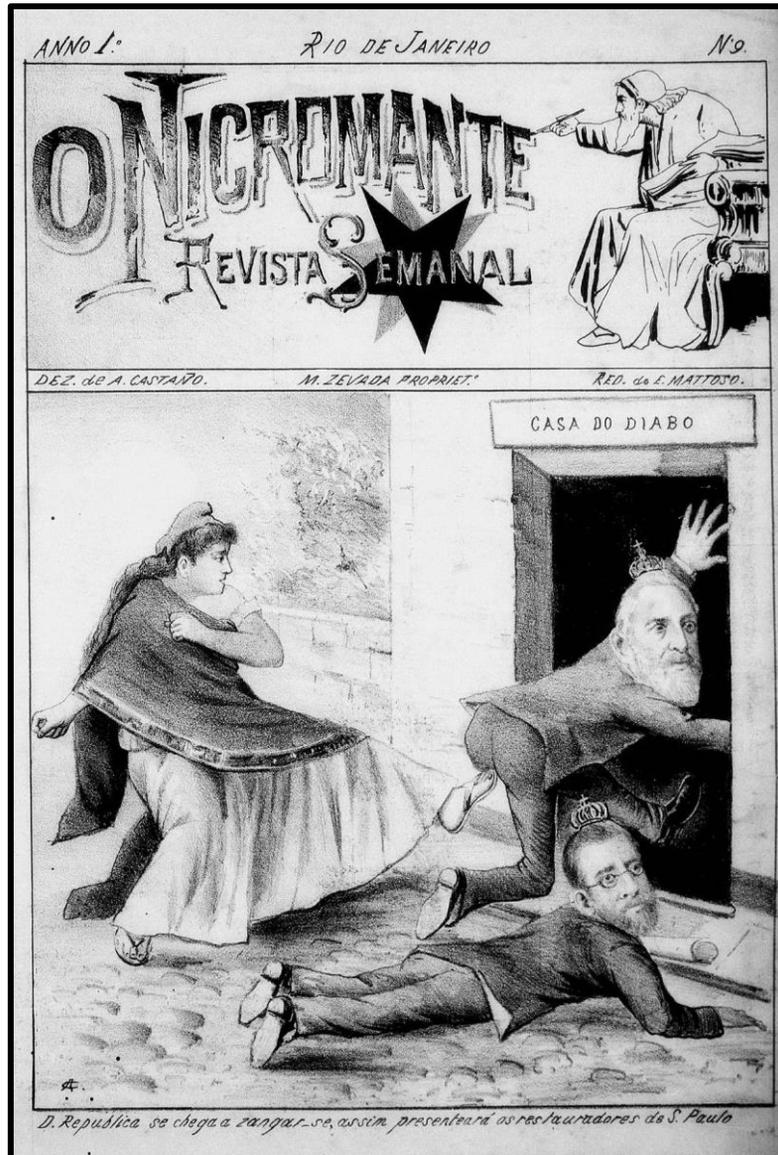
<sup>21</sup> O NECROMANTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 11, 25 nov. 1895.



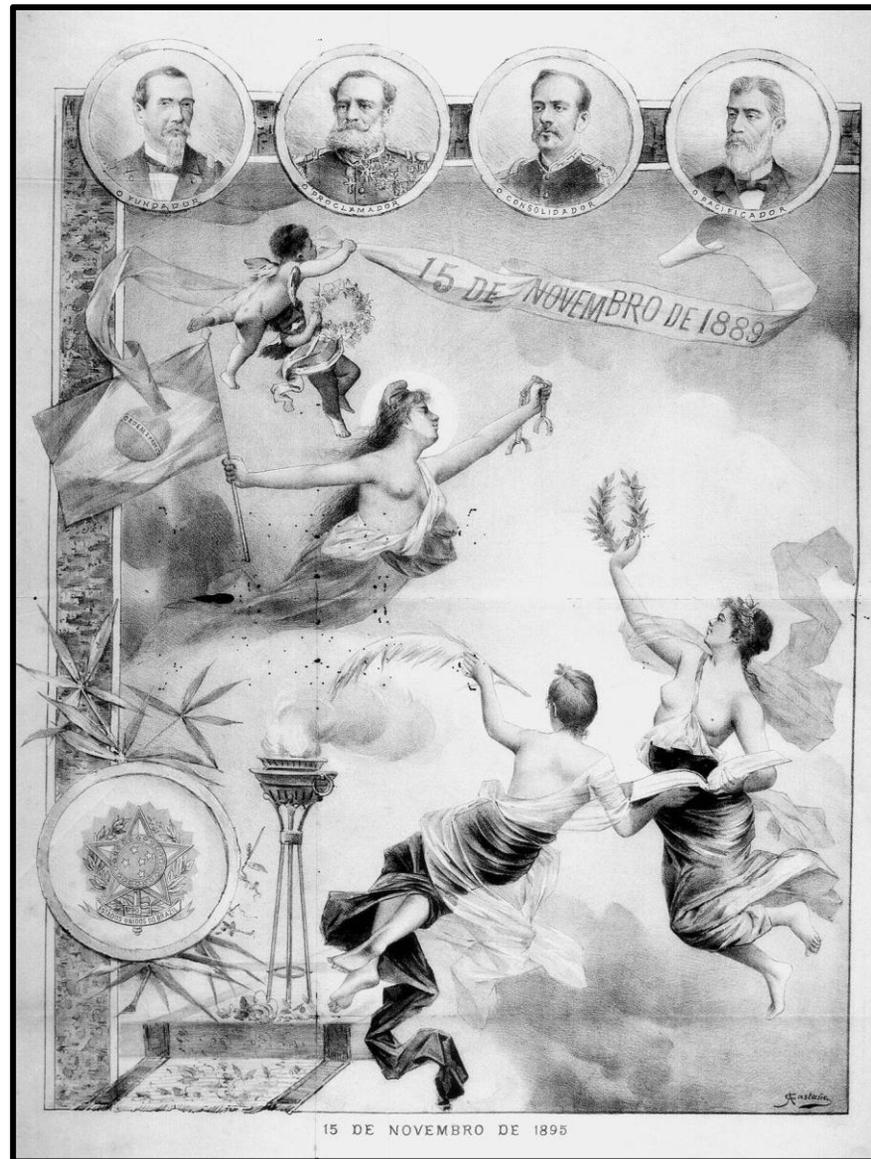


A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA





A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA





Com várias edições lançadas no Rio de Janeiro, em 1898, *O Mercúrio* foi outra publicação de curta duração. Sua criação esteve vinculada a “um sistema de anúncios”, com evidência para o “cartaz artístico”. Pretendia constituir uma “revista de comércio com a sua literatura especial”, além de abranger “todos os conhecimentos que possam interessar os espíritos ávidos de cultura”. Dizia ainda que se tornaria “uma verdadeira revista das revistas”, cuja leitura poderia agradar “a todos os gostos pela variedade, utilidade e boa escolha de assuntos”<sup>22</sup>. Ainda que seu principal interesse fosse o comercial, como inclusive indica o seu próprio título, *O Mercúrio* também abriu suas páginas para a arte caricatural. No que tange à dama do barrete encarnado, o periódico faz uma referência à França, com um olhar crítico quanto ao avanço da religiosidade em tal país, com uma simbólica troca daquela indumentária por uma coroa<sup>23</sup>. Em defesa da liberdade de imprensa, uma figura feminina expunha uma inscrição favorável a tal preceito, aparecendo ao fundo o busto da imagem da república, com a sugestão de que a mesma deveria estar a defender aquele princípio<sup>24</sup>. Mais uma representação estatuária da forma republicana era observada por sebastianistas – em alusão aos restauradores – que não se conformavam com a continuidade do novo regime<sup>25</sup>. Assim, tais folhas humorísticas, apesar de suas durações efêmeras, não deixaram de marcar suas posições através do uso da alegoria feminina da república.

---

<sup>22</sup> O MERCÚRIO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, jun. 1898.

<sup>23</sup> O MERCÚRIO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 64, 3 out. 1898.

<sup>24</sup> O MERCÚRIO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 68, 7 out. 1898.

<sup>25</sup> O MERCÚRIO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 85, 17 nov. 1898.







IMAGENS DA DAMA DO BARRETE  
FRÍGIO POR MEIO DA ARTE  
CARICATURAL PUBLICADA EM  
PERIÓDICOS CARIOCAS DAS TRÊS  
PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Na virada do século XIX ao seguinte, as publicações ilustradas, inclusive as voltadas à caricatura passaram por uma etapa cuja tendência geral foi a de declínio<sup>26</sup>. O espaço para a caricatura de combate com maior veemência ficou mais restrito, além das grandes transformações técnicas que afluíam e para as quais a arte caricatural tinha de buscar adaptações. Em consonância com tais mudanças, ao raiar do século XX, o Brasil estava aparelhado para o surto admirável que a caricatura havia de adquirir nas suas três primeiras décadas. Para tanto contribuíram o lançamento e a renovação dos grandes jornais políticos e revistas ilustradas, destinadas à maior difusão no país, com folhas ilustradas que chegaram a ter circulação nacional, além de outras, de efêmera duração, mas nem por isso menos expressivas da nova orientação gráfica, artística e literária que se iniciara em tal centúria<sup>27</sup>. Nesses periódicos, longevos ou efêmeros, a presença da dama de barrete frígido como símbolo da república foi uma constante.

Dentre elas esteve a *Tagarela*, editada no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1904, que se apresentava no frontispício como “semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda comercial”. A publicação era anunciada pela redação como a reunião presidida pelo “desinteresse devotado de um punhado de rapazes”, que prometiam “dedicação sem limites” e mantendo “a esperança no

---

<sup>26</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 220.

<sup>27</sup> LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1. p. 137 e 141.

acolhimento do respeitável público”. Dizia que havia “sensível falta no meio culto” de “uma folha ilustrada que fosse útil ainda que brincando”. Considerava também que entre a população lavrava a apatia, de modo que este “pobre povo precisava rir” e “rir às escancaras”, para disfarçar ou minorar “toda essa carrancuda máscara de todos os dias, cheia de vicissitudes e de mágoas”. Contando com “o favor público”, apontado como “a única relação de dependência” que possuía, a revista pretendia atingir seu escopo, ou seja, “dotar esta terra com um oráculo de imprensa que dispense as insinuações do velho mundo”<sup>28</sup>.

Uma das presenças da mulher-república no *Tagarela* deu-se a partir de uma figura feminina, com as vestes da antiguidade clássica, que se encontrava abraçada ao busto de um escritor satirista romano, cuja base era um cofre no qual à porta havia uma sentinela em alusão aos constantes riscos que as verbas públicas vinham sofrendo<sup>29</sup>. A República Venezuelana também se fez presente nas páginas do periódico, agindo na defesa contra ações imperialistas, avaliadas como covardes pela folha<sup>30</sup>. As articulações entre civis e militares, consideradas como “forças ocultas”, contando com a anuência da república, foi denunciada pela publicação humorística<sup>31</sup>. As disputas pela hegemonia sul-americana entre o Brasil e a Argentina eram representadas com uma alegre República Argentina

---

<sup>28</sup> TAGARELA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 1º mar. 1902.

<sup>29</sup> TAGARELA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 3, 15 mar. 1902.

<sup>30</sup> TAGARELA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 43, 20 dez. 1902.

<sup>31</sup> TAGARELA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 49, 29 jan. 1903.

em amistosa relação com o Tio Sam, símbolo da nação estadunidense. Além disso a dama republicana argentina surgia utilizando uma máscara teatral para esconder suas verdadeiras feições de tom belicoso, sem revelar “a verdade”<sup>32</sup>. O chanceler do Brasil, Barão do Rio Branco, dava um “presente de grego” para a República Brasileira, em referência aos rumos dados às negociações pela fronteira no Acre, embasadas no desembolso de valores financeiros, considerados pela folha, ironicamente, como um “grande negócio”. Nas comemorações do 15 de Novembro, a magazine mostrava o encontro entre o indígena, representação do povo brasileiro, e a jovem república, com aquele perguntando se ela estava satisfeita ao completar seu décimo-quarto aniversário, obtendo uma resposta de teor negativo quanto a evoluções, pois, o país teria regredido à “idade da pedra”<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> TAGARELA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 50, 5 fev. 1903.

<sup>33</sup> TAGARELA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 92, 26 nov. 1903.













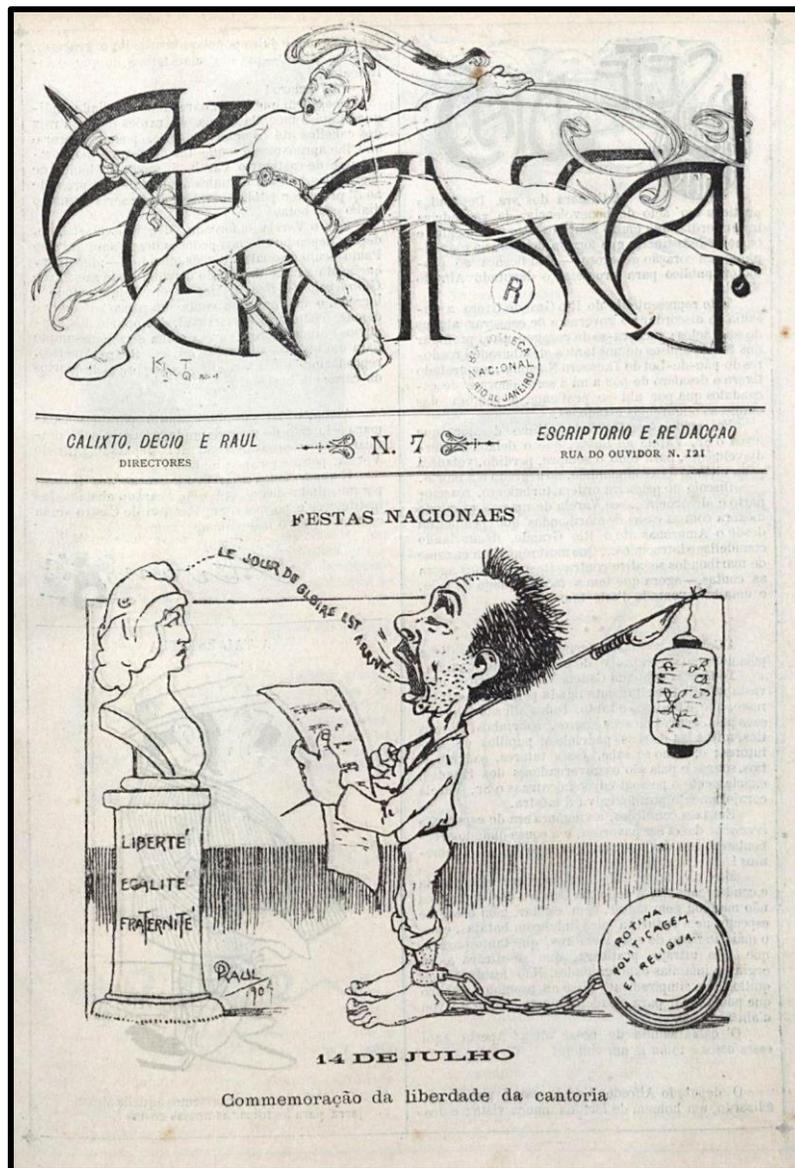


Outra revista ilustrada e humorística, que circulou no Rio de Janeiro por brevíssimo período em meados de 1904, foi a intitulada *Avançar*. Em seu programa, a publicação afirmava que seu objetivo era “simplesmente avançar”, apresentando várias definições trazidas pelo dicionário para tal termo. Dizia que tal avanço encontrava-se no país de norte a sul, “por toda a parte, desde o opulento Palácio do Catete até a mais humilde palhoça do proletário”, onde “reina um *avança* generalizado, medonho, alastrante e invasor, a quem ninguém resiste, em que todos insensivelmente tomam parte”. Ressaltava ainda que o “jornal, obedecendo a essa corrente, vem, com um sorriso de bonomia no rosto e uma sofrível dose de bom humor no espírito, *avançar* contra as simpatias dos leitores”, lhes capturando “as boas graças, rindo e fazendo-os rir”, vindo a “colocar-lhes diante dos olhos, em bonecos recortados do natural, todos os *avanças* que fazem parte da formidável procissão que passa triunfante e jamais saciada”<sup>34</sup>. Durante a curta existência do periódico, houve uma presença da figura feminina republicana, em referências às comemorações do 14 de julho, a partir da herança francesa que muito influenciou no pensamento republicano brasileiro. Na gravura, um popular discursava diante do busto da república, sendo considerado tal ato como uma “comemoração da liberdade da cantoria”, entretanto o personagem não tinha nada de livre, pois, como um prisioneiro, encontrava-se agrilhado a uma bola de ferro, que fazia alusão aos males promovidos a partir da “politicagem”<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> AVANÇA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 4 jun. 1904.

<sup>35</sup> AVANÇA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 7, 18 jul. 1904.



Também com breve tempo de circulação, entre o segundo semestre de 1908 e os primórdios de 1909, foi editado no Rio de Janeiro *O Degas*. O periódico surgia com “o intuito de provar que este mundo não é, como dizem os tristes, um vale de lágrimas” e “que tristezas não pagam dívidas”, pois “o leitor poderá sim, pagar, com trezentos réis apenas, alguns momentos de bom humor”. Tendo em vista as ações de seus congêneres, não se via em condições de “prometer ao público trabalhos dos melhores caricaturistas conhecidos e a prosa leve dos escritores habituados a desopilar o mais opilado espírito, tratando de assuntos da semana”. Ainda que se considerasse “um semanário alegre”, declarava ter também “o direito de meter o nariz nas coisas sérias”, sendo, “em matéria de coisas sérias a que mais tem direito a essa classificação é a vida”, e se colocava na posição de protestar “energicamente contra a situação clamorosa e insustentável da população do país”<sup>36</sup>.

Apesar da pouca perenidade, a dama do barrete encarnado se fez presente nas edições de *O Degas*, como foi o caso da caricatura que demonstrava as negociações entre o Ministro das Relações brasileiro, o Barão do Rio Branco, que se encontrava abraçado à República do Uruguai, a qual trazia à mão a Lagoa Mirim, como se fosse uma joia, tendo em vista as tratativas que permitiram a navegação binacional em tal curso de água<sup>37</sup>. Nas comemorações do 7 de Setembro, a revista promovia o encontro entre a época imperial e a republicana, com o monumento erguido no Rio de Janeiro em homenagem a D. Pedro I,

---

<sup>36</sup> O DEGAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 8 ago. 1908.

<sup>37</sup> O DEGAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 4, 29 ago. 1908.

sobreposto pela aura da dama república. A inspiração patriótica da mulher-república servia ainda para ilustrar as ações de um voluntário militar, também demonstrando fervor cívico, em operações realizadas no território paulista<sup>38</sup>. O falecimento de um político mineiro trouxe as homenagens póstumas por parte do periódico, mostrando o Estado de Minas Gerais e a república velando a memória do falecido<sup>39</sup>. Já as comemorações do 15 de Novembro traziam a imagem clássica da dama republicana, carregando o pavilhão nacional, associada ao proclamador, Deodoro da Fonseca<sup>40</sup>. Em outra presença, havia o retorno do chanceler Rio Branco, em conversa com a república, que lamentava possuir um filho que lhe trazia vergonha<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> O DEGAS. Rio de Janeiro, a. 1, n.7, 19 set. 1908.

<sup>39</sup> O DEGAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 13, 31 out. 1908.

<sup>40</sup> O DEGAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 15, 14 nov. 1908.

<sup>41</sup> O DEGAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 18, 5 dez. 1908.

Anno I Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1908 Ram. 4



# DE GAS

SEMANARIO  
DE BOM HUMOR,  
MELHORES NOTAS  
E OPTIMAS INTENÇÕES

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

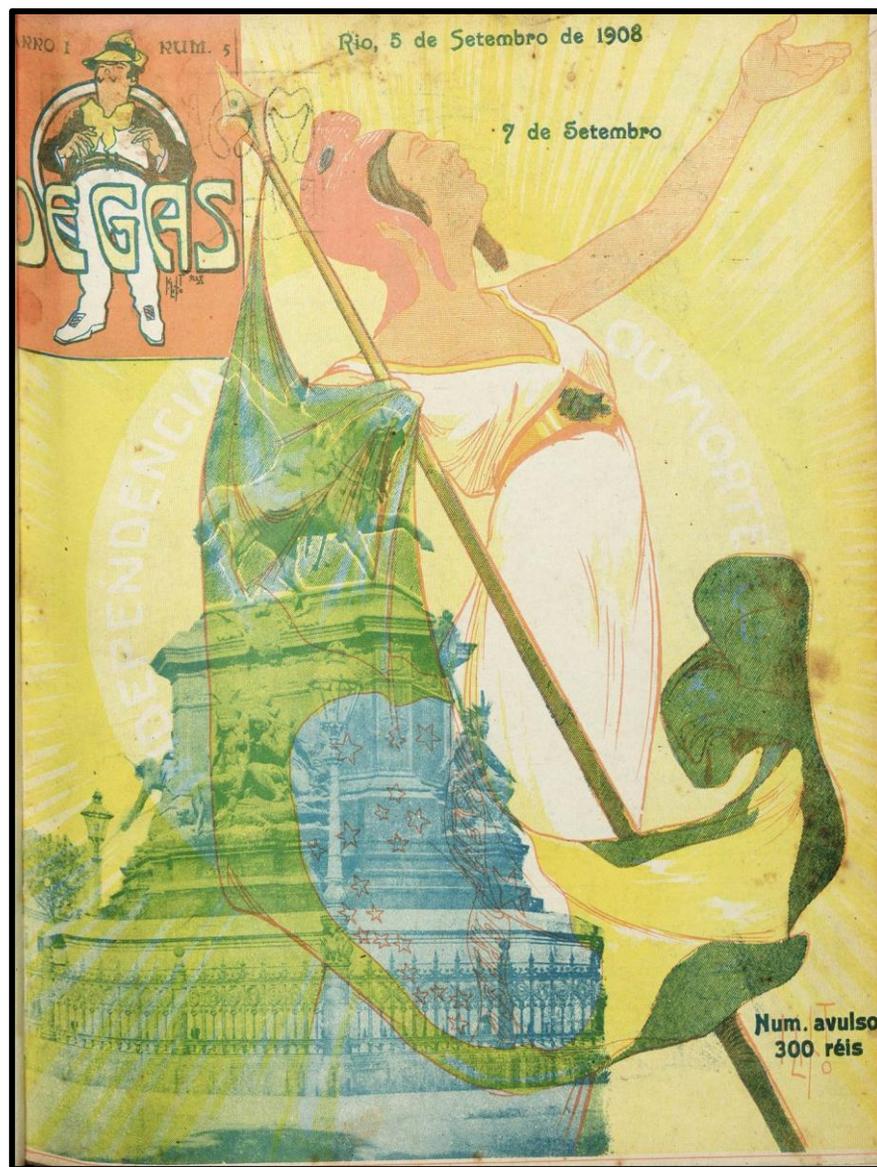
Redacção - RUA DO OUVIDOR, 67-A

Mulheres, mulheres...



BARÃO - Ah, amor das nações, a quanto obrigas!

A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA



Anno I Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1908 Num. 7



**DE GAS**

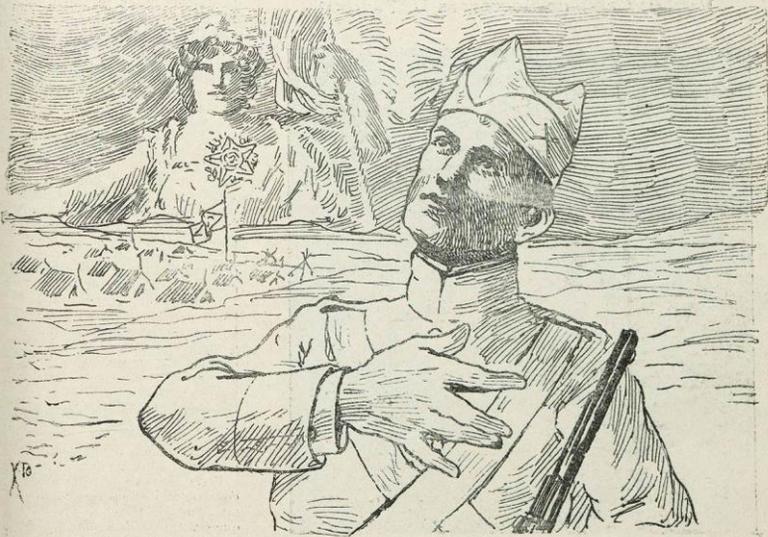
SEMANARIO  
DE BOM HUMOR,  
MELHORES NOTAS  
E OPTIMAS INTENÇÕES

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Redacção - RUA DO OUVIDOR, 67-A

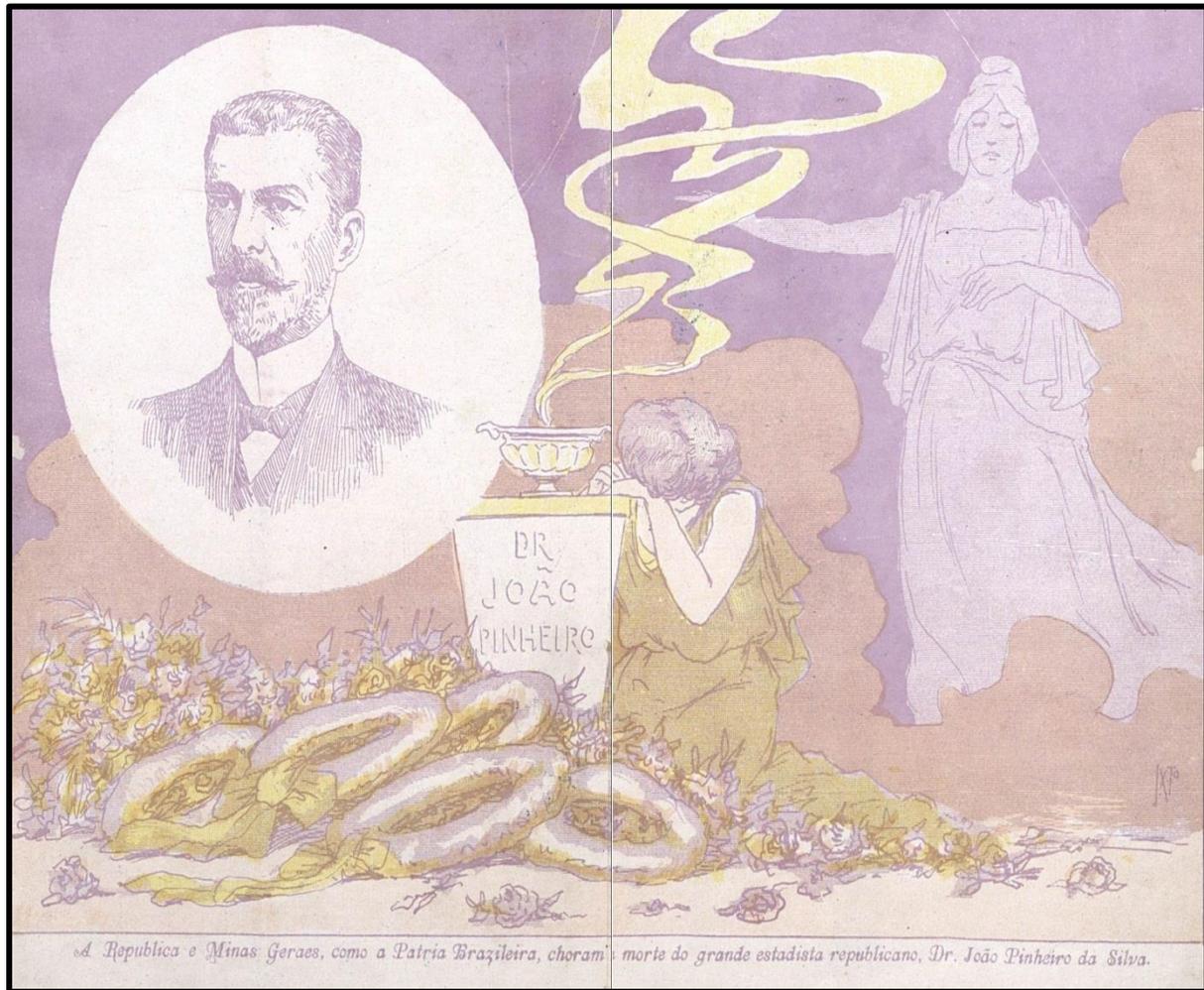
PIREOTIC  
PAGINA  
RIO DE JANEIRO

As manobras em Sapopemba



O VOLUNTARIO: — «Para servir-vos, braço ás armas feito» — «Para cantar-vos, mente ás musas dada.»

A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA







Originado a partir da *Careta*, uma das mais importantes revistas ilustradas e humorísticas brasileiras, surgiu no Rio de Janeiro, em 1909, circulando até o ano seguinte, *O Filhote da Careta*, título depois simplificado para *O Filhote*, que era anunciado como “semanário ilustrado”<sup>42</sup>. Em linguagem figurada, a redação do periódico apontava para uma “maternidade” da *Careta* para consigo, e portanto, teria a função de ser “do público a sincera opinião”, uma vez “que o menino à mãe saiu”. Como um recém-nascido, dizia que “ao vir à luz não chora” e sim “um riso nos lábios traz”, de maneira que, junto “da alma popular, seu riso – embora o do epigrama – é salutar”, sendo “infenso à sisudez e ao tédio”<sup>43</sup>. A folha pretendia abordar os “inevitáveis sucessos” da semana, definindo-se como uma publicação “chibante e alegre, a rir dos homens e das coisas, rir com o bom e saudável riso de quem não sofre de nefrites e hepatites”, olhando “as piores coisas da vida com um bom-humor sólido e amável que se traduz assim: podia ser muito pior”<sup>44</sup>.

Uma das presenças da dama republicana nas páginas de *O Filhote* ocorreu sob o sugestivo título de “ordem e progresso”, em alusão ao dístico da bandeira, em cena no Congresso Nacional, na qual ela implora a um deputado para que desse andamento a um projeto, ao que o considerado ironicamente como “pai da pátria” respondia com uma negativa, afirmando ser impossível tal intento, tendo em vista suas ocupações com o processo eleitoral, prioridade para

---

<sup>42</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 67, 11 set. 1909.

<sup>43</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 16 set. 1909.

<sup>44</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 4, 7 out. 1909.

ele no momento<sup>45</sup>. O periódico denunciava os constantes avanços do militarismo no Brasil, de modo que, ao completar vinte anos, surgia uma “República militar”, em frente a um cenário de guerra, que substituía o barrete por um capacete vinculado às lides bélicas e com as vestes formadas pelo pavilhão nacional, imaginando um futuro dominado por “espadas e canhões”. Em outra caricatura, uma jovem república carregava um calendário que marcava a sua data, o 15 de Novembro, sendo assediada por um militar, que carregava um buquê de “flores com espinhos”, e por um político, cujo ramalhete era formado por “flores de retórica”, mas ela se mostrava reticente diante das investidas, duvidando das intenções dos pretendentes. Uma gravura apresentava ainda a pretensão de uma suposta tentativa de restauração monárquica, cujos representantes chegavam ao país em um dirigível, enquanto em solo aparecia o clérigo que proferira a profecia que previa o movimento sebastianista, enquanto a mulher-república se mostrava amplamente surpreendida com tal projeto. Ainda por ocasião do vigésimo ano da forma de governo instaurada em 1889, o semanário caricaturava uma cena de devassidão, que transformava a vida política nacional em uma festa, ou seja, “o bródio de aniversário”, no qual aparecia a silhueta de Benjamin Constant que, tal qual um Diógenes, de lanterna à mão, ao invés de um homem justo, buscava a verdadeira república que idealizara nas origens do movimento antimonárquico e não

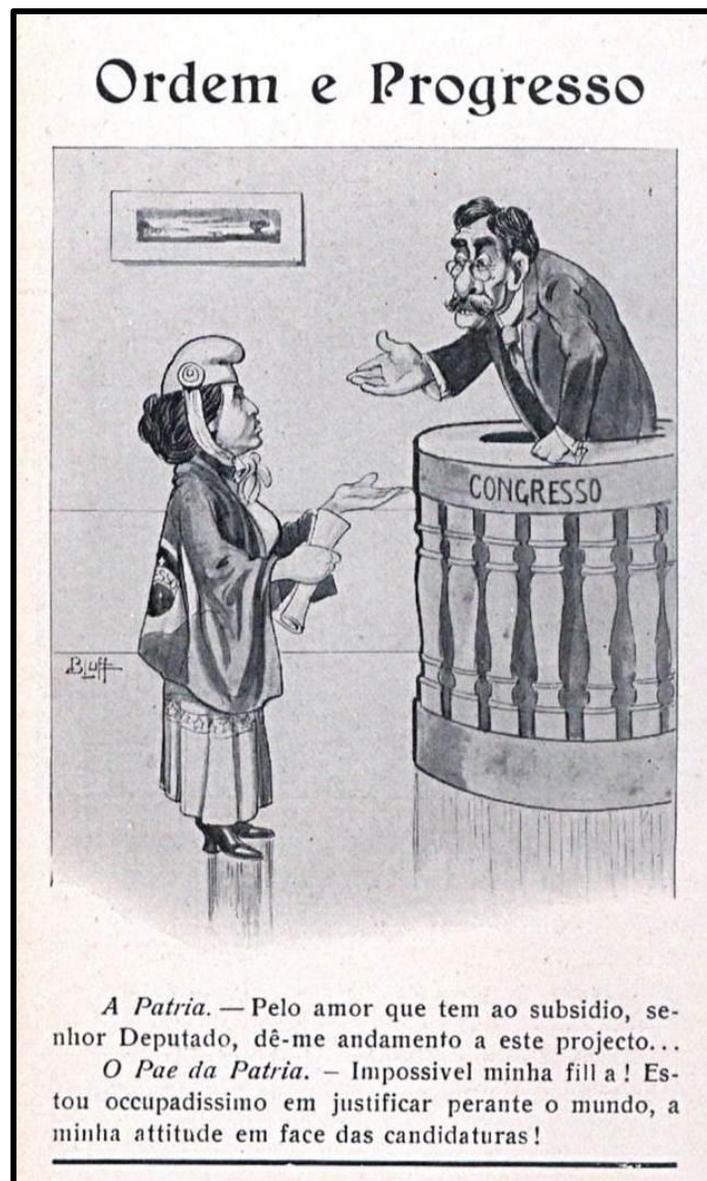
---

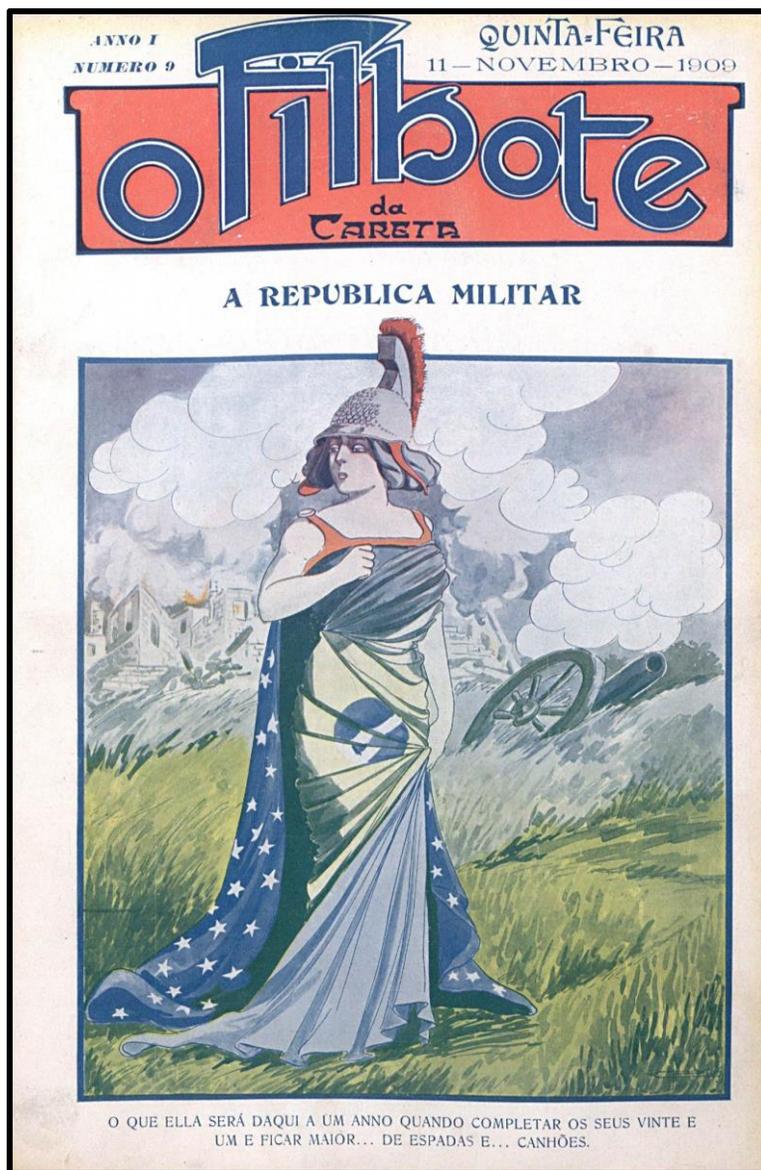
<sup>45</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 8, 4 nov. 1909.

conseguia enxergar naquele momento, em que uma república considerada libertina se entregava à depravação dos políticos<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 11 nov. 1909.





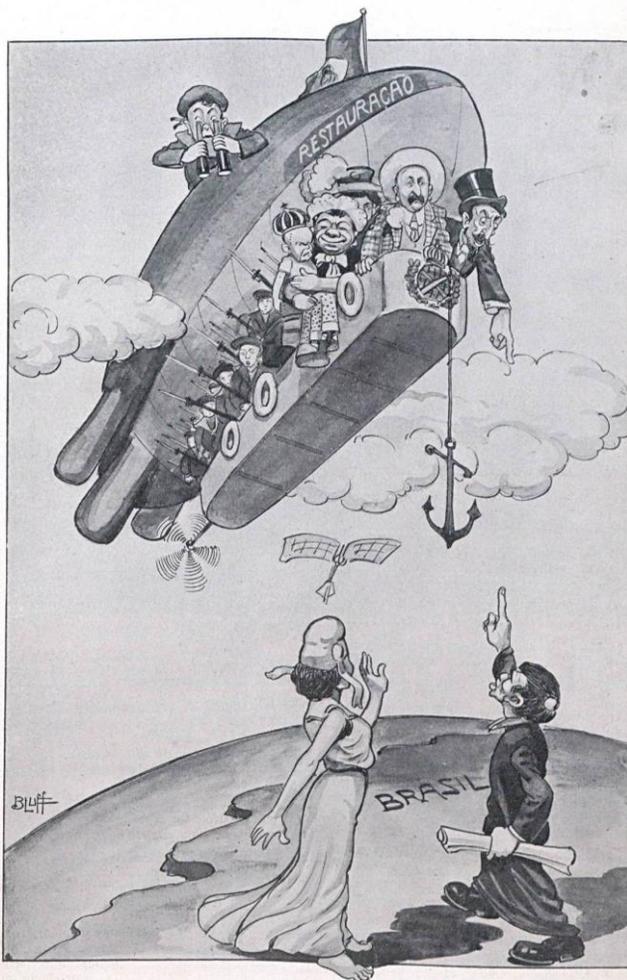
O FILHOTE

## O Vigésimo Anniversario

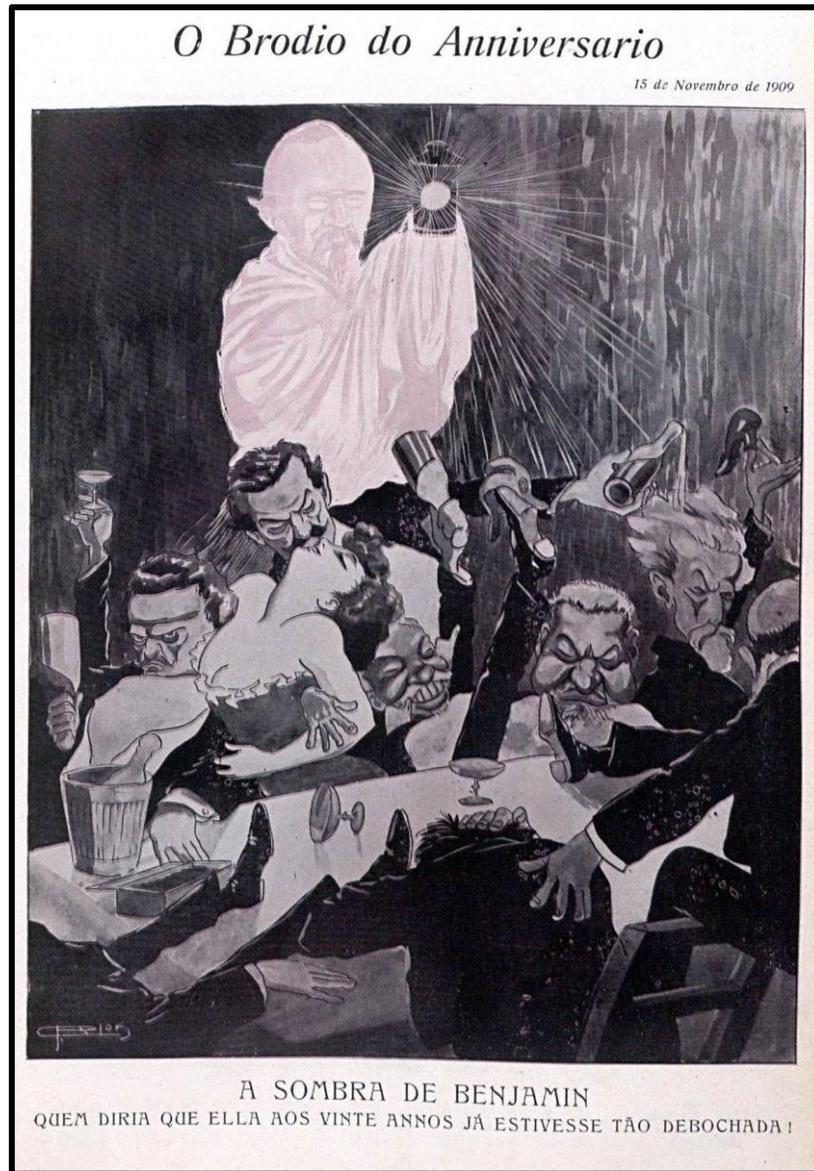


*A REPUBLICA. — Muito amaveis, não ha duvida, mas as intenções é que são ellas. . .*

RESTAURAÇÃO PELOS ARES



Segundo a prophécia do Conego Dr. Woffenbüttei (raio de nome!) a Família de Bragança virá restaurar a monarchia n'um dirigivel "Zappelin".  
Ao Mucio para informar e ao Dr. Juliano Moreira para internar os dois em seu palacete.



De arma à mão, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, como um “sentinela alerta”, cuidava da fronteira com a Argentina, e avisava aos vizinhos que se manifestavam do outro lado da “cerca” lindeira, que não fizessem tanto barulho, caso contrário poderiam acordar a dama republicana, a quem velava o sono, pois eles deveriam tomar cuidado caso ela despertasse<sup>47</sup>. As disputas por fronteiras quanto à região de Palmas era associada pelo periódico ao movimento conhecido como Questão do Contestado, com o confronto em zona de litígio entre Paraná e Santa Catarina, e, perante tal cena, a folha destacava que os interesses do capital internacional estariam prevalecendo sobre os nacionais, ao mostrar um saco de libras amassando o lema da bandeira nacional, bem como criticava aquilo que considerava como falta de “união nacional”, destacando ainda um “patriotismo regional”, enquanto, ao alto, a dama do barrete frígio observava tudo aquilo com tristeza<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 14, 16 dez. 1909.

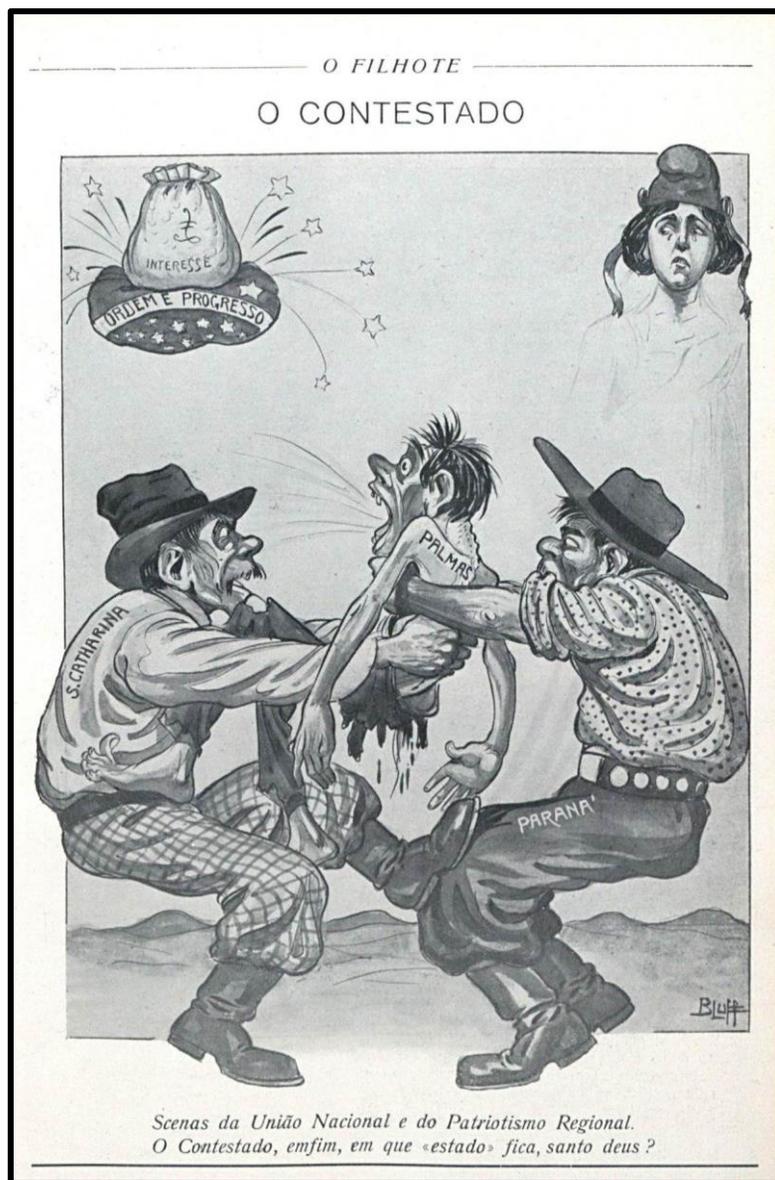
<sup>48</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 17, 6 jan. 1910.

O FILHOTE

## Sentinella alerta!



*Barão.* — A gritaria de vocês não espanta, acorda. E muito cuidadinho, si ella desperta.



Uma envelhecida "*ré pública*", em referência aos regressos do republicanismo nacional, aparecia carregada de benesses, riquezas, poder e discursos para oferecer tais vantagens aos parlamentares, de modo a convencê-los mais facilmente quanto à aprovação dos projetos que significavam "conquistas oficiais", ou seja, governistas, sendo considerados tais atos como um "simbolismo" do cenário político-partidário do país<sup>49</sup>. Como uma conciliadora, a dama do barrete encarnado buscava apartar e apaziguar as disputas entre civilistas e hermistas, visando a estimular um "despertar do civismo", ao refletir sobre a Campanha Civilista, uma das rupturas oligárquicas ocorridas na República Velha, e que antepôs as candidaturas de Rui Barbosa, pela oposição, e de Hermes da Fonseca, pela situação, com a vitória deste<sup>50</sup>. A respeito da necessidade de reaparelhamento da armada nacional, o povo conclamava a república, que carregava uma belonave, a aguentar o peso de suas responsabilidades<sup>51</sup>. A jovem República Brasileira se mostrava tristonha por ser ludibriada pelo Presidente, que, com sua mensagem, estava a enrolar a figura feminina, tanto no sentido figurado quanto no literal<sup>52</sup>.

---

<sup>49</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 18, 13 jan. 1910.

<sup>50</sup> O FILHOTE DA CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 22, 10 fev. 1910.

<sup>51</sup> O FILHOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 31, 14 abr. 1910.

<sup>52</sup> O FILHOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 35, 12 maio 1910.

O FILHOTE

## Symbolismo Politico



Typo da madama ré publica que inspirava a maioria do Congresso e que hoje anda a tentar conquistas officiaes.



## A REPUBLICA DE AÇO



*O Povo.* — Aguenta lá o peso das  
tuas responsabilidades.



Entre 1911 e 1913 foi editado no Rio de Janeiro o *Álbum de caricaturas*, que viria a denominar-se *O Gato – Álbum de caricaturas*, ou simplesmente *O Gato*. Constituiu uma influente revista ilustrada, sendo uma publicação extremamente cuidada e com uma diagramação inovadora para a época<sup>53</sup>. Teria atingido significativa popularidade, chegando sua redação a noticiar a constante chegada de cartas “de cumprimentos e felicitações” pelo seu “inigualável sucesso”, fator que fazia com que fosse “a sua tiragem escandalosamente aumentada”<sup>54</sup>. Conforme seu próprio título, a estrutura editorial da revista privilegiava o segmento iconográfico de expressão da arte caricatural, que superava amplamente em número de páginas o conteúdo textual.

Nessa amplitude imagética, a dama republicana foi uma representação recorrente nas páginas da publicação humorística. Uma delas mostrava a figura feminina padecendo em dores por estar constipada, havendo referência a uma incompatibilidade de um ocupante do Ministério, ao passo que o remédio laxativo que poderia aplacar os males da república estava identificado com o nome de Rui Barbosa, candidato de oposição que fora derrotado pela candidatura governista de Hermes da Fonseca<sup>55</sup>. Em outro desenho, uma jovem república trocava o barrete frígio pela coroa de louros e entregava um Prêmio

---

<sup>53</sup> LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros (1836-2001)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2001. p. 94.

<sup>54</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 25 nov. 1911.

<sup>55</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 7, 8 nov. 1911.

Nobel ao chanceler brasileiro Barão do Rio Branco, apontado como candidato a tal premiação. Por outro lado, em seu aniversário, uma mulher-república mais madura, fazia uma forte declaração, questionando se a achavam “velha e alquebrada” e constatando que não poderia ser diferente, afinal ela estaria a contar com “vinte e dois anos de prostituição”, em alusão aos males que afligiam a vida política brasileira. Ainda na ocasião em que a forma de governo instalada em 1889 completava vinte e dois anos, a república enfrentava difícil circunstância, em tamanho diminuto com relação a uma enorme ave de rapina que a dominava pelo bico, havendo alusão aos “abutres temíveis e insaciáveis”, termo relacionado aos homens públicos de então, responsabilizados pelas mazelas sócio-políticas que se avolumavam no país. Também levando em conta o seu aniversário, a mulher-república se via em uma situação de submissão, ao ter de pedir licença e beber no bico da chaleira estendida pela autoridade presidencial. Na mesma linha, a dama republicana, utilizando o pavilhão nacional como indumentária, tinha transmutada sua cabeça, sendo colocada no lugar a do próprio Presidente da República. Ela também surgia com feição de preocupação, ao ler notícias sobre violências praticadas durante processo eleitoral em Pernambuco durante novembro, vindo a lastimar que nascera em um “mês fatídico”<sup>56</sup>.

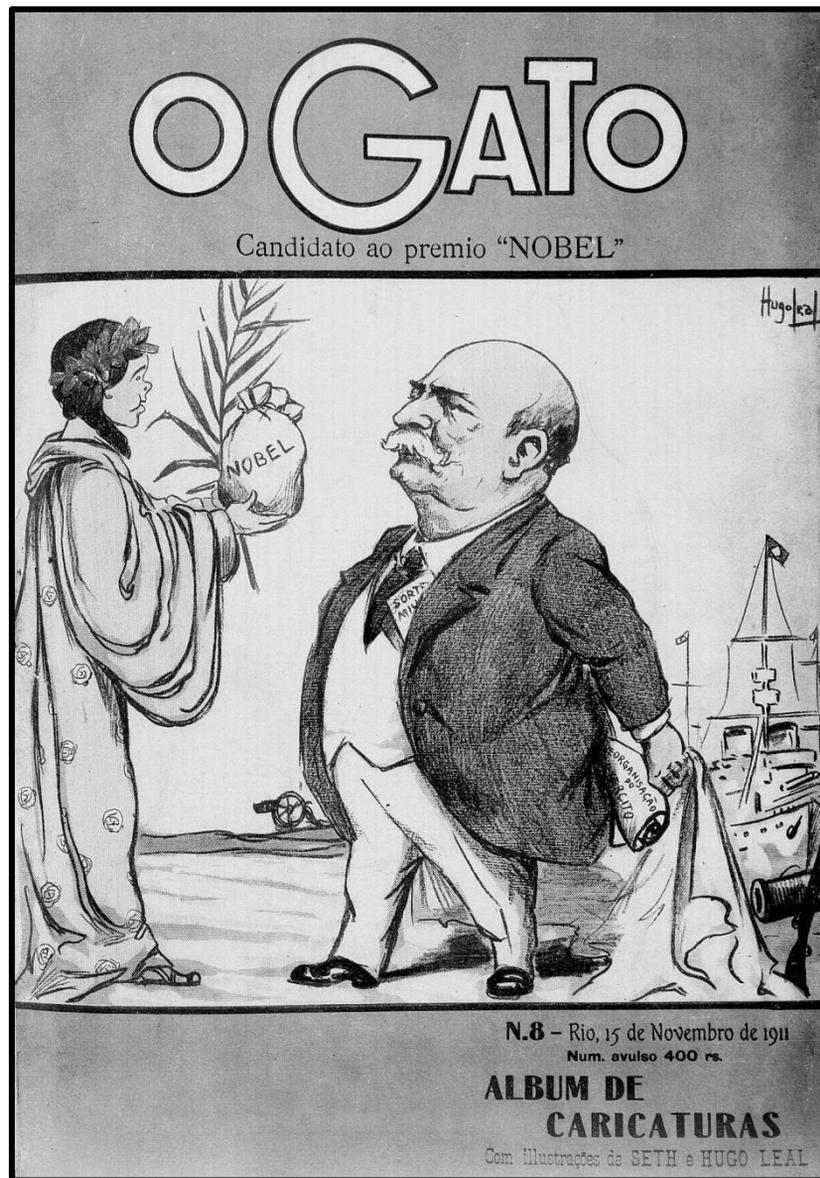
---

<sup>56</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 8, 15 nov. 1911.

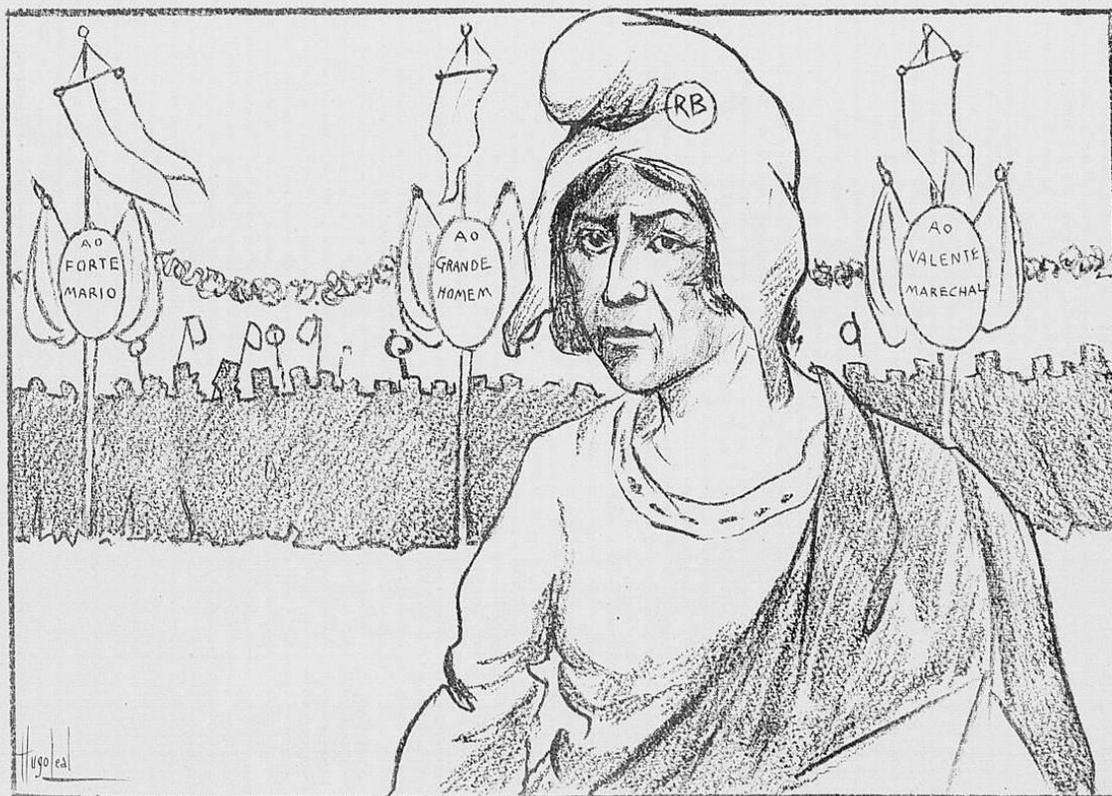
A incompatibilidade do cargo de ministro



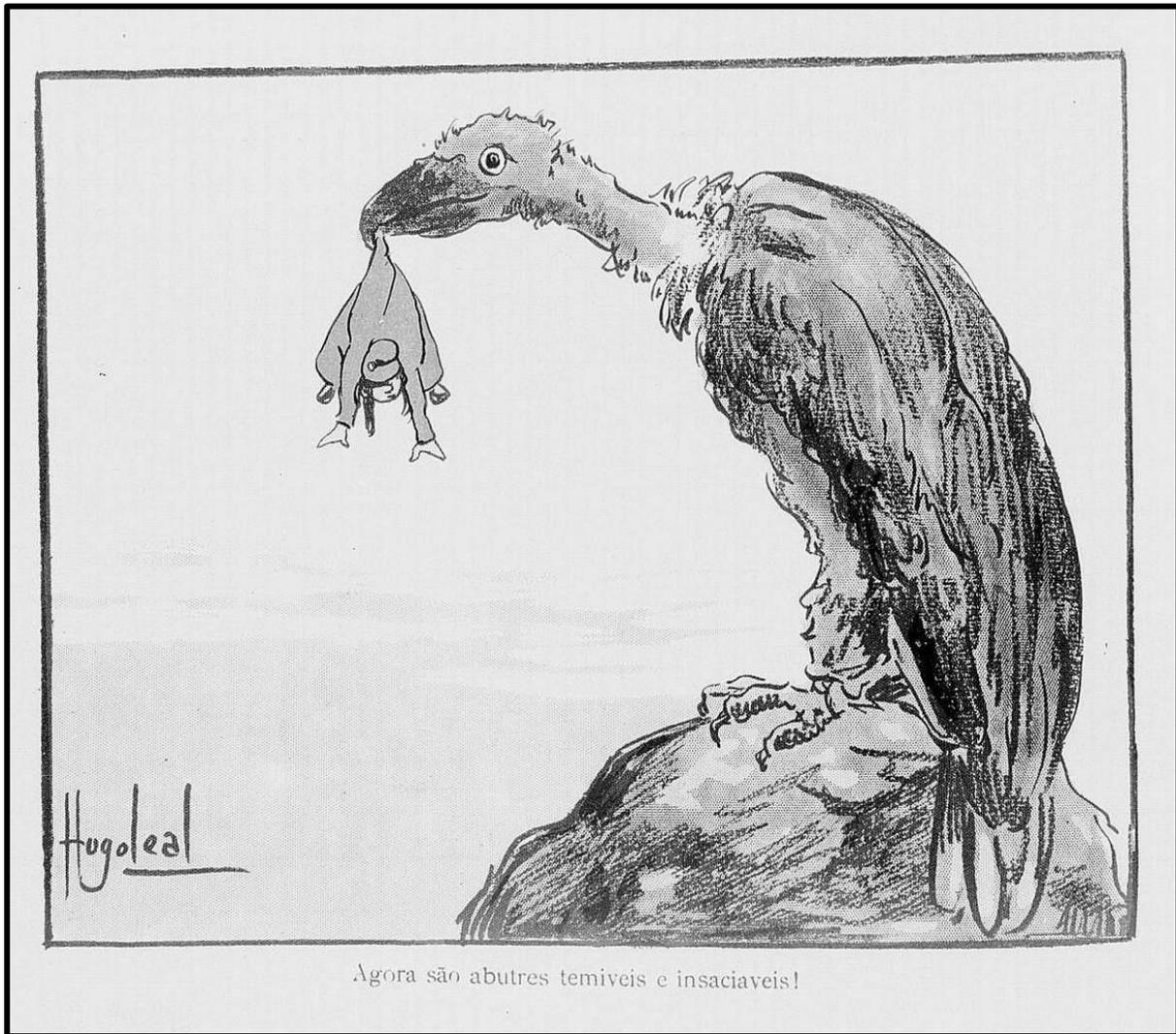
Qual... nae sae...



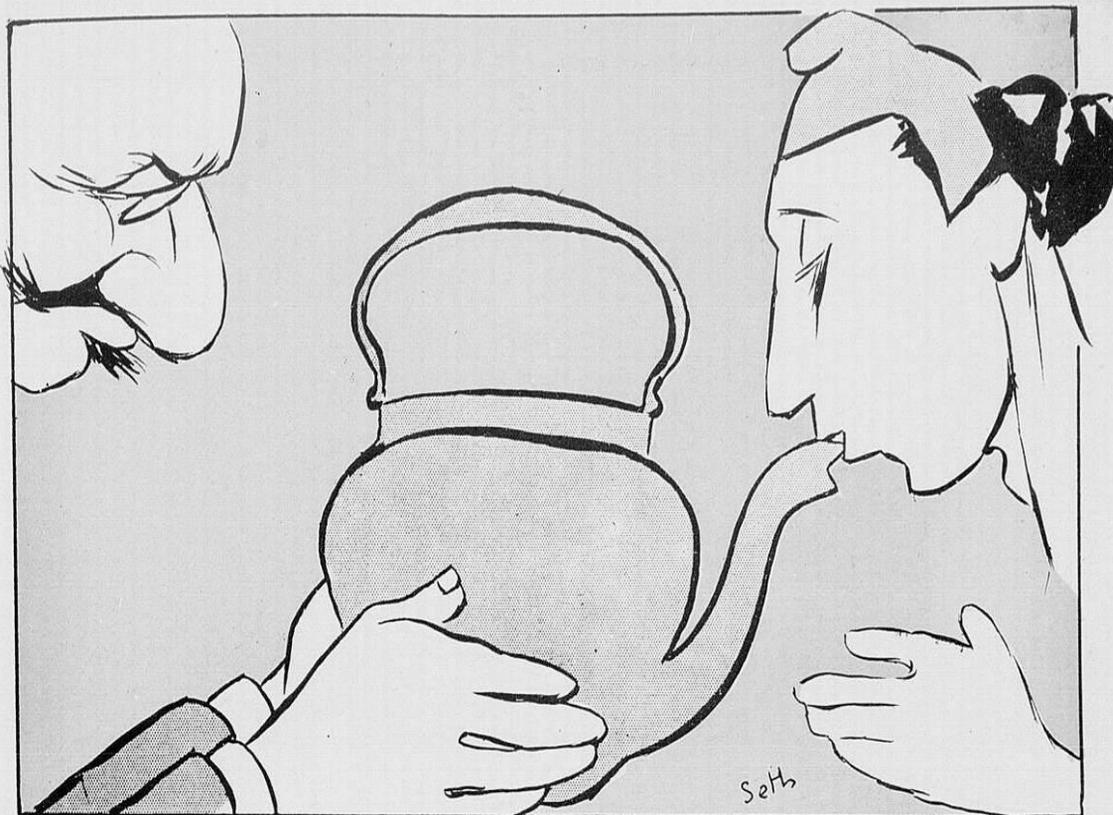
O SEU ANNIVERSARIO



..... Acham-me velha e alquebrada?..... Pudera..... vinte e dois annos de prostituição..!



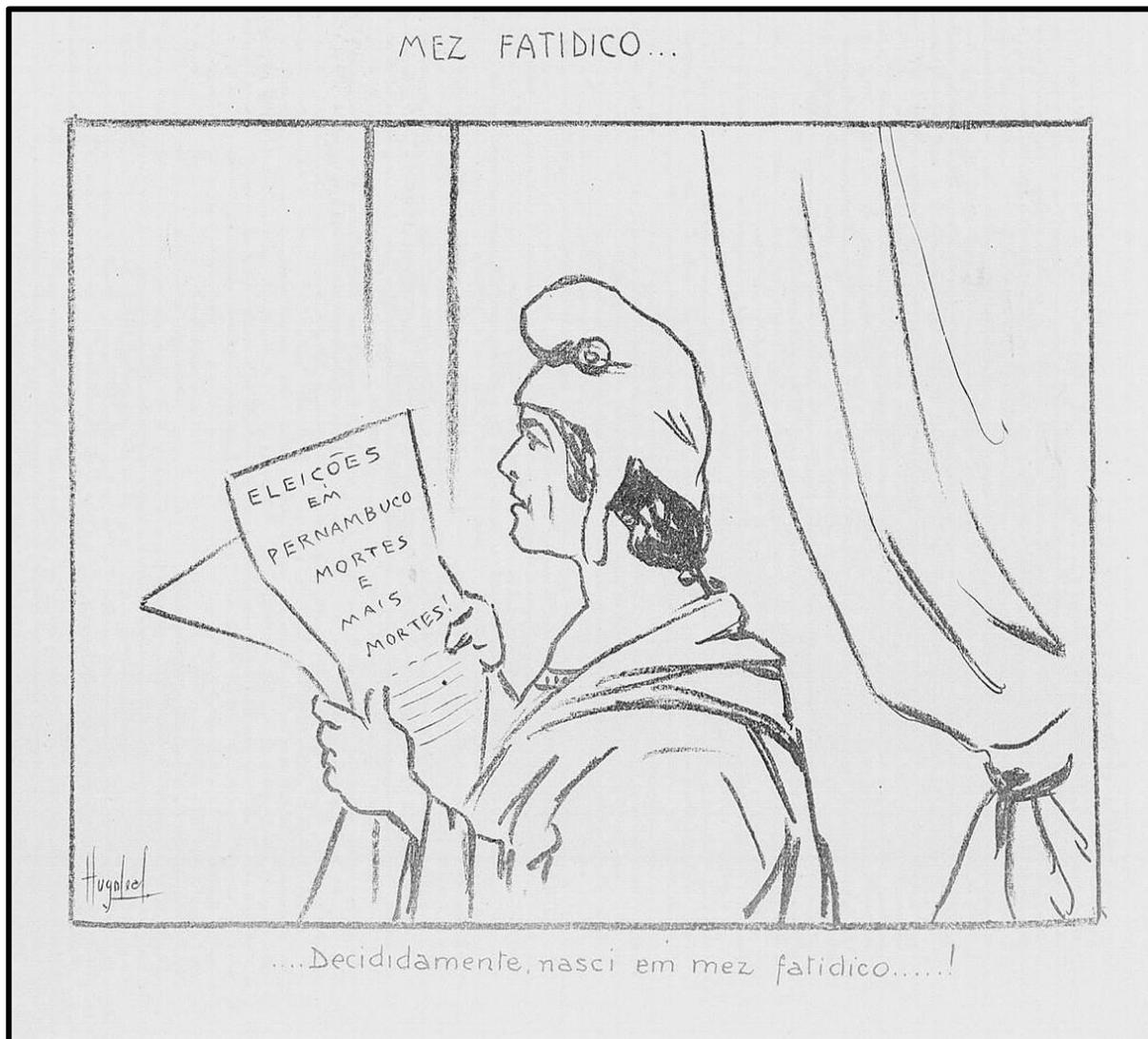
O ANNIVERSARIO D'ELLA



*Com licença, Marechal...*

A MULHER COMO ALEGORIA DA REPÚBLICA: ESTUDOS DE CASO A PARTIR DA IMPRENSA





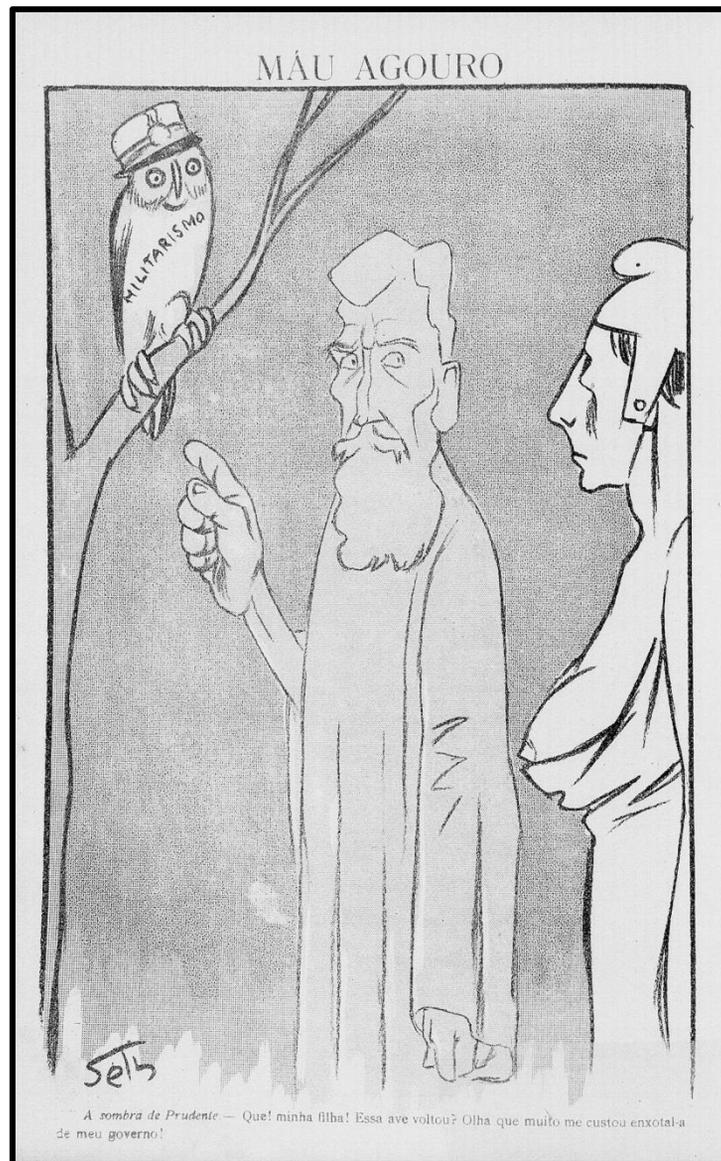
O espectro do falecido ex-Presidente Prudente de Moraes chamava atenção para uma desprotegida república, que aparecia com os seios desnudos, trazendo-lhe um “mau agouro” ao apontar para uma ave identificada com o militarismo, destacando para os riscos de tal presença, ainda mais que revelava experiência quanto ao tema, na condição de ter sido o primeiro mandatário civil da forma de governo republicana que sucedera os dois governos originais de cunho militar<sup>57</sup>. Denominada a inserção caricatural como uma matéria publicitária gratuita, a revista trazia várias faces da dama republicana, em suas origens, depois mais encorpada, em relação a uma etapa de prosperidade, para, por fim, em relação aos tempos contemporâneos, aparecer como uma figura magérrima, tendo em vista o tratamento que lhe era imposto com um “xarope de seiva de pinheiro gaúcho”, em alusão ao político sul-rio-grandense Pinheiro Machado, personagem poderoso do momento, que exercia o papel de espécie de eminência parda junto ao governo federal<sup>58</sup>. Em clima natalino, o hebdomadário trouxe um presépio, no qual a república ocupava o lugar de Maria, enquanto os reis magos eram os políticos que adoravam o menino Jesus, mas cada qual voltado aos seus interesses e pretensões em termos de vida pública, normalmente administrada por meio de conchavos<sup>59</sup>.

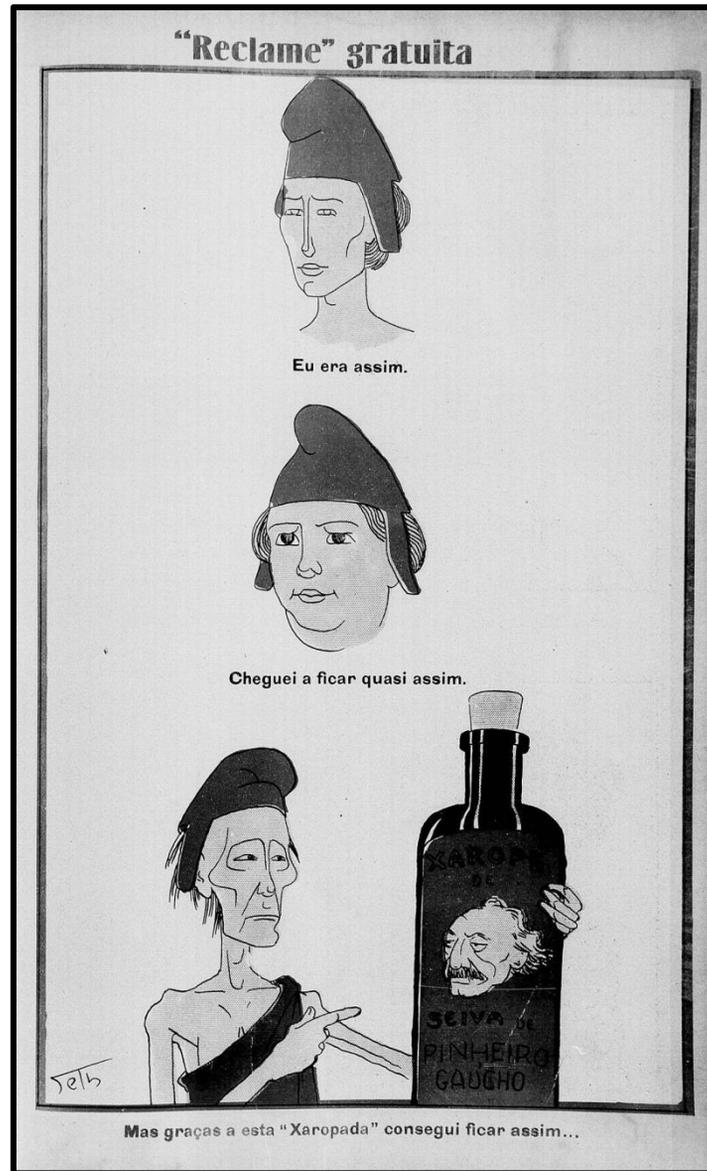
---

<sup>57</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 10, 2 dez. 1911.

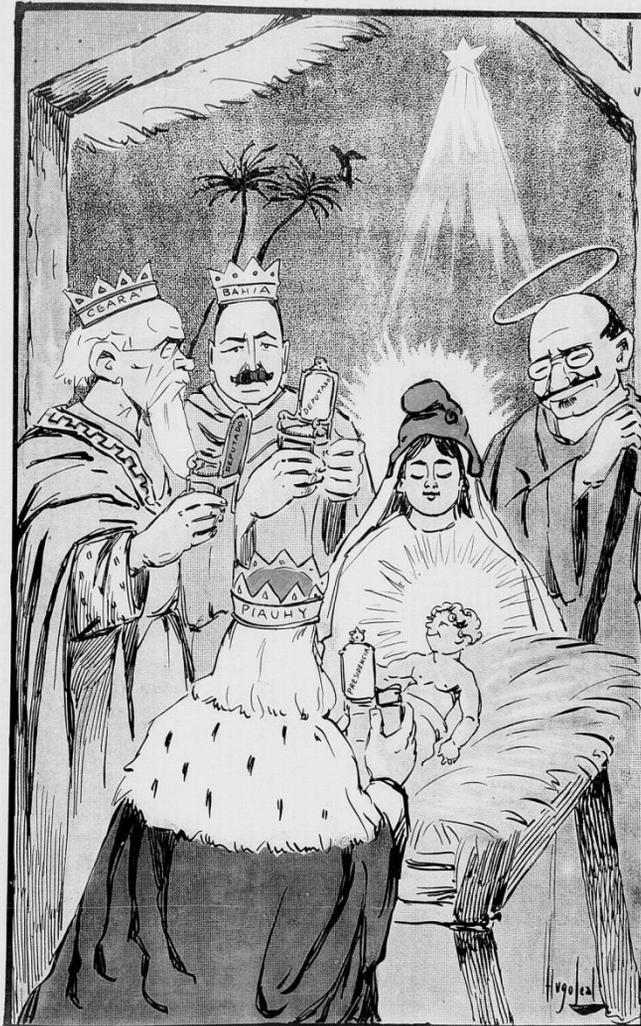
<sup>58</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 11, 9 dez. 1911.

<sup>59</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 13, 23 dez. 1911.





«Foram oferecidas ao Snr. Mario Hermes uma cadeira de deputado pela Bahia, outra pelo Ceará e ainda a cadeira presidencial do Piauí»



*Adoração dos Reis Mag...natas!*

Ainda acerca dos avanços do militarismo, a dama do barrete frígio – o qual no caso aparecia maior que o de costume, assumindo a aparência dos chapéus que então constituíam a moda – pedia a um político, que desempenhava o papel de uma cigana, para que lesse o seu futuro, obtendo por resposta que, com base na carta escolhida, seria marcado pela espada, ou seja, pela forte presença dos militares nos quadros do poder<sup>60</sup>. A república com prisão de ventre voltou a figurar nas páginas de *O Gato*, aparecendo ao fundo vários laxativos, com destaque para a continuidade do remédio identificado com o nome de Rui Barbosa<sup>61</sup>. Este mesmo homem público se oferecia para, por meio do guarda-chuva do Supremo Tribunal, proteger a jovem república, que se encontrava espavorida perante a “tempestade horrível” que se aproximava, em referência às crises que afetavam a nação. O lema latino acerca de corrigir os costumes por meio do riso, adotado em grande escala pelos caricaturistas, servia de base para a gravura jocosa de uma “comédia” em que uma bosquejada mulher-república segurava na mão a máscara com a face do Presidente, em mais uma crítica à concentração de poderes nas mãos presidenciais<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 1, n. 13, 23 dez. 1911.

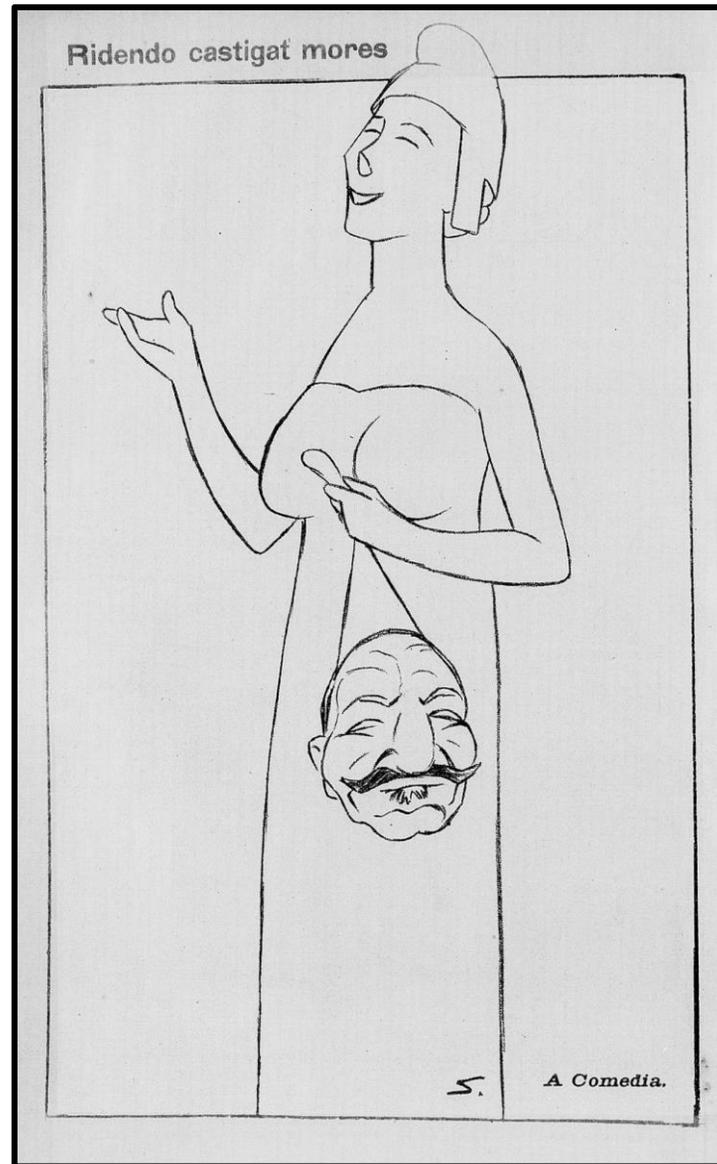
<sup>61</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 2, n. 17, 20 jan. 1912.

<sup>62</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 2, n. 19, 3 fev. 1912.









A imagem feminina da justiça, vendada e com a balança em mãos, utilizava sua espada para ferir mortalmente a república, que aparecia caída ao chão e esvaindo-se em sangue, enquanto a placa com a inscrição das leis surgia quebrada e atirada de lado e, nessa linha, o periódico criticava o Supremo Tribunal e os atos do Judiciário, considerados como errôneos, pois, afinal, a Justiça era cega. Por outro lado, a imprensa, por meio de textos e imagens cumpria sua missão, simbolizada como o sustento da dama republicana, cuidando da saúde da mesma, que se encontrava doente e acamada<sup>63</sup>. Os políticos, denominados ironicamente de “pais da pátria”, mamavam avidamente nas tetas da república, em alusão à obtenção de benesses e aproveitamento indevido das verbas públicas, hábitos apontados também com ironia como “um processo curioso”<sup>64</sup>. A mulher-república era retratada ainda com feições entristecidas e com a saúde abalada por causa de um enorme quisto no rosto, o qual lembrava um homem público da época, em questionamento, portanto, quanto à atuação deste<sup>65</sup>. Perante a pergunta se era casada no civil, a república respondia negativamente, afirmando que seu casamento fora apenas “no militar”, em referência mais uma vez às críticas ao avanço do militarismo no Brasil<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 2, n. 25, 16 mar. 1912.

<sup>64</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 2, n. 30, 20 abr. 1912.

<sup>65</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 2, n. 31, 27 abr. 1912.

<sup>66</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 2, n. 32, 4 maio 1912.









N. 32 Rio de Janeiro, Sábado, 4 de Maio de 1912 Anno II

# O GATO ALBUM DE CARICATURAS

ASSIGNATURA INTERIOR

Anno	20000
Semestre	11000

NUMERO AVULSO 400 RÉS - NUMERO ATRAZADO 500 RÉS

ADMINISTRAÇÃO:  
RUA S. PEDRO N.º 305-1.º  
Redação provincial - RUA DA GUITANDA, 26  
CAIXA POSTAL 202 - RIO

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE DE VASCO LIMA



-V. Ex. e cazada no civil ?  
-Não, senhor, no militar.

Em posição extremamente difícil, sustentada por uma corda já bem abaixo da beira de um abismo, a república era segurada por outra figura feminina, a política, a qual dizia que a outra já não tinha condições de descer mais ainda, enquanto, indeciso, o Presidente Hermes da Fonseca perguntava o que fazer, ao que seu conselheiro Pinheiro Machado, respondia que aquela deveria ir ainda mais para o fundo<sup>67</sup>. Em torno da forma republicana almejada desde as suas origens, a revista relembra a expressão de que aquela não era a república sonhada, estando a mesma altamente armada, em alusão ao crescimento do militarismo no cenário político nacional<sup>68</sup>. Mesclando a crítica social e a de costumes com a política, *O Gato* mostrava um mau casamento movido por interesse, nesse caso, o do Presidente com a república, a qual, em seu aniversário, reclamava dele, por causa do tratamento que lhe dispensava. Visitada pelo ancião que representava a passagem do tempo, a mulher-república encontrava-se em péssimas condições de saúde, deitada em seu leito, e, diante da pergunta dele se continuava entrevada, ela tinha um prognóstico bastante negativo, envolvendo inclusive a sua morte<sup>69</sup>. Em edição na qual tecia profundas críticas aos defensores da monarquia no Brasil, o periódico associava um jornal carioca aos princípios restauradores, com a figura de uma larva com uma cabeça humana coroada que se alimentava no seio da dama republicana<sup>70</sup>.

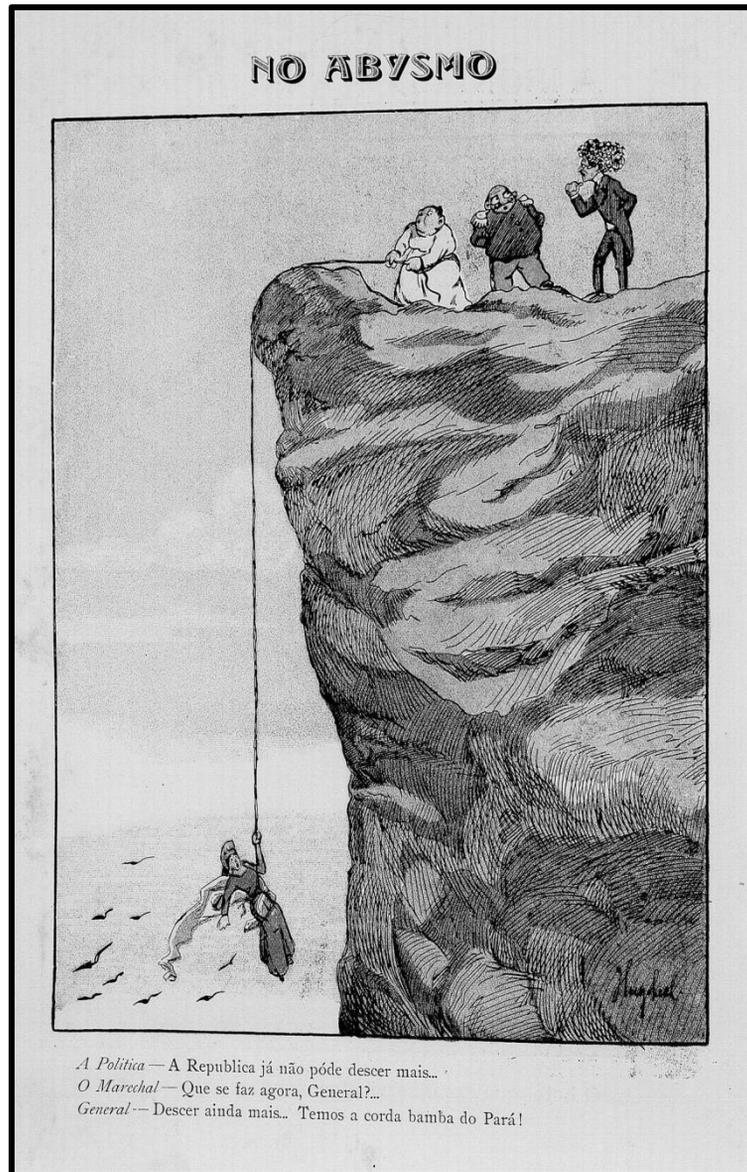
---

<sup>67</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 2, n. 48, 7 set. 1912.

<sup>68</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 2, n. 49, 14 set. 1912.

<sup>69</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 2, n. 58, 16 nov. 1912.

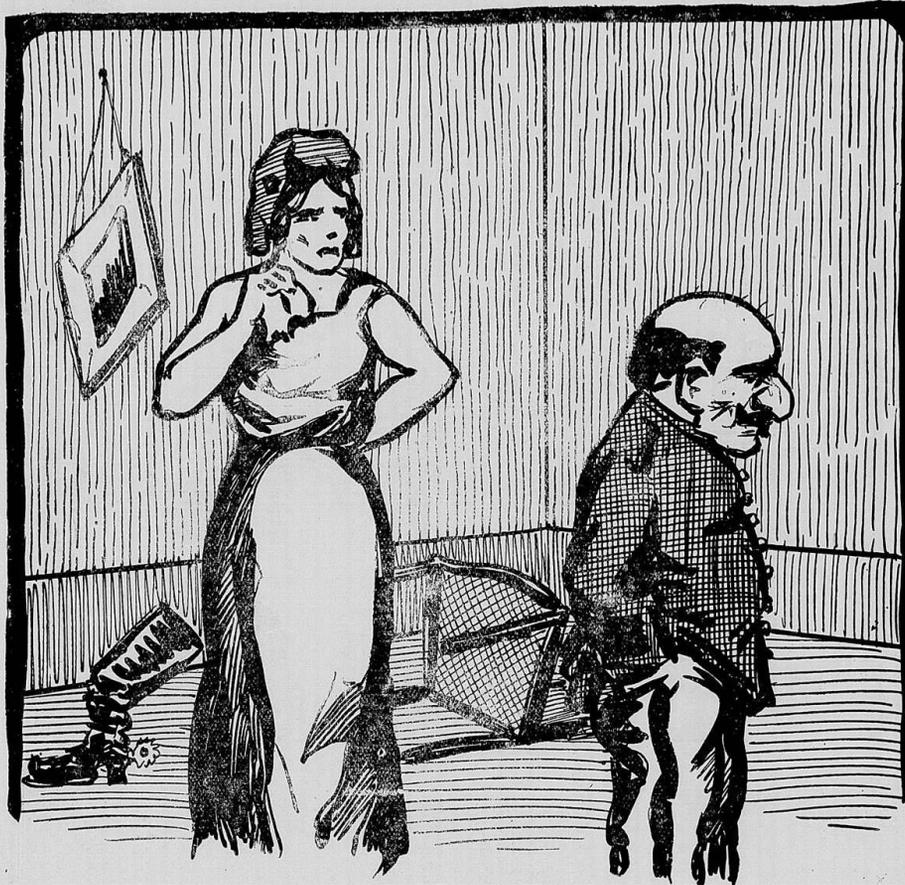
<sup>70</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 67, 18 jan. 1913.





## Casamento... por interesse

( no dia de aniversário )



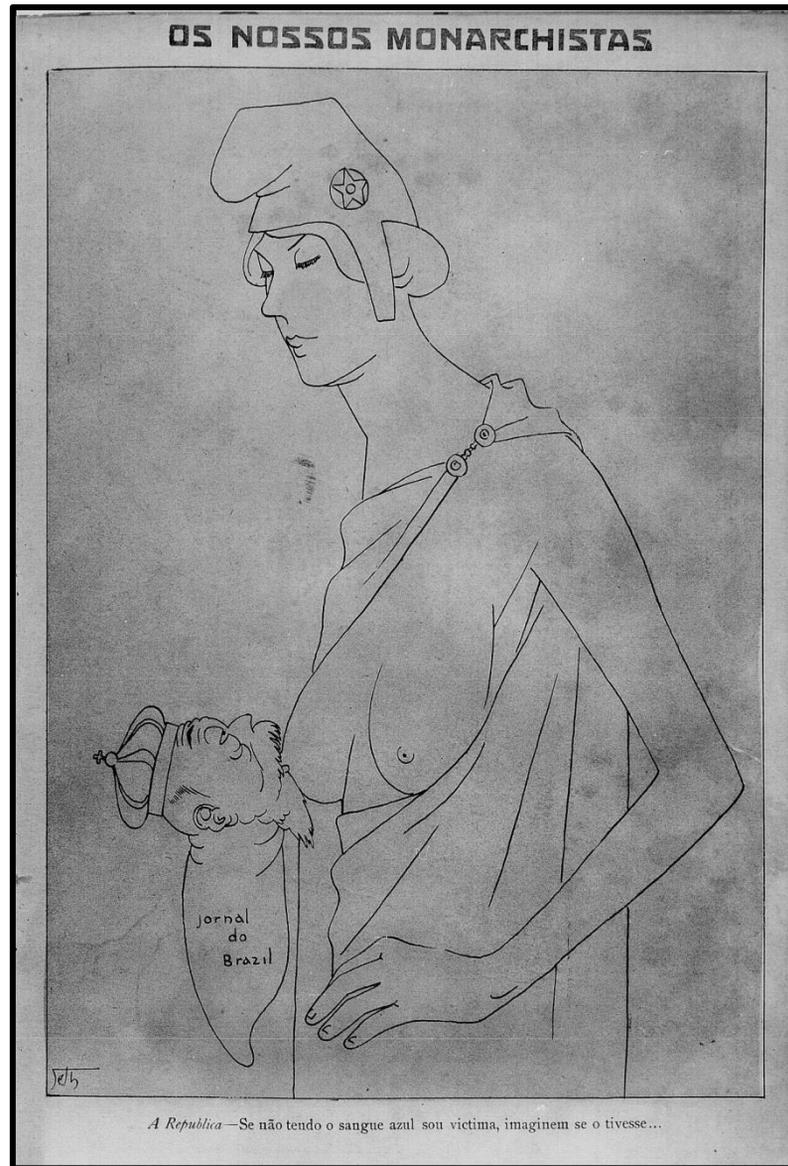
.... Fui tola... desgraçada mesmo... deixei-me levar com maús por maus conselhos... Definho-me e, tu sempre tratos e fazendo ouvidos moucos ás minhas supplicas!...

15 DE NOVEMBRO (As visitas do Tempo)



— Que é isso, filha? Ainda continuas entrevada?

— É verdade, meu amigo. Talvez, para o futuro, o senhor só encontre sobre este leito os meus ossos...



A dama do barrete frígido aparecia novamente com um enorme tumor no rosto, dessa vez associado à propaganda monárquica, considerada como uma das moléstias que atingia o país e que deveria ser extirpada incisivamente<sup>71</sup>. Em outra cena, uma mulher-república, em postura suspeita, mostrava-se afeita à aproximação cobiçosa e ao flerte de um representante do clero<sup>72</sup>. Diante das atitudes de ampla influência no poder, a figura da eminência parda do político gaúcho Pinheiro Machado era chamada por um subalterno de “chefe supremo” e “vossa divindade”, ação realizado diante de um busto da república, que trazia traços de uma reação perplexa com a circunstância retratada. Também representada pela arte estatuária, um outro busto da dama do barrete encarnado aparecia com mamas de tamanho desproporcional, acompanhado da inscrição que aquilo não era uma república e sim uma ama de leite, ao passo que, diante da estranheza do Presidente, que observava a escultura, o artista que a criara argumentava que aqueles “seios muito desenvolvidos”, tratavam-se da “nudez crua da verdade”, já que ela dava “de mamar a tanta gente”<sup>73</sup>. A revista mostrava também um “falso casamento”, que teria sido realizado por Pinheiro Machado, entre a república e o Presidente Hermes da Fonseca, em consórcio apontado como uma “união ilegal”<sup>74</sup>.

---

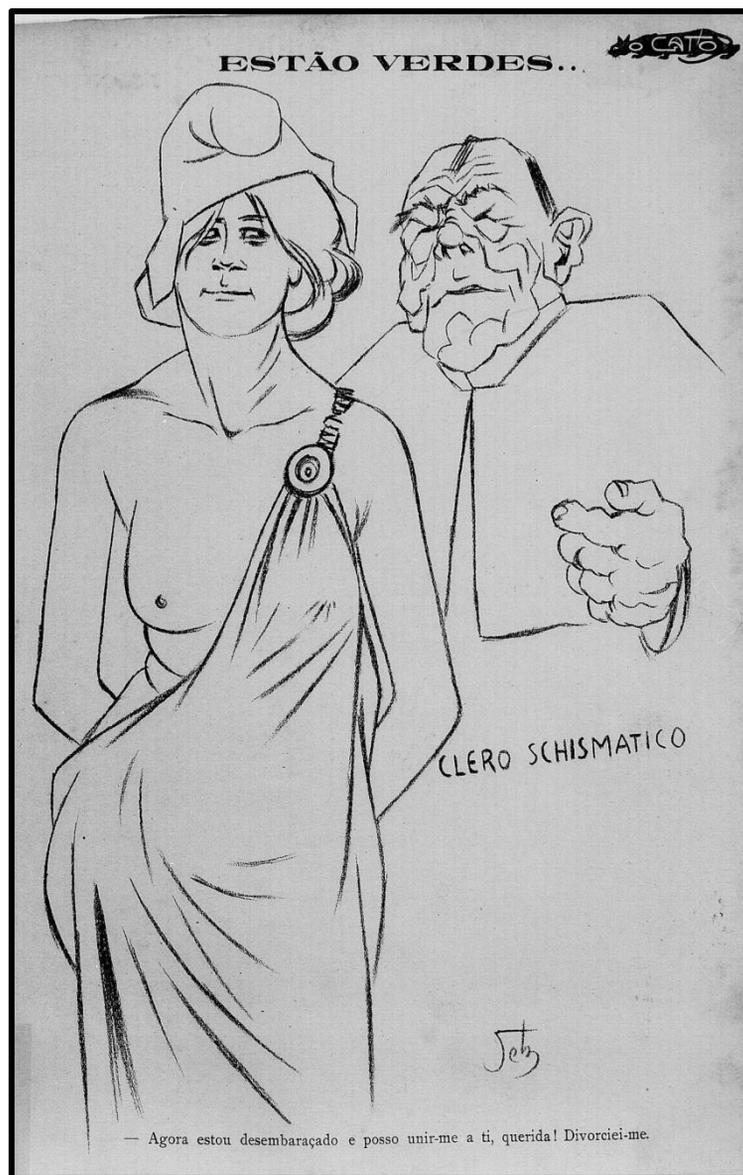
<sup>71</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 68, 25 jan. 1913.

<sup>72</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 71, 15 fev. 1913.

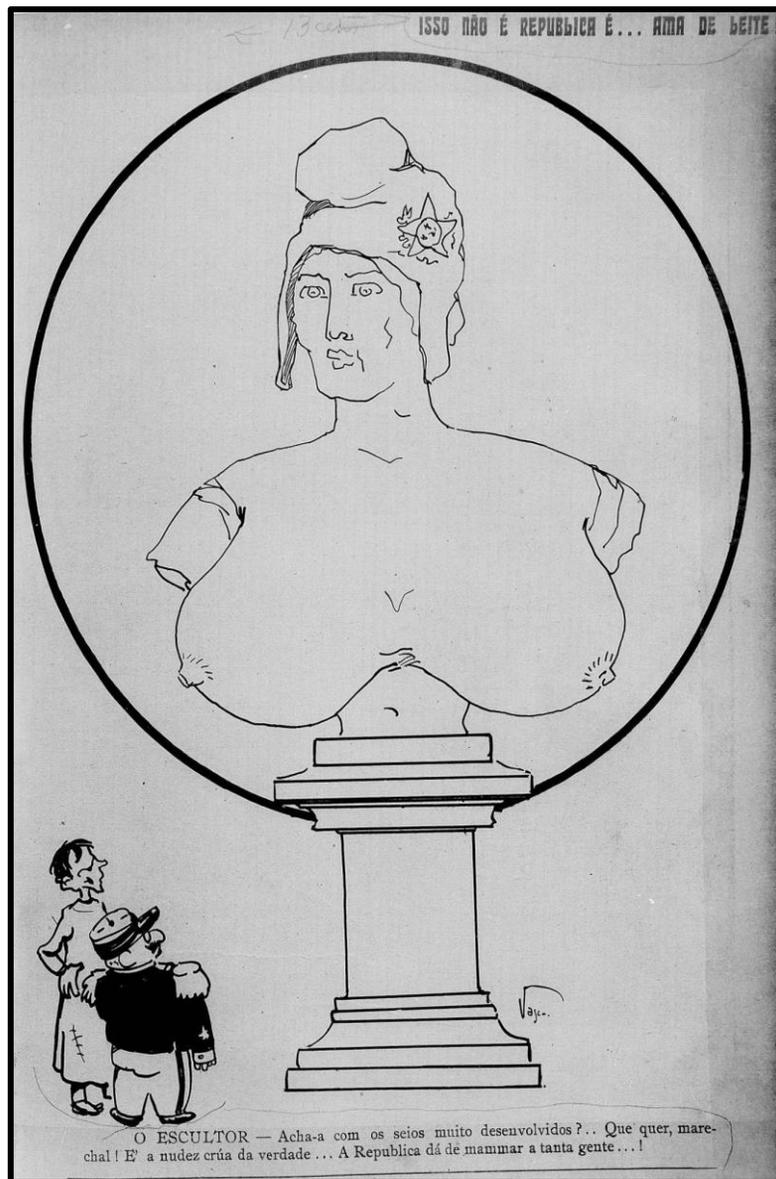
<sup>73</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 76, 22 mar. 1913.

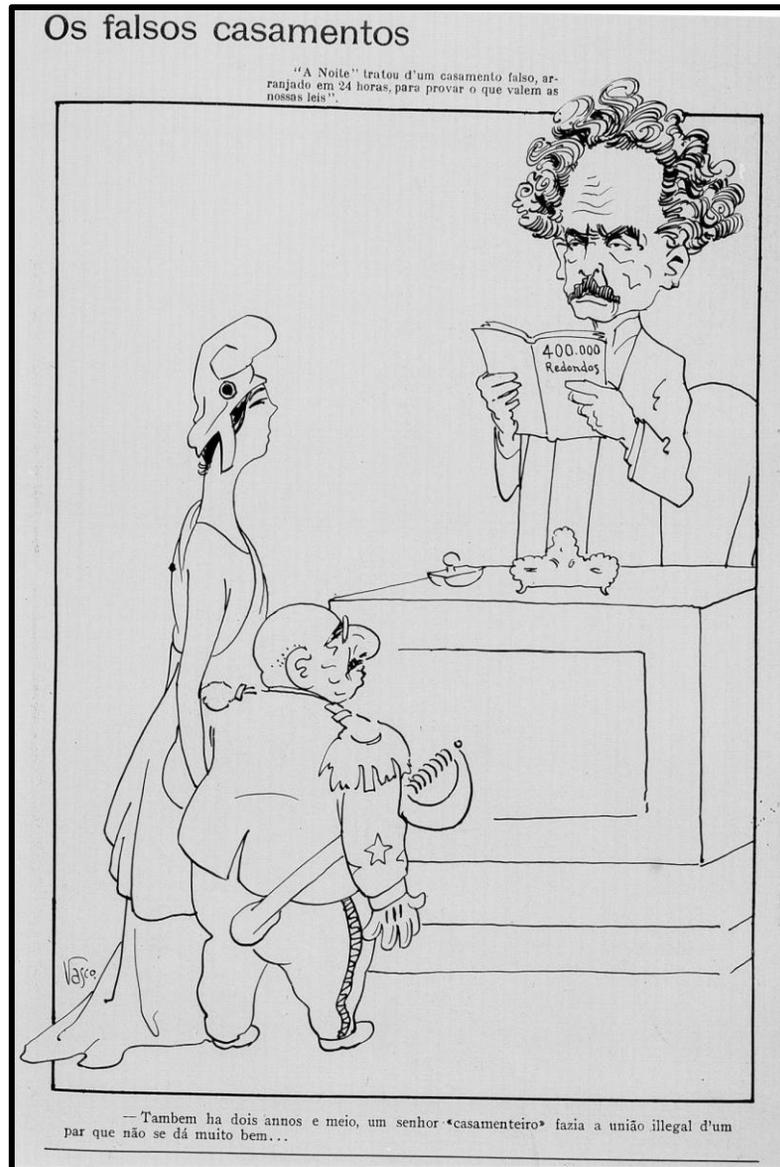
<sup>74</sup> O GATO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 77, 29 mar. 1913.











Os maus tratos dos homens públicos para com a dama republicana chegaram a ser demarcados pelo periódico como a marca de uma bofetada dada por um deles na figura feminina, que aparecia chorosa e era comparada a uma “escrava branca”<sup>75</sup>. Demonstrando significativa indignação com a situação da vida política nacional, a revista apresentava a república em desespero por estar se afogando, e exortava se não haveria “um braço forte” que a tirasse daquele “lamaçal” que seria a política. A administração presidencial que se encontrava no poder contou com acre crítica de parte da folha ilustrada e humorística carioca, que chegou a homenageá-la, irônica e jocosamente, com um “projeto de estátua”, que constituiria “símbolo de uma época”, de modo que, contrariamente ao modelo tradicional dos monumentos equestres, a publicação trazia uma obesa mulher-república, com o látigo à mão, em sinal de autoritarismo, montada em uma vaca que não aguentava o peso da figura feminina<sup>76</sup>. O olhar pejorativo em relação ao governo chegou a ser representado pelo semanário mais uma vez como o casamento entre o Presidente Hermes da Fonseca e a república, cujo busto trazia ares de desagrado, ao perceber que seu barrete frígido viria a ser coberto por uma coroa, em relação à concentração de poderes em mãos presidenciais<sup>77</sup>.

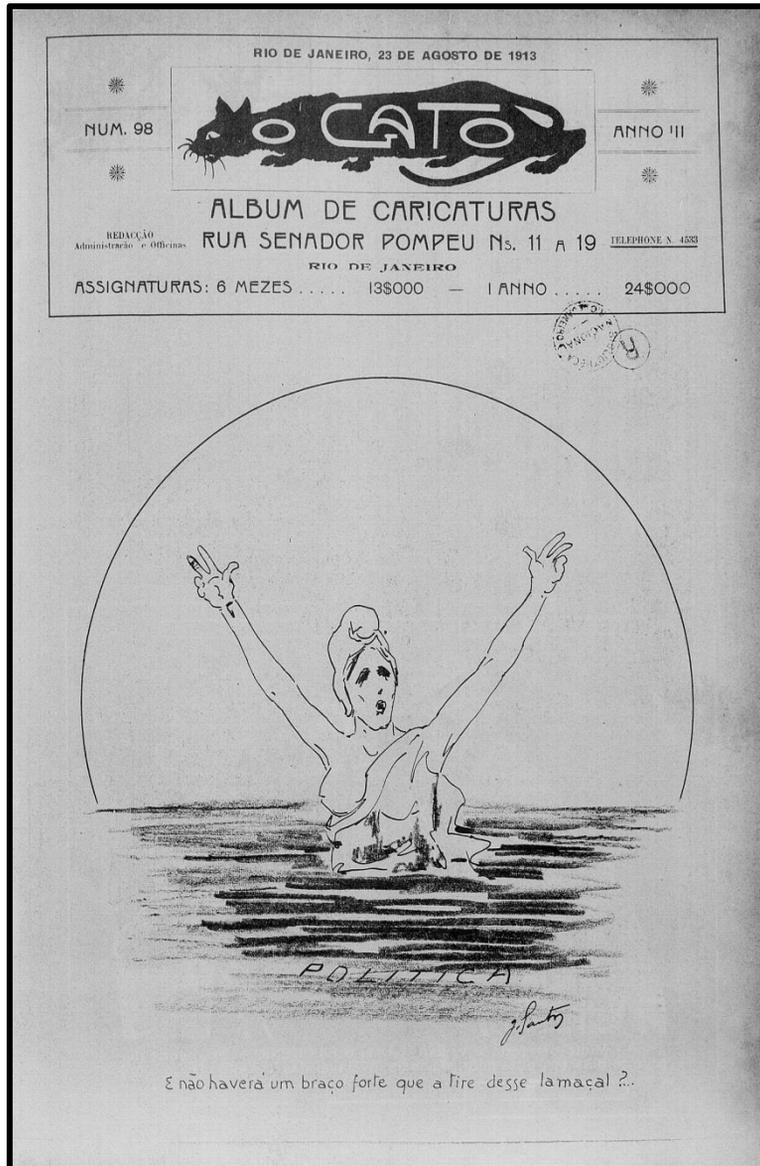
---

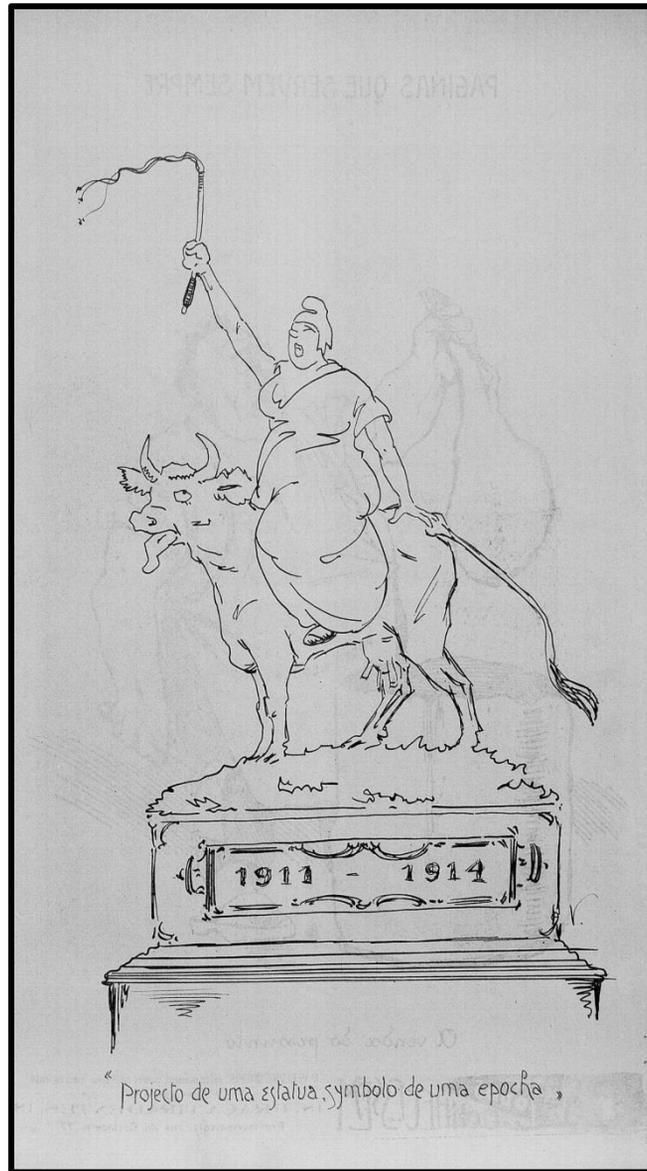
<sup>75</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 3, n. 85, 24 maio 1913.

<sup>76</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 3, n. 98, 23 ago. 1913.

<sup>77</sup> O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, a. 3, n. 103, 27 set. 1913.







O GASAMENTO DO MARECHAL



Uma voz — Ora, Marechal! Se o regimen mudasse nós podiamos usar livremente o patrocollo....

Com duração mais perene, foi editado entre 1917 e 1926, no Rio de Janeiro, o *D. Quixote*, que se apresentava como um “jornal moderníssimo por excelência”. Os personagens da obra de Cervantes que lhe dava o título tornaram-se os principais articuladores da publicação com o seu público leitor e, ao anunciar-se, demarcava em versos: “Montando o Rocinante, a lança em riste/ Com Sancho Pança, no seu burro, à ilharga,/ Prepara D. Quixote a airosa carga/Contra tudo o que é mau, que é falso e é triste!// Nada no mundo o passo audaz lhe embarga!/ Porque no riso o seu ideal consiste,/ Pregando a troça, a graça, o humor, o chiste,/ Segue da vida a estrada rósea e larga!// Pobres, ricos, políticos, burgueses,/ Não temais do seu riso de ironia,/ Embora ele vos doa algumas vezes!...// *D. Quixote* saudares vos envia.../ Do seu corcel põe guizos nos arneses,/ – É o cavaleiro andante da alegria!”. Com base na imaginação de uma entrevista do *D. Quixote* com seus botões, a redação do semanário afirmava que ele seria “eclético”, tendo “um pouco de tudo”, garantindo também que, “a brincar” trataria “muito a sério os assuntos solenes”, tendo por divisa a expressão “toda a verdade dita a sorrir”. Assim, expressava que “em política, em literatura, em teatro, em todos os fatos da vida social” teria “uma opinião clara, franca, impassível, insuspeita e impeitável”, sempre a dizer tudo “sorrindo”<sup>78</sup>.

Ao longo de quase um decênio de existência, o *D. Quixote* reservou lugar especial para a dama do barrete encarnado. Um deles foi em caricatura a respeito da política norte-americana para com a América Latina, mostrando

---

<sup>78</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 16 maio 1917.

algumas das repúblicas latino-americanas, inclusive a brasileira, como crianças, duas delas em situação belicosa e uma, mais jovem, como um bebê que engatinhava, enquanto o Tio Sam, como representação estadunidense, assumia uma feição santificada e chamava aquelas criancinhas para virem com ele<sup>79</sup>. Na mesma linha, um Tio Sam enamorado fazia propostas à República Brasileira, envolvendo finanças, ou seja, investimento de capitais<sup>80</sup>. Mas não foi só por meio de críticas que o periódico demarcou a visão a respeito dos Estados Unidos, havendo ainda, com a presença da mulher-república, uma homenagem à data alusiva à independência norte-americana<sup>81</sup>. A aproximação da República do Brasil com a Estadunidense por ocasião da I Guerra Mundial foi simbolizada por uma corrente que cada uma delas sustentava, vindo a controlar o comércio marítimo, como uma “cadeia de interesses continentais”<sup>82</sup>. Diante da conflagração mundial, a dama republicana, carregando a espada do brio nacional e da justiça, após aquilo que considerava como um esforço para manter a neutralidade, concitava a participação na guerra<sup>83</sup>. A respeito de palavras depreciativas acerca do Brasil escritas junto à imprensa portuguesa, a magazine ilustrada apresentava a jovem república brasileira a tapar o nariz de modo a evitar as “exalações” saídas daquele tipo de jornalismo<sup>84</sup>.

---

<sup>79</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 4, 6 jun. 1917.

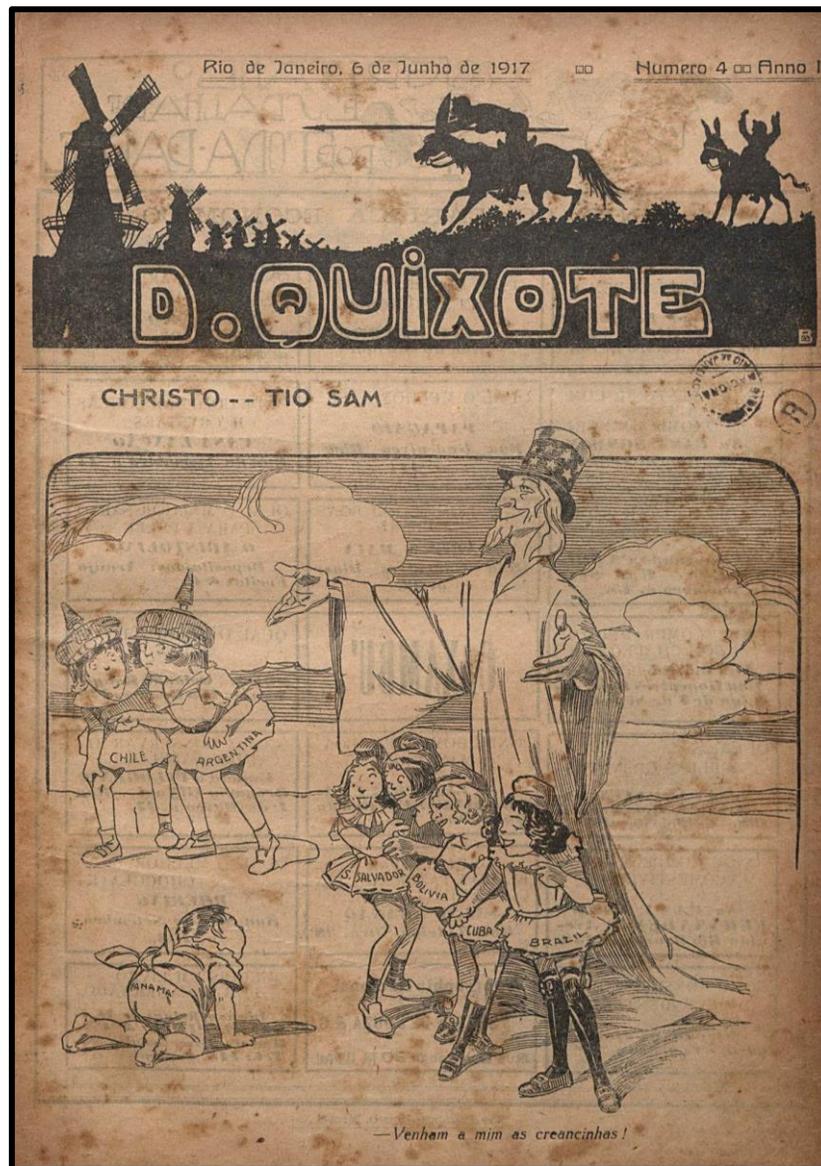
<sup>80</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 7, 16 27 jun. 1917.

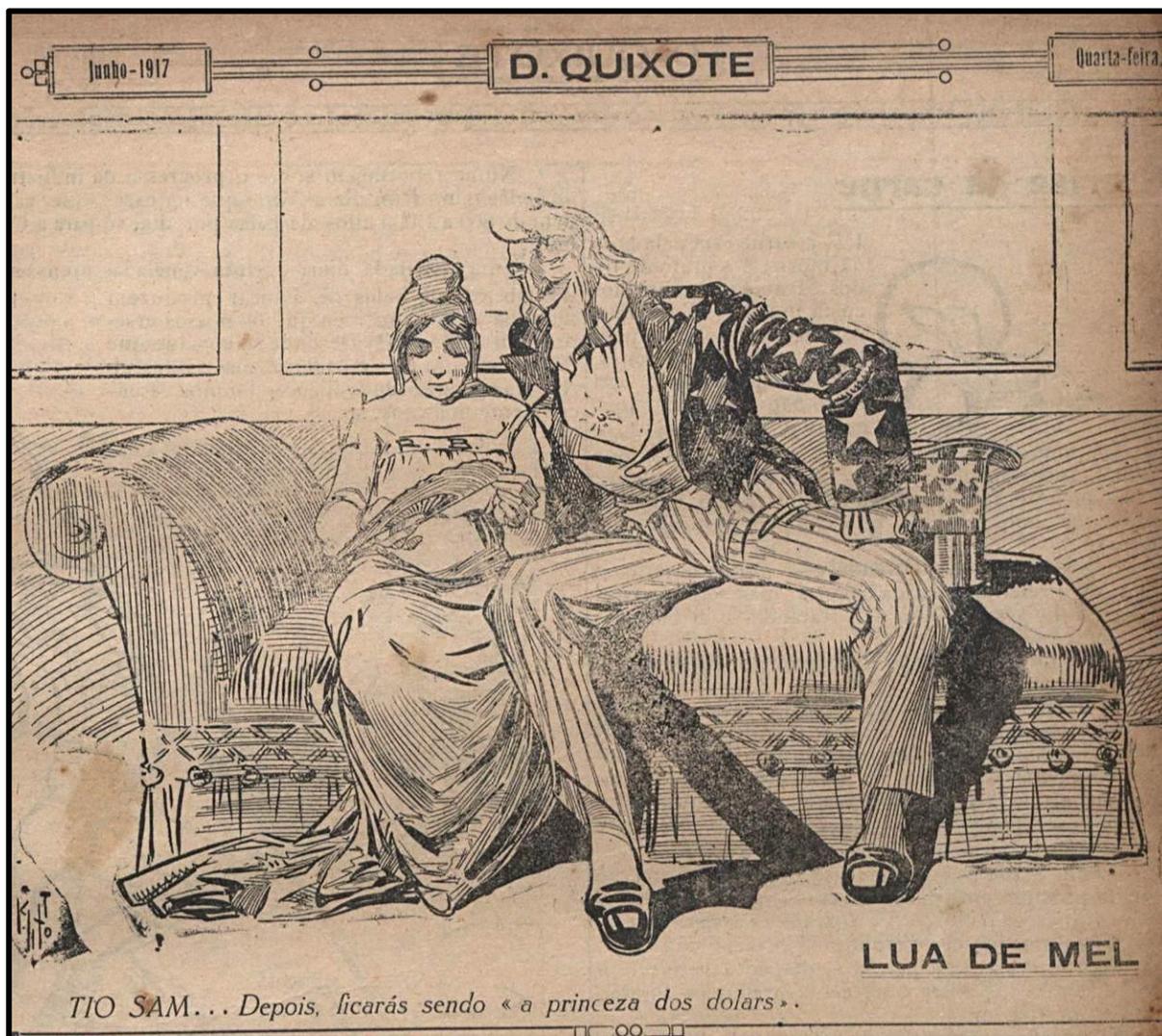
<sup>81</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 8, 4 jul. 1917.

<sup>82</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 10, 18 jul. 1917.

<sup>83</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 25, 31 out. 1917.

<sup>84</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 26, 7 nov. 1917.











D. QUIXOTE

EXALAÇÕES DO «ARRIVISMO.»



— Evidentemente, era um jornaleco escripto com... os pés!...

A república guerreira, com a espada e a bandeira nacional nas mãos, orientava os soldados diante da guerra, constituindo essa uma alegoria para as comemorações do 15 de Novembro, no qual os brasileiros estariam “combatendo pela liberdade contra a barbárie prussiana”<sup>85</sup>. O esforço de guerra movido pela força militar mas também pela imprensa era saudado pela revista, que mostrava a república abençoando tais frentes de combate<sup>86</sup>. Como uma “nova muda da árvore da liberdade”, a república e o soldado, ainda sob o espírito do enfrentamento bélico, encontravam outra figura feminina que simbolizava Portugal<sup>87</sup>. Uma relação considerada como pouco republicana pela folha era simbolizada pelo noivado entre um personagem da vida política nacional e uma versão encorpada da República Brasileira<sup>88</sup>. Em época de carnaval, a mulher-república, vestida propriamente para a ocasião, procurava dentre os feições de vários políticos de então, uma máscara para festejar a folia<sup>89</sup>. Em referência à corrupção no cenário brasileiro, a folha comparava o Congresso Nacional a um cabaré, no qual os políticos se divertiam e a república dançava alegremente, compactuando com aquele ambiente de libertinagem<sup>90</sup>.

---

<sup>85</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 27, 14 nov. 1917.

<sup>86</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 35 8, 9 jan. 1918.

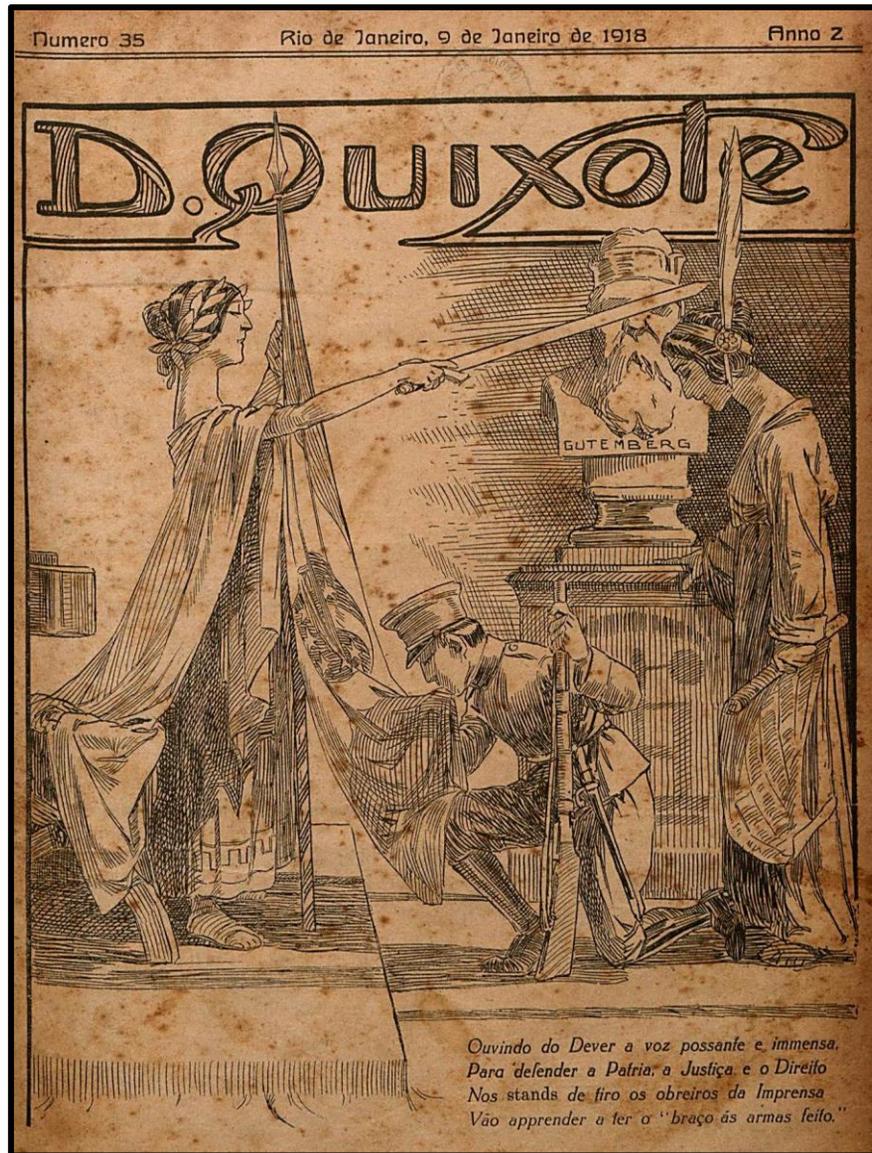
<sup>87</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 36, 8, 16 jan. 1918.

<sup>88</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 77, 8, 30 out. 1918.

<sup>89</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 94, 8, 26 fev. 1919.

<sup>90</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 104, 7 maio 1919.

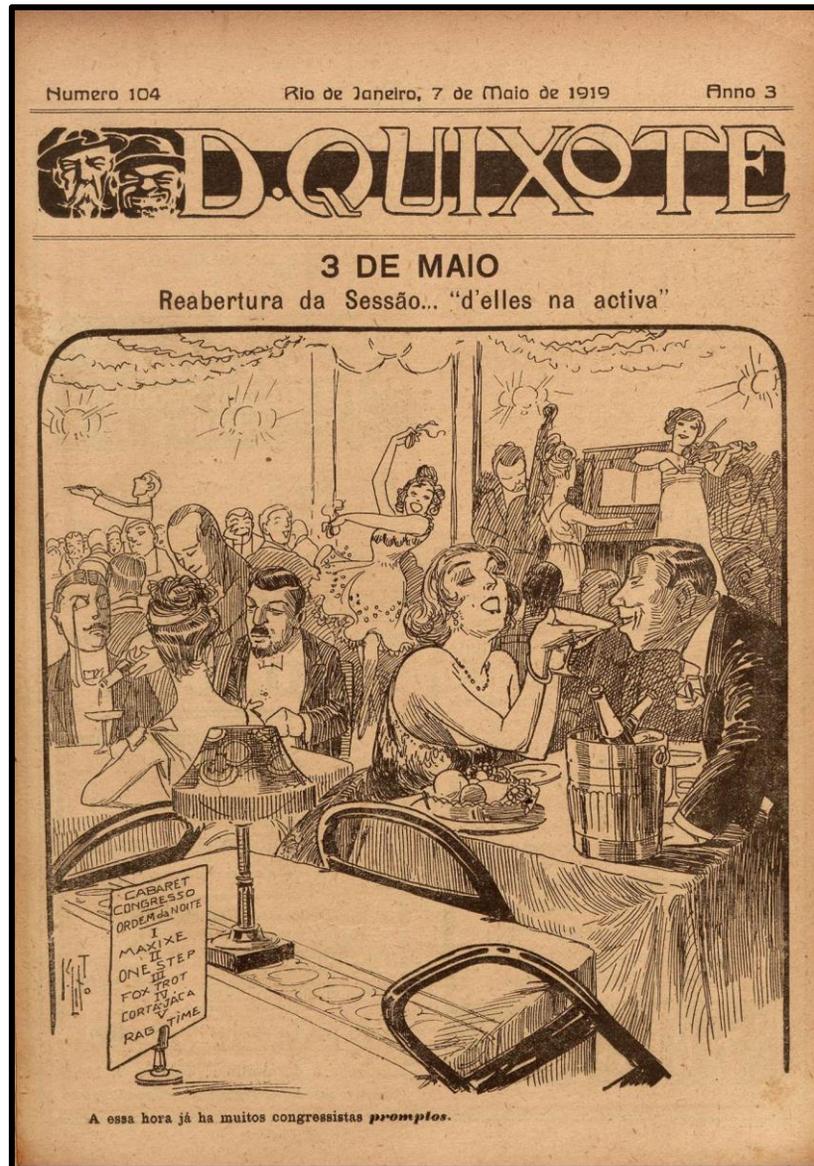












Em outra caricatura, com base na *História do Brasil pelo método confuso*, a mulher-república ficava escondida atrás de um biombo, dando a entender que ela estava despida ao lado de um pierrô, em cena inspirada na prática da devassidão, denominada de “farra republicana”, a qual estaria a marcar a vida política nacional nos últimos anos, mantendo-se o tom de jocosidade com o axioma que servia de legenda voltado à vergonha por ver malícia no que era apresentado<sup>91</sup>. A dama do barrete frígido também homenageou a primeira década de existência da república em Portugal, dedicando uma coroa de louros ao velho cavaleiro, representação da nação lusa<sup>92</sup>. Em alusão ao 13 de Maio, data vinculada à abolição da escravatura e à liberdade como um todo, a figura feminina republicana pranteava a situação dos brasileiros que, contrariamente à letra do Hino da Independência, segundo o qual “já raiou a liberdade”, encontrava-se agrilhado pelo pescoço, tal qual um escravo, preso a um tronco identificado com alguns dos males que estariam a afligir o país, a carestia, a política e os impostos<sup>93</sup>. Uma jovem república conversava com o pai sobre a escolha de um noivo, perguntando à figura paterna se não deveria ser ele, o Zé Povo, a apontar seu futuro marido, obtendo por resposta um jogo de palavras, revelando a necessidade de seguir as “convenções do tempo”, em referência à convenção das lideranças políticas nacionais que escolhiam antecipadamente o candidato governista à Presidência, independentemente da vontade popular<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 127, 15 out. 1919.

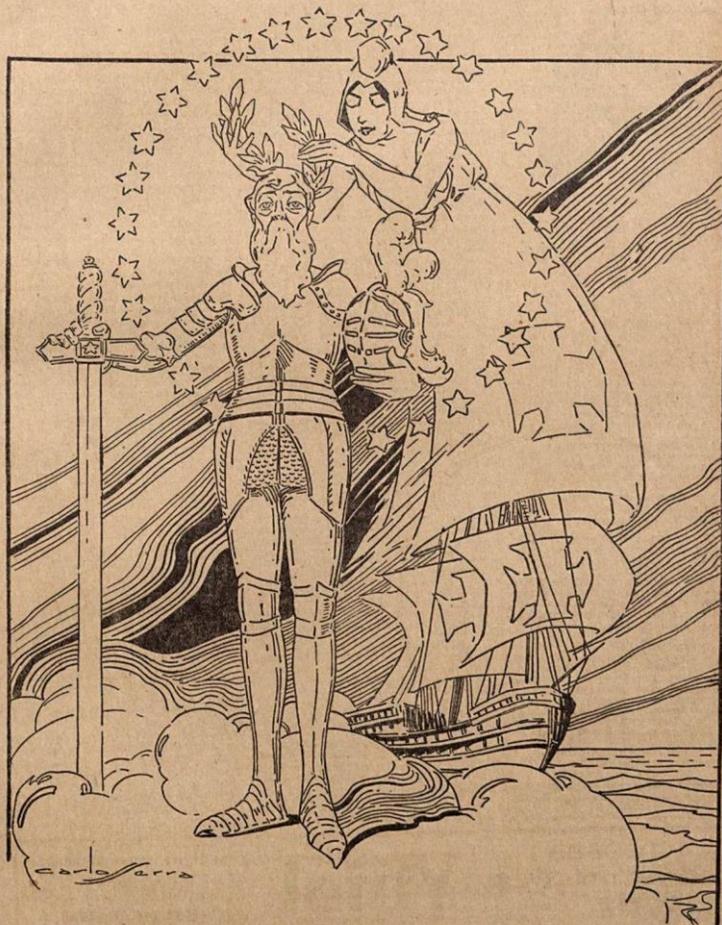
<sup>92</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 4, n. 178, 6 out. 1920.

<sup>93</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 209, 11 maio 1921.

<sup>94</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 213, 8 jun. 1921.

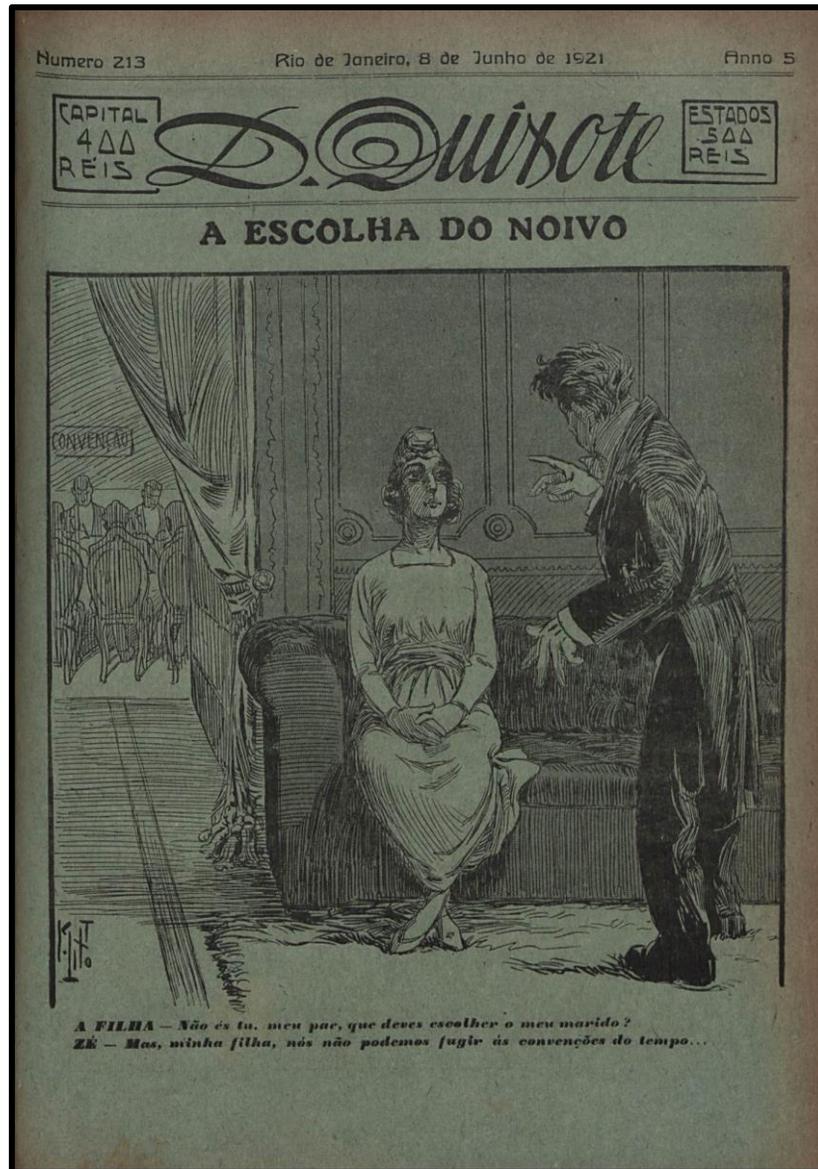


D. QUIXOTE



Homenagem ao velho Portugal, pelo cinco de Outubro de 1920.





Por ocasião do 15 de Novembro, a respeito da corrupção no cenário brasileiro, um indivíduo dormia tranquilamente pensando na “república dos ‘seus’ sonhos”, ou seja, uma dama do barrete frígio que surgia como um espectro e derramava sobre ele dinheiro e documentos referentes a negociatas e malfeitos voltados ao enriquecimento pessoal<sup>95</sup>. A mulher-república aparecia também sob a defesa das “classes armadas”, antepondo-se a malfeitores que se aproximavam<sup>96</sup>. Ela surgia ainda com os olhos vendados, imprimindo bônus da independência, os quais eram recebidos com entusiasmo pela população, referindo-se ao mau uso das riquezas nacionais<sup>97</sup>. Em outro cenário, o país era transformado em um cassino, em comparação da vida política com a jogatina praticada em tal ambiente, no qual o próprio Presidente oferecia uma roleta à república, convidando-a assim a participar do esquema escuso reinante<sup>98</sup>. A dama republicana apresentava o Brasil aos visitantes estrangeiros por ocasião dos festejos do centenário da independência e, dentre as figuras internacionais, estava o estadunidense Tio Sam e o velho cavaleiro, representando Portugal, o qual se mostrava enciumado por tantos flertes para com a figura feminina<sup>99</sup>.

---

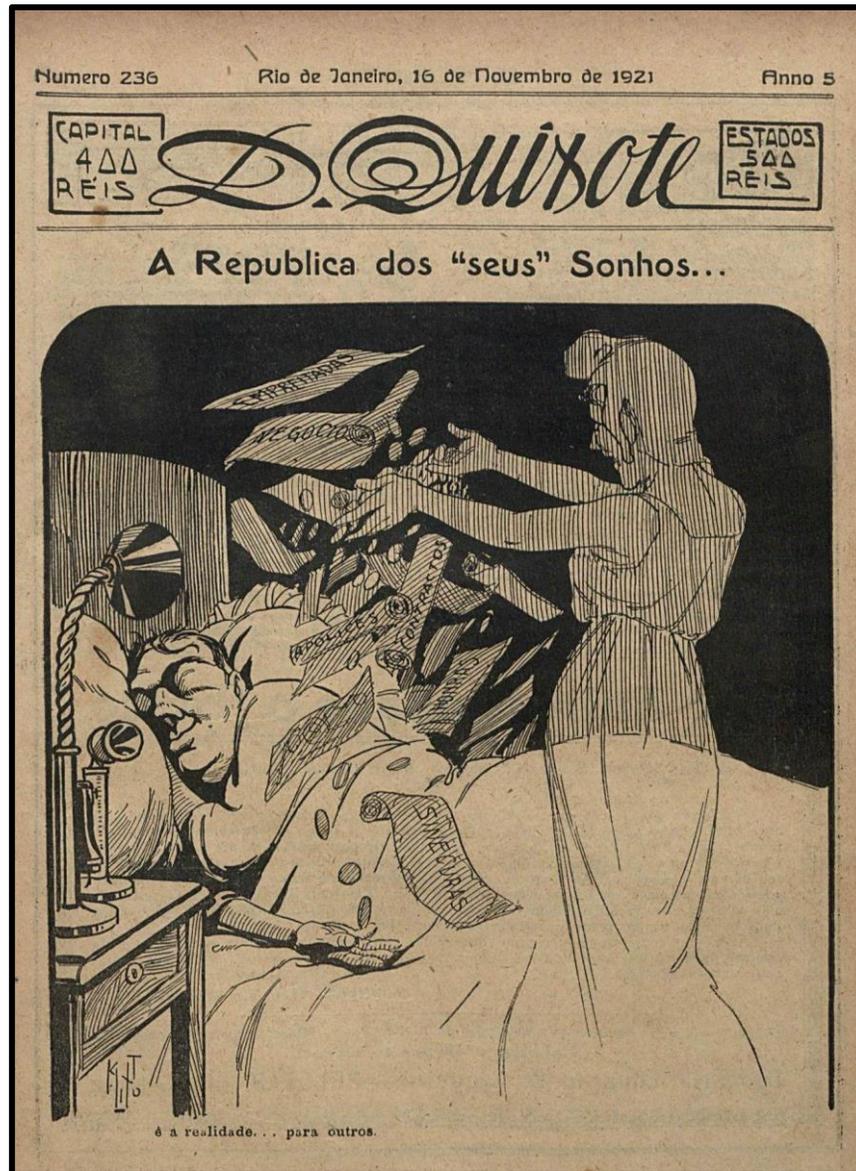
<sup>95</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 236, 16 nov. 1921.

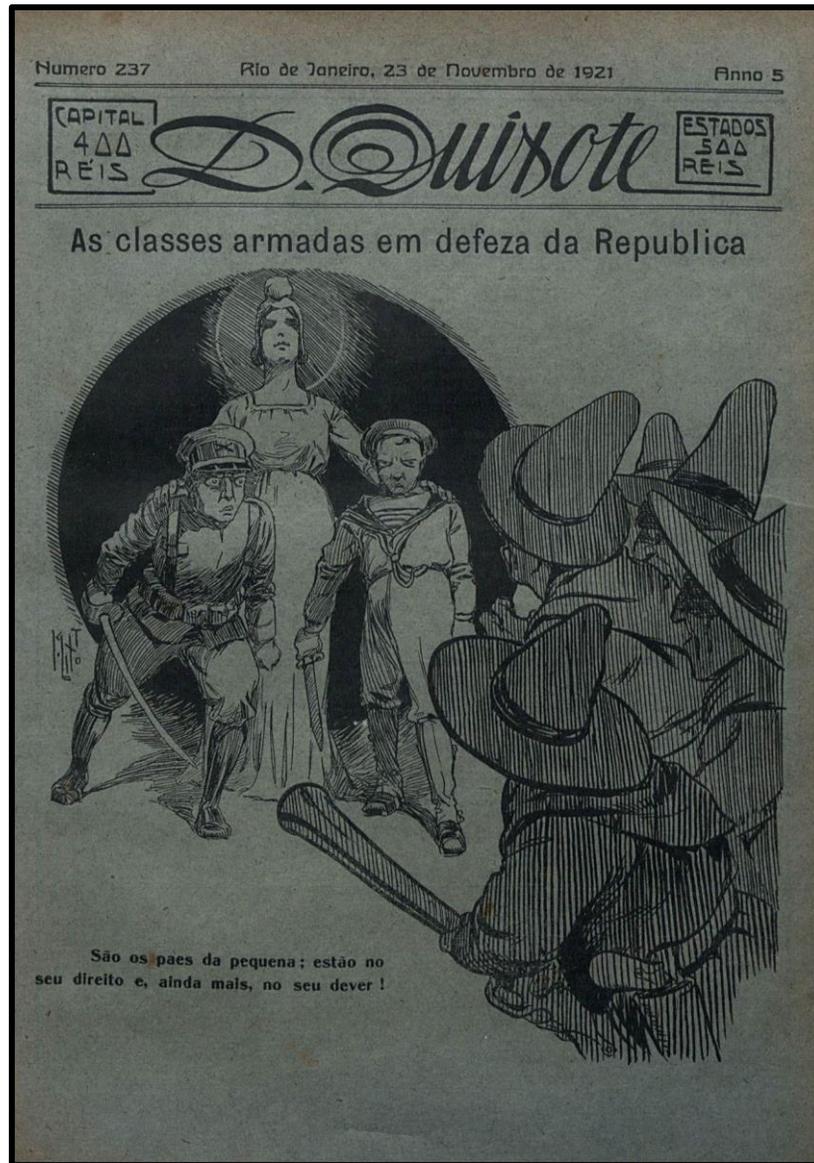
<sup>96</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 237, 23 nov. 1921.

<sup>97</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 240, 14 dez. 1921.

<sup>98</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 242, 28 dez. 1921.

<sup>99</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 6, n. 281, 27 set. 1922.









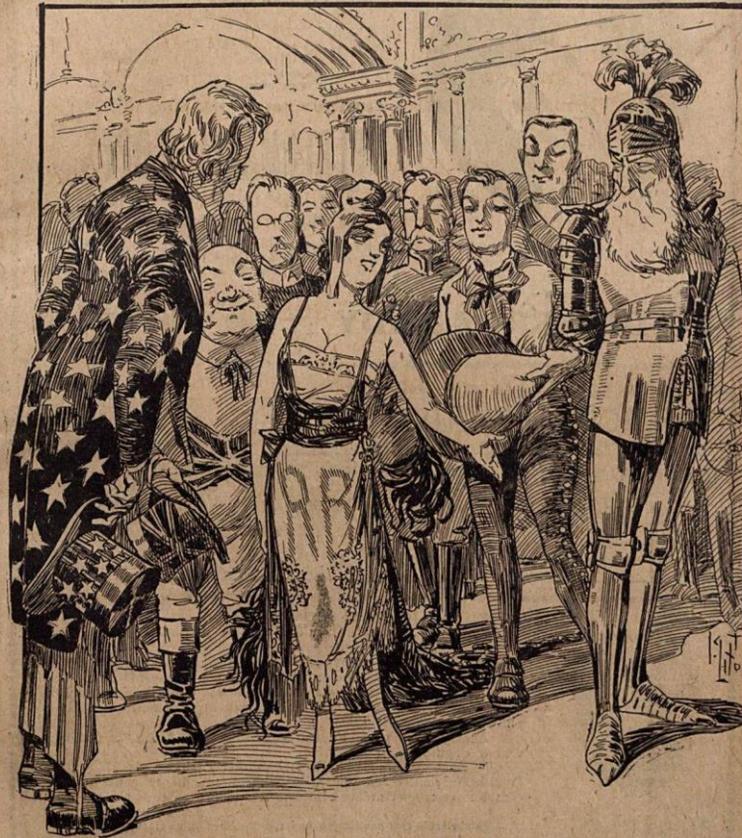
Numero 281

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1922

Anno 6

# D. QUIXOTE

## NAS GRANDES FESTAS CENTENARIAS



A Pequena (disputada por todos os cavalheiros): — Mas que culpa tenho eu...?  
Portugal (enciumado) — O que vale é que isso é apenas flirt que passa; em se acabando a festa, eu permaneço firme, pela vida além.

Em mais um aniversário da instauração da forma de governo, o *D. Quixote* abordava a velha questão da “república dos sonhos”, a qual variava de acordo com a perspectiva dos diferentes “partidos”, com a presença de várias figuras femininas alusivas ao modelo republicano, surgindo o contrassenso de uma “monarquista”; uma “socialista” identificada com tais princípios; uma “zé-povista”, associada aos trabalhadores; uma “maximalista”, vinculada à aplicação máxima de um ideário de esquerda mais radical; a “militarista”, favorável ao domínio castrense pela força das armas; e a “plutocrata” destinada aos interesses dos detentores de riquezas<sup>100</sup>. Já nas comemorações do Dia da Bandeira, enquanto alguns representantes da população brasileira entoavam o hino em homenagem a tal símbolo nacional, a mulher-república admirava o pavilhão, com a sua cabeça e o seu corpo por ele cobertos<sup>101</sup>. Uma república desbragada observava um papagaio, representação tradicional da arte caricatural para os parlamentares, que se mostrava muito satisfeito com o “subsídio” colocado no comedouro de seu poleiro, constatando ela o quanto era engraçado aquele animal que se limitava a repetir o que o dono lhe ensinava, em alusão ao jogo de interesses que comandava a vida política<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 6, n. 288, 15 nov. 1922.

<sup>101</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 8, n. 293, 19 nov. 1924.

<sup>102</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 9, n. 411, 25 mar. 1925.



Numero 393 Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1924 Anno VIII

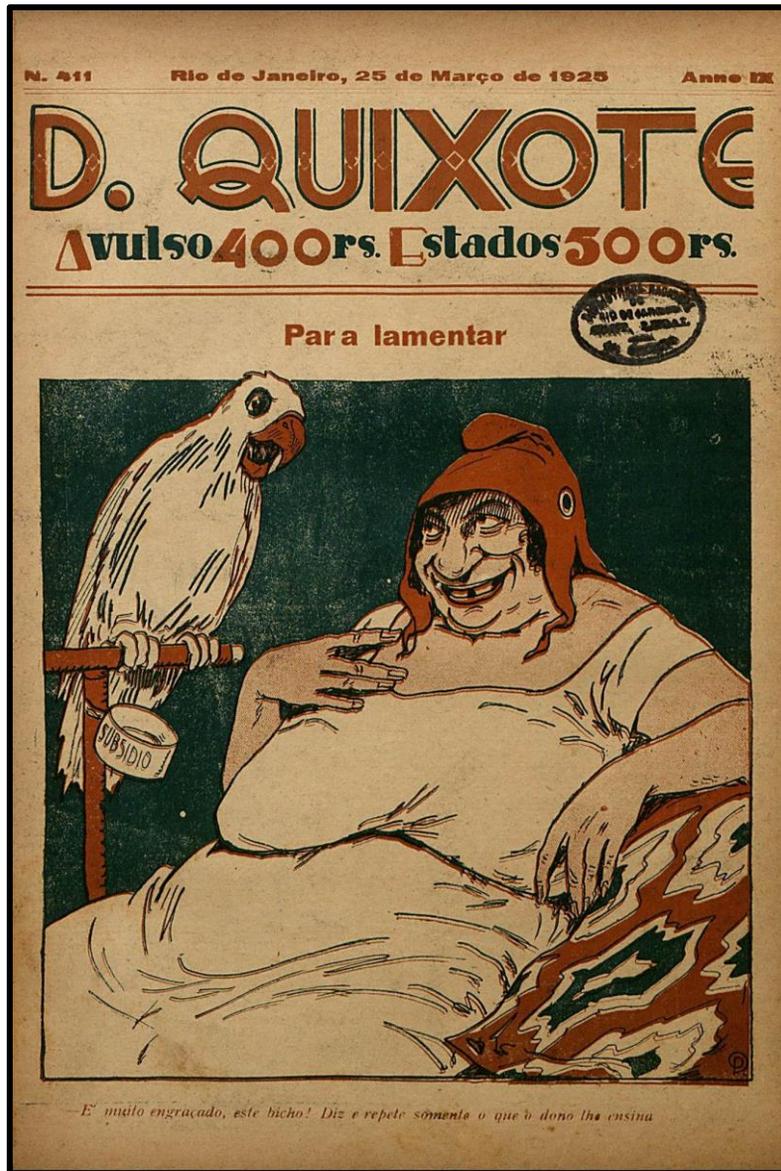
# QUIXOTE

AVULSO: \$400 ESTADOS: \$500

19 DE NOVEMBRO

BIBLIOTECA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO  
SCT. LEGAL  
1924

“Sobre a immensa nação brasileira,  
Nos momentos de festa e de dôr,  
Paira sempre, formosa bandeira,  
Pavilhão da justiça e do amor !”



Levando em conta mais uma sucessão eleitoral para o cargo de Presidente, o periódico apresentava uma dama republicana que, como se fosse um Diógenes, de lanterna à mão, procurava um possível candidato, apelando para seu interlocutor que a ajudasse em tal busca, ao que o Jeca, em alusão ao povo brasileiro, utilizando uma linguagem que envolvia um sotaque ou jeito de falar, respondia que não havia necessidade de procura, pois o tal homem já estaria previamente escolhido, em clara referência mais uma vez aos acertos e conchavos políticos que permitiam aos segmentos oligárquicos predominantes agirem no sentido de anteciparem qualquer nível de eleição, ainda mais a do mandatário maior do país<sup>103</sup>. Como uma manifestação de “evolução do civismo”, jocosamente, a folha humorística mostrava um homem que substituía a esfera da bandeira por uma bola de futebol, oferecendo-a a uma estupefata mulher-república, justificando que assim satisfazia a “índole do povo”, tendo em vista o crescimento da popularidade de tal esporte em meio aos brasileiros<sup>104</sup>. Já em um “protesto das estátuas”, o *D. Quixote* trazia vários personagens esculpidos a partir da arte estatutária que, como só a caricatura poderia fazer, reclamavam de Tiradentes por não estar vestido ao “estilo romano”, enquanto a dama do barrete encarnado corria em direção ao tumulto para acudir aquele que era considerado como o mártir da independência<sup>105</sup>.

---

<sup>103</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 9, n. 417, 6 maio 1925.

<sup>104</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 9, n. 430, 5 ago. 1925.

<sup>105</sup> D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 10, n. 455, 27 jan. 1926.

N. 417      Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1925      Anno IX

# DUQUETE

Avulso \$400      Estados \$500

**SUCCESSÃO PRESIDENCIAL**



**A REPUBLICA** - Oh Jéca, me ajuda a procurar um homem...  
**JÉCA** - NÃO PERCISA PERCURÁ, sra. dona. O homem já está arranjadinho, promptinho, forte e RIJO!





Ainda que não fosse uma revista ilustrada e humorística e sim um jornal, *A Manhã*, editada no Rio de Janeiro, ao final da República Velha, entre 1925 e 1929, teve a proposta editorial de divulgar a arte caricatural, chegando a dar a esta destaque especial, com a publicação em primeira página. Tal periódico foi um matutino vibrante, versátil, bem paginado, com excelente colaboração e contando com o talento de caricaturistas de vulto<sup>106</sup>. Com um discurso progressista, mostrou-se um crítico contumaz às estruturas político-sociais do país, inclusive com a utilização de manchetes e matérias candentes e expressivas quanto ao regime oligárquico. Para manter tal postura, também lançou mão das ilustrações e de formatos textuais diferenciados daqueles usualmente utilizados pela imprensa diária, que se autodenominava de séria. Foi o caso de poemets satíricos que ironizavam a atuação dos homens públicos de então, como aqueles assinados pelo humorista Aparício Torelly, o futuro Barão de Itararé. No mesmo sentido, publicou diversas caricaturas, retratando políticos da época, com destaque para detalhes mais grotescos de suas pessoas, tanto de natureza física, quanto moral, mormente quanto a suas atuações na gestão da coisa pública. Além disso, a arte caricatural aparecia para comentar certas circunstâncias ou conjunturas, notadamente na forma de alegorias que serviam para reforçar o espírito crítico do periódico.

Em tais construções caricaturais estampadas em *A Manhã*, a figura feminina que designava a forma de governo republicana no Brasil e no exterior

---

<sup>106</sup> SODRÉ, 1999, p. 369.

se fez presente. Em momento que lutava com leis repressivas no Brasil, o periódico exaltava a data nacional francesa, trazendo uma dama republicana estilizada, demonstrando a continuidade da inspiração de tal figura, bem como demonstrava que havia a necessidade de rompimento com as tantas “Bastilhas” que se impunham às liberdades, como seria o próprio caso brasileiro<sup>107</sup>. Sob o título “Velhice precoce”, a arte caricatural possibilitou o reencontro entre Deodoro da Fonseca, que se mostrava estupefato com a aparência da “filha”, apesar de ter apenas trinta e oito anos, e a própria república, envelhecida e vestida em andrajos, com as roupas remendadas, em referência às leis coercitivas do momento e com o “tesouro” esvaziado<sup>108</sup>. Houve também o caso de uma mulher-república apresentada em sua silhueta e que saudava a aproximação entre Brasil e Argentina, surgindo abaixo da mesma a ênfase à pacificação entre ambos os países<sup>109</sup>. Na mesma linha, a folha fez apreciações sobre o Presidente do país vizinho, cuja efígie aparecia ao lado da República Argentina<sup>110</sup>. Em sua rotina editorial, *A Manhã* dedicou-se ao combate da corrupção e da impunidade e, no aniversário da república, chegou a declarar que aquela que existia era “uma palhaçada”, retratando-a no formato que seria o ideal, com progresso para todos, mas que a mesma nunca passara de fruto da imaginação dos “sonhadores”<sup>111</sup>. Assim a caricatura serviu em larga escala para

---

<sup>107</sup> A MANHÃ. Rio de Janeiro, a. 3, n. 484, 14 jul. 1927.

<sup>108</sup> A MANHÃ. Rio de Janeiro, a. 3, n. 503, 7 ago. 1927.

<sup>109</sup> A MANHÃ. Rio de Janeiro, a. 4, n. 830, 26 ago. 1928.

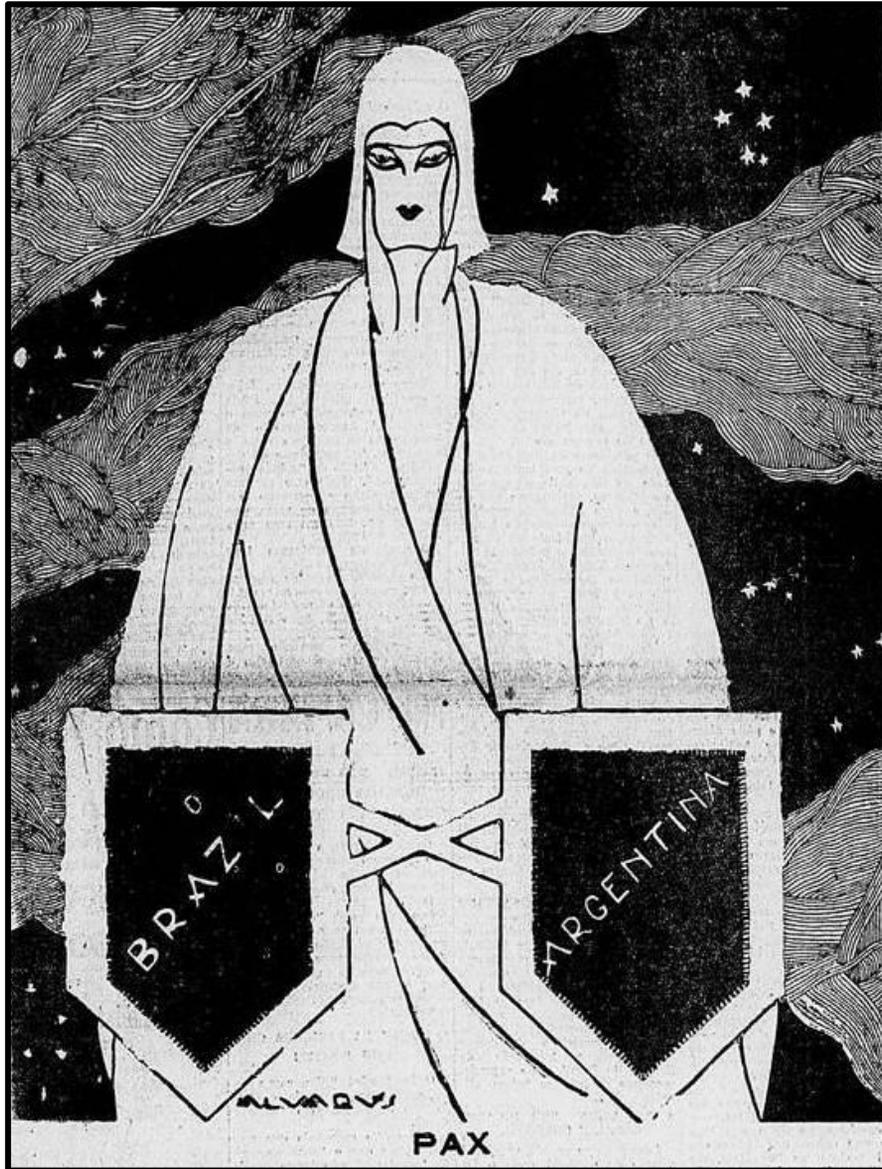
<sup>110</sup> A MANHÃ. Rio de Janeiro, a. 4, n. 871, 12 out. 1928.

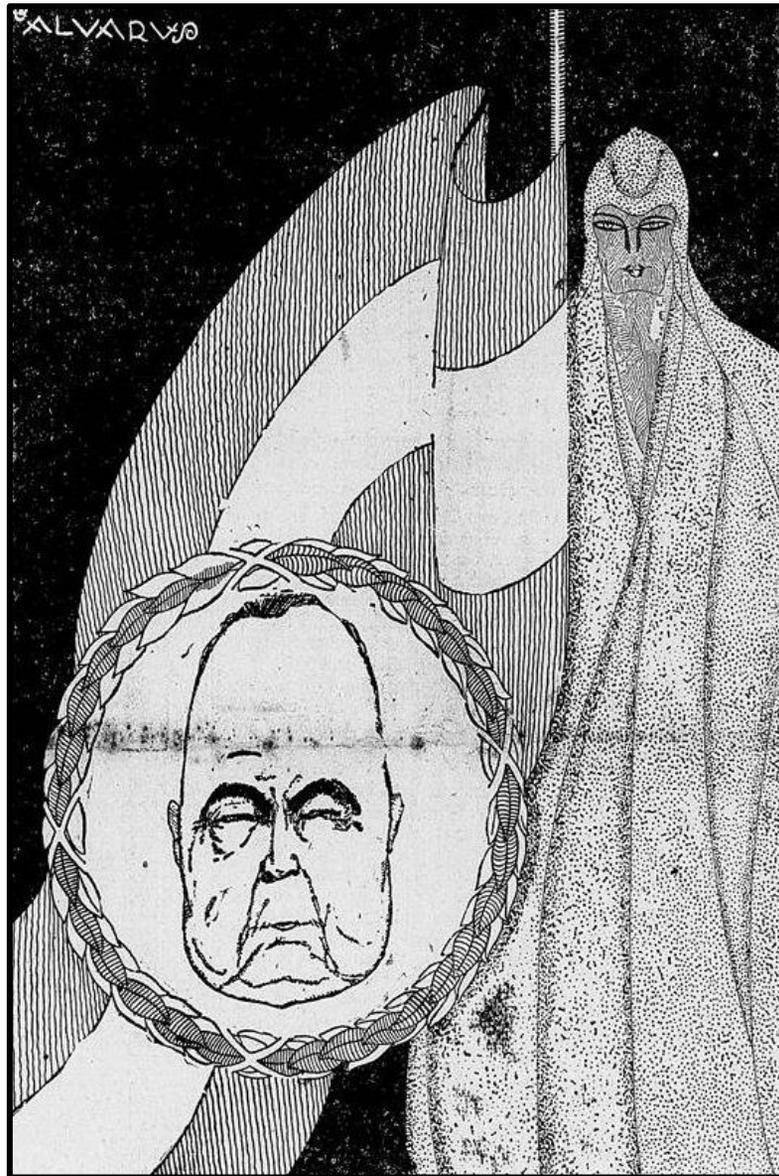
<sup>111</sup> A MANHÃ. Rio de Janeiro, a. 4, n. 900, 15 nov. 1928.

que os periódicos promovessem seu olhar crítico sobre a sociedade brasileira durante a República Velha, aparecendo a dama do barrete frígido como excelente estratégia imagética para expressar as opiniões contrárias ao sistema vigente e denunciar as mazelas que marcavam o país naquela época.









# O "Dia da Republica" dos sonhadores



Como os que não fazem parte da família de gozadores da Republica, concebem a comemoração do 15 de Novembro

PRESENÇAS DA DAMA REPUBLICANA  
NA CARICATURA EM DIVERSAS  
CIDADES BRASILEIRAS À ÉPOCA DA  
REPÚBLICA VELHA

A imprensa ilustrada voltada à difusão da arte caricatural tornou-se verdadeira febre no Brasil desde a segunda metade do século XIX até a primeira da centúria seguinte. Em tais periódicos houve a tendência de associar o texto com a imagem, normalmente distribuídos igualmente entre o diferente número de páginas que cada um deles apresentou. O espírito predominante entre tais folhas foi em geral embasado no humor e na crítica, utilizando-se de estratégias discursivas e imagéticas que envolviam a ironia, a jocosidade, a sátira e mesmo a ridicularização dos alvos em potencial. Ao lado desse enfoque chistoso, tais revistas também adotavam muitas vezes um olhar moralizador sobre a sociedade, no intento de demonstrar as mazelas que a afligiam e apontar os possíveis culpados da sua existência. No momento histórico em pauta houve uma significativa difusão de semanários caricatos ao longo do território brasileiro e este ensaio busca dar destaque à presença da alegoria feminina para a república em folhas editadas em diversos locais entre o Nordeste e o Sul do país.

Um desses hebdomadários foi *O Arlequim*, projeto de expressão caricatural na capital pernambucana, no ano de 1892. Em seu frontispício aparecia o dístico “folha, sem ser de bananeira, dedicada aos interesses da república”, vindo a se predispor a vestir-se “dos melhores retalhos”, empunhando “o chicote da sátira”. Pretendia “acompanhar o grande séquito que rodeia a república”, considerando ser necessário “muito esforço para, calando os desgostos que assoberbam o peito, em face da degradingolada geral que se nota em todos os Estados da União Brasileira”, de modo a dar “dar largas à gargalhada

apreciadora dos clowns politiquieiros, que fazem recuar a pátria em seu caminho de progresso, para civilizá-la de farpas destruidoras”. Dizia também ser preciso “possuir grande soma de paciência para sopitar a indignação elevada que sufoca”, quando era assistida “a maneira escandalosíssima” pela qual “os homens atuais vilipendiam o culto à república e seguem ovantes, semeando o gérmen do descalabro mais cínico e porventura o mais audaz conhecido na história das nações”. Garantia ainda dedicar-se “à dissolução dos costumes” e “ao enfraquecimento da moralidade cívica”, que vinham avançando sobre os “ombros da República Brasileira”. De acordo com tal escopo, o periódico mostrava uma cena carnavalesca na qual a mulher-república, desnuda e ébria, entregava-se à esbórnica junto aos políticos, propondo-se todos a levar em frente um “bacanal”, realizado em homenagem “à saúde da deusa da desordem”, em alusão à figura feminina<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> O ARLEQUIM. Recife, a. 1, n. 4, 28 fev. 1892.



Na capital do Ceará, entre 1895 e 1897, circulou *O Figarino*, que se apresentava como “revista humorística e ilustrada”. Sua redação afirmava que o semanário era “apreciado por todos os moços e moças desta bela terra que viu as faces modernas de Iracema, ‘a virgem dos lábios de mel’”, diante do que teria feito “o possível para conservar uma neutralidade completa em assuntos políticos”, nascendo daí “a estima dos adorados concidadãos”<sup>113</sup>. Propunha-se a criticar a “quem dava motivo” e, figurativamente, dizia estar “acostumado a brincar à sombra do coqueiral, onde buscava inspirações” e procurava “assunto para crítica” e “inspirações para roubar algum tempo” junto de seus leitores. Quanto à política, declarava-se como uma folha republicana, não podendo conservar-se calada “ante os acontecimentos desenrolados” na “estremecida pátria”, os quais seriam “originados dos desvarios de um governo”, que buscava “sacudir o Brasil no abismo da degradação moral”<sup>114</sup>.

A dama do barrete encarnado foi personagem recorrente nas páginas da revista cearense. Em uma delas, a figura que designava o próprio periódico buscava acalmar os ânimos entre um representante da imprensa e a república, que se encontravam em cena de hostilidade<sup>115</sup>. O semanário apresentava a mulher-república novamente de espada em riste, dessa vez em posição para defender o território nacional, enfrentando John Bull, por ocasião da ocupação

---

<sup>113</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 2, n. 1, 5 maio 1896.

<sup>114</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 3, n. 1, 13 jun. 1897.

<sup>115</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 9, 29 jun. 1895.

inglesa na Ilha da Trindade, localizada na costa brasileira<sup>116</sup>. A respeito do mesmo assunto, perante a argumentação inglesa de que o único objetivo da presença na Ilha da Trindade era levar o cabo telegráfico até a Argentina, a república surgia para demonstrar a não aceitação de tal alegação, vindo a cortar esse “fio” de comunicação<sup>117</sup>. Ainda no que tange às questões de fronteira, o hebdomadário se mostrava preocupado com as pretensões francesas no norte do país, na região do Amapá, apresentando a dama republicana sendo atacada por um lobo, e denunciando a inatividade do governo, ao representar o Presidente adormecido<sup>118</sup>. Em outra presença, a dama do barrete frígio aparecia robustecida, em sinal de fortaleza, para, em nome da nacionalidade, simbolizada pelo pavilhão nacional em sua mão, e com a espada na outra, lutar contra as possíveis forças restauradoras que estariam sendo preparadas no país. A república, associada a outra simbologia feminina, a da liberdade, se manifestava também para anunciar mudanças nos quadros políticos latino-americanos, no caso em referência à Cuba<sup>119</sup>.

---

<sup>116</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 14, 4 ago. 1895.

<sup>117</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 15, 11 ago. 1895.

<sup>118</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 21, 22 set. 1895.

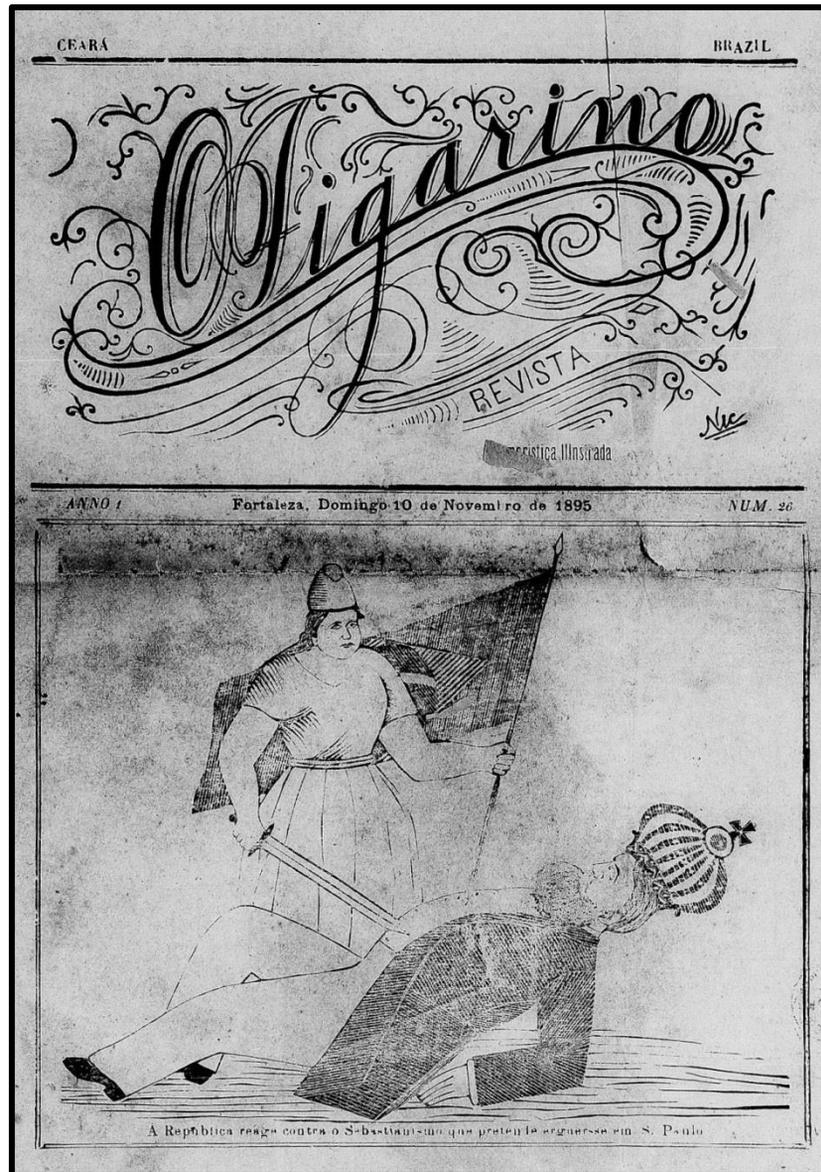
<sup>119</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 26, 10 nov. 1895.

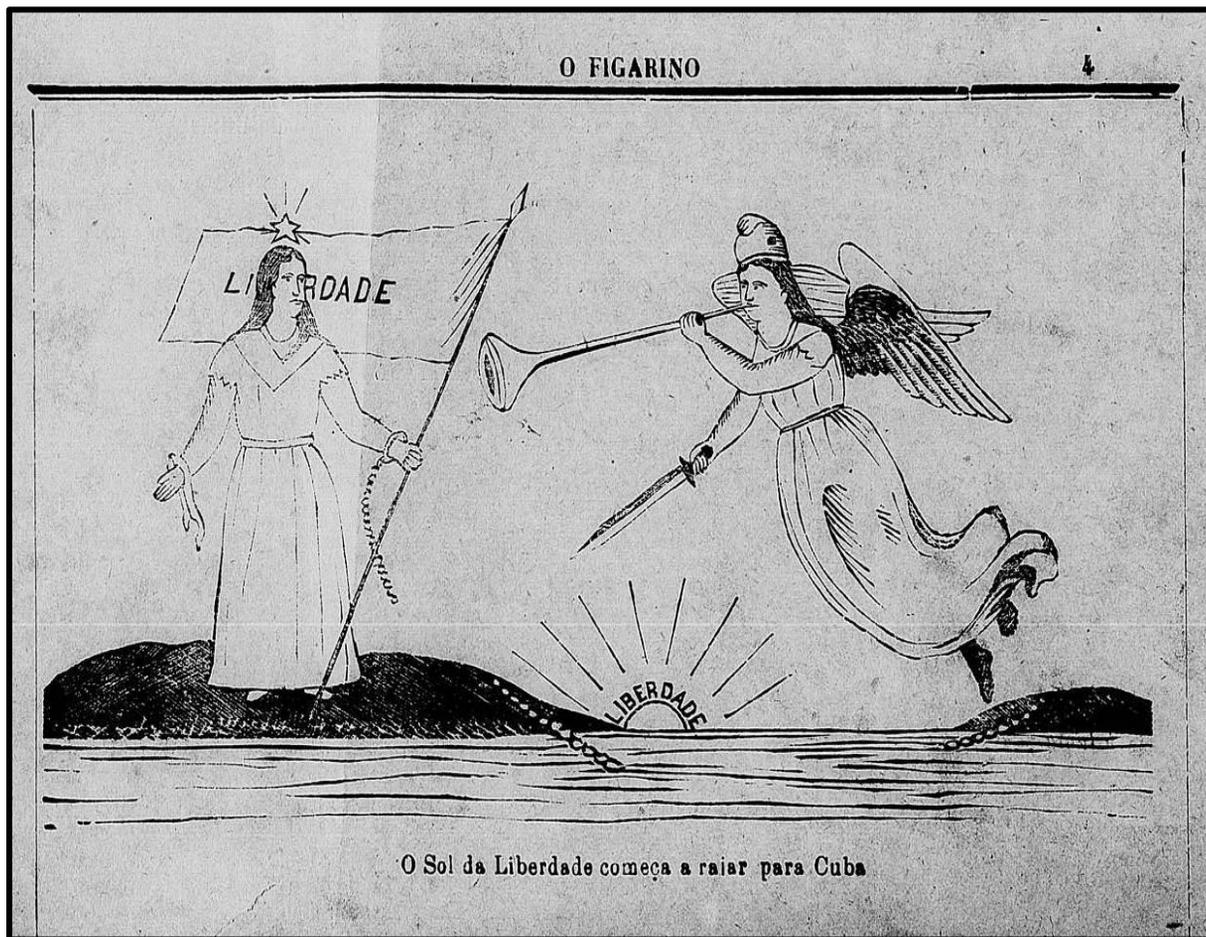












Por ocasião da passagem de mais um 15 de Novembro, em seu aniversário, a dama republicana era saudada e homenageada pela figura que representava *O Figarino*, a qual lhe dedicava uma coroa de louros<sup>120</sup>. Um personagem com mais de uma face, em alusão à falta de verdade em seus posicionamentos, era vinculado ao movimento monarquista, e fugia espavorido da república, que o perseguia, com o látigo à mão e atingindo-o com um lança<sup>121</sup>. Diante de propalada agitação de sebastianistas, buscando reerguer a monarquia, o periódico reclamava da inação e indiferença dos republicanos ao deixarem de lado tal avanço, isso tudo para promover “a agonia da jovem república”, a qual observava a cena estupefata<sup>122</sup>. Em uma crítica interna à imprensa, a folha humorística cearense discordava de um jornal identificado pelo título com a forma de governo republicana, simbolizando-o pela figura feminina condizente, mas cujo corpo era substituído pelos tentáculos de um polvo, buscando apanhar vários dos homens públicos de então, sem manter coerência em seus posicionamentos<sup>123</sup>.

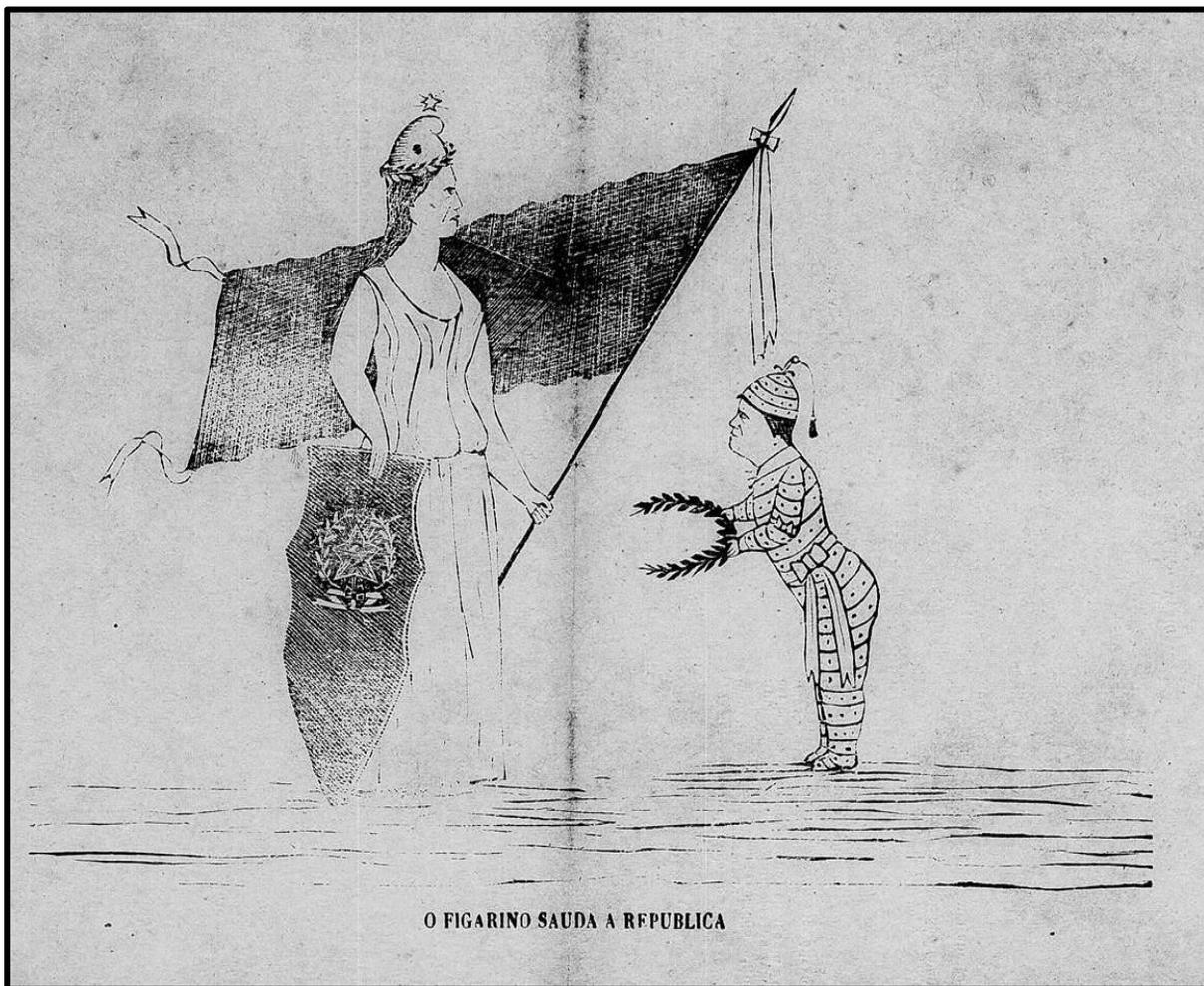
---

<sup>120</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 27, 15 nov. 1895.

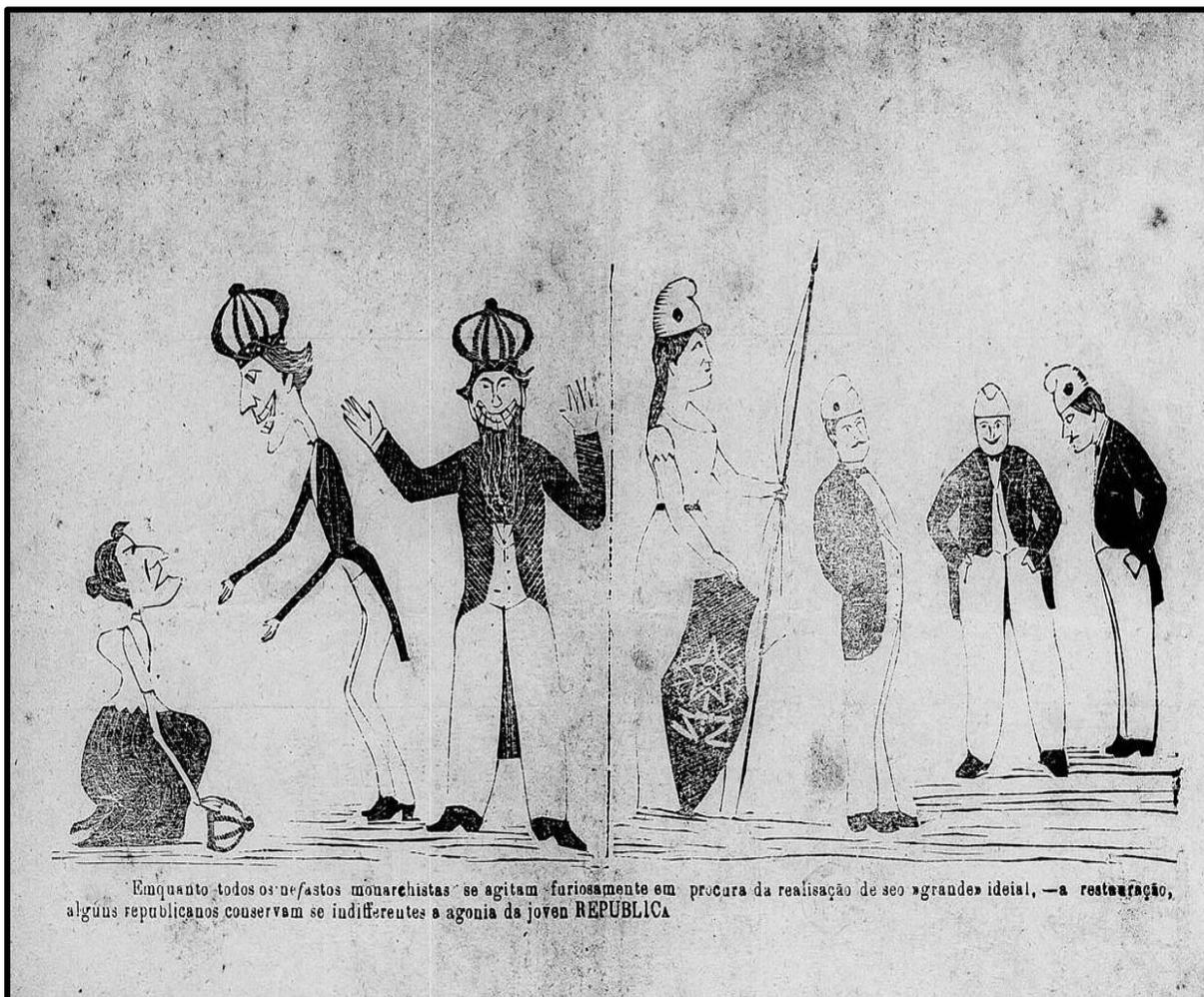
<sup>121</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 29, 24 nov. 1895.

<sup>122</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 1, n. 52, 26 abr. 1896.

<sup>123</sup> O FIGARINO. Fortaleza, a. 3, n. 4, 18 dez. 1897.









Identificado como “jornal crítico e caricato”, circulou em Fortaleza, por curtíssimo período, no ano de 1897, *A Pilhéria*, que anunciou como sua meta principal a de adentrar “as lutas jornalísticas” para empreender “o labor da civilidade e do progresso”. Demarcava que manteria “completa imparcialidade entre as lutas políticas, pondo tão somente em ação a verve da jocosidade humorística, sem o rancor da crítica individualizada e comprometedora”. A publicação garantia a si mesma a participação no “dever inerente à imprensa de censurar o erro e estigmatizar o vício”, pugnando, “em suma, pelo progresso e o bem geral, tendo sempre um prêmio para a virtude e o valor”. Em síntese, afirmava que buscava realizar “uma espécie de tirocínio recreativo na vida jornalística”. Na breve existência de *A Pilhéria*, a dama republicana se fez presente uma vez, sendo atacada mortalmente por uma víbora, identificada com a ação dos políticos, diante do que o periódico exortava os “verdadeiros republicanos” a libertarem aquela “jovem da torpe politicagem”<sup>124</sup>.

---

<sup>124</sup> A PILHÉRIA. Fortaleza, a. 1, n. 1, 2 maio 1897.



Na capital paranaense circulou entre 1907 e 1911, com interrupções, *O Olho da Rua*, que pretendia não se definir “com rutilâncias de lantejoulas e malacachetas, fazendo solenes promessas”, de modo que não ficaria sujeito “a voto algum, à rota alguma que norteie” os seus atos. Nesse sentido, dizia querer “voar livre de peias, em busca de simples ilusões, mas que sejam ao menos suaves como uma alfombra”, onde pudesse “adormecer sonhando os sonhos de futuro”. Considerava que “a novíssima literatura de jornal não deve ficar emparedada nos limites de uma escola”, bem como “o estilo do moderno escritor há de ser vivo e flamante”. Nessa linha, “coalizando elementos que em seu conjunto realizam” um “tipo forte de cronista jovial, de esteta implacável e de caricaturista *à la diable*, ao mesmo tempo mundano e divino”, garantia que poderia “com segurança iniciar sua carreira, certíssimo de firmar uma época cintilante na história de nossa literatura”<sup>125</sup>.

A mulher-república surgiu nos desenhos de *O Olho da Rua* em homenagem ao 15 de Novembro, data em que a figura feminina republicana dedicava uma coroa de louros a alguns dos personagens considerados fundadores do regime, sendo também saudados outros, que militaram junto à propaganda antimonárquica no âmbito paranaense<sup>126</sup>. Mas o espírito crítico também encontrou espaço nas presenças da dama republicana, identificada igualmente com a Federação, pronta a receber um grande contingente populacional no sentido de, figurativamente, dar-lhes guarida em um

---

<sup>125</sup> O OLHO DA RUA. Curitiba, a. 1, n. 1, 13 abr. 1907.

<sup>126</sup> O OLHO DA RUA. Curitiba, a. 1, n. 15, 15 nov. 1907.

albergue<sup>127</sup>. Já outra presença da alegoria feminina da república deu-se também em edição comemorativa alusiva ao Dia da Bandeira, símbolo nacional que era empunhado altiva e garbosamente por ela, que pairava no ar, sobre o círculo que demarcava o pavilhão nacional; em tom fortemente patriótico, a legenda exortava a mocidade a tornar-se “guarda avançada” daquele “pendão”, o qual deveria ser cultuado para que se obtivesse a “estabilidade da ordem” e a “vitória do progresso”<sup>128</sup>.

---

<sup>127</sup> O OLHO DA RUA. Curitiba, a. 4, n. 5, 22 jul. 1911.

<sup>128</sup> O OLHO DA RUA. Curitiba, a. 4, n. 11, 22 nov. 1911.

ANNO I      ← Coritiba, 15 de Novembro de 1907 →      NUM. 15

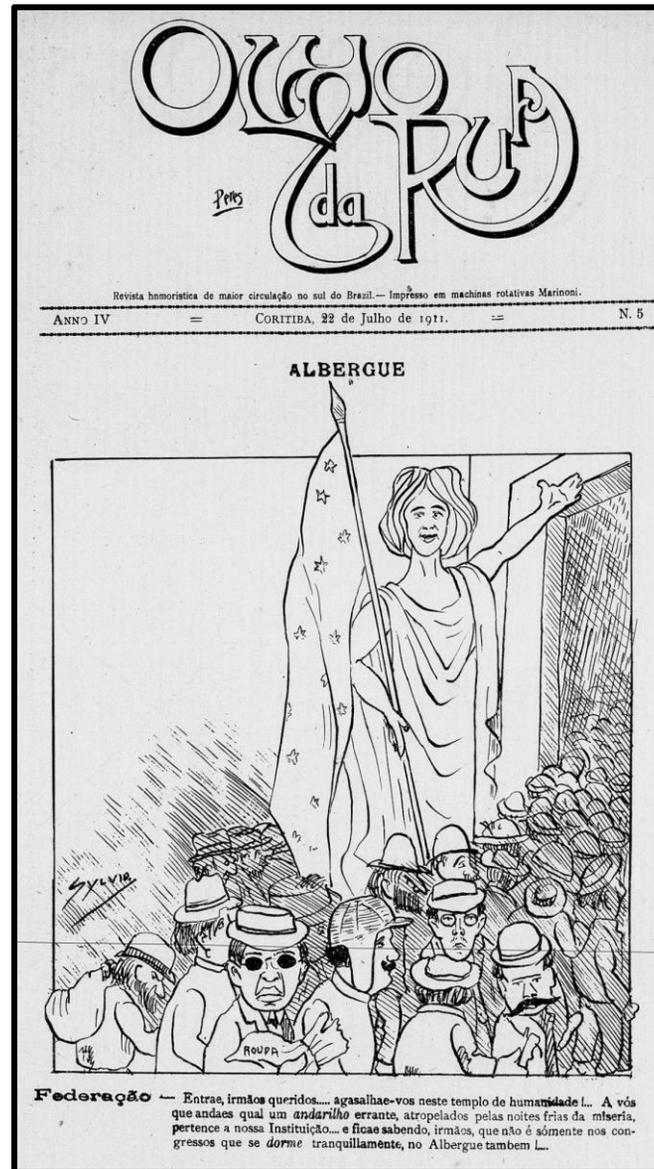
# O OLHO DA RUA

1889

GRUPO REPRESENTANDO OS PROPAGANDISTAS  
-NO PARANÁ-

O «Olho da Rua» homenageando a data 15 de Novembro estampa os clichés de Manoel Correia de Freitas, Albino Silva, Octavio do Amaral, Fernando Simas e Emiliano Perretta como representantes desse resumido grupo que anda por ahi pelo Paraná, clarinando em prol do estabelecimento das instituições republicanas em nosso paiz.

Avulso 300 rs.





Um outro projeto de circulação pouquíssimo perene deu-se na capital catarinense, com a publicação restrita a breve espaço de tempo em 1916, de *O Olho*, que se definia como “jornal humorístico”, cujo programa seria “bem simples”, ou seja, “não trata nem de política nem de religião, não tem intelectuais entre seus colaboradores” e “não fará crítica pesada e ofensiva”. Anunciava que faria “espírito com decência” e, “brejeiro, malicioso e perscrutador lobregará o que por aí se passa”, vindo a descrever “umas tantas coisas meio escondidas que todos precisam saber”. Dizia ainda que, de acordo com as circunstâncias, poderia ser “lacrimoso, desanimado e triste; sonolento, doentio e abichornado; alegre, satisfeito e perspicaz; aceso, ganancioso e voraz”. À parte, em soneto, demarcava que pretendia constituir “o paladino ousado, tendo por lema a crítica sensata”, vindo a combater “o pedantismo e a gente ingrata”<sup>129</sup>. Uma homenagem ao aniversário da Constituição de 1891, que completava um quarto de século, foi a oportunidade para o aparecimento da dama do barrete encarnado, a qual carregava a bandeira brasileira e sustentava placa com inscrição solene ao texto constitucional e o escudo das armas nacionais, enquanto, ao fundo, raiava o sol, identificado com o ano da proclamação da república<sup>130</sup>.

---

<sup>129</sup> O OLHO. Florianópolis, a. 1, n. 1, 1º jan. 1916.

<sup>130</sup> O OLHO. Florianópolis, a. 1, n. 9, 24 fev. 1916.



Na cidade de São Paulo, já ao final da República Velha, entre 1926 e 1927, foi editado *O Saci*, que pretendia lançar mão da figura folclórica que lhe dava o título para agitar a sociedade na qual circulava. Ao apresentar-se, dizia que “dos nossos duendes, o Saci é o mais folgazão e galhofeiro e quase inofensivo, pois, em último caso, só mata com a cócega do ridículo”. Demarcava que seria “um moleque de seus treze anos, irreverente, porém nada malcriado” e gostando “sempre de andar encarapitado e só não liga aos burros por serem tosados”, vindo a constituir “o verdadeiro trasgo da troça e da gaifona”. Afirmava ainda que seria “modesto e folgazão” e “governista e oposicionista”, pretendendo cavar “simpatias, anúncios, assinantes e um punhado de leitores”, sem que fizesse isso “nem na burra do povo, nem na burra alheia”. Garantia também que faria “o possível para assombrar a coronelada e para isso espera coisas do interior” e especificava que, “se chegar a ofender a alguém”, estaria “sempre pronto a pedir desculpas, quando o ‘alguém’ não for culpado”<sup>131</sup>. Quanto à simbologia feminina da república, a folha mostrava-a sendo carregada pelo Presidente Washington Luís, transmutado em um centauro, mas prevalecendo dúvidas quanto à sua capacidade de “salvar a menina”<sup>132</sup>. O mesmo governante também tinha uma conversa doméstica com a república, revelando as enormes dificuldades para arrumar a casa e pagar as dívidas, em alusão à política interna e externa do país, durante o seu quadriênio<sup>133</sup>. Essa brevíssima amostragem demonstra o quanto a

---

<sup>131</sup> O SACI. São Paulo, a. 1, n. 1, 8 jan. 1926.

<sup>132</sup> O SACI. São Paulo, a. 1, n.38, 24 set. 1926.

<sup>133</sup> O SACI. São Paulo, a. 1, n. 48 3 dez. 1926.

imprensa caricata espalhou-se pelo país, em várias de suas regiões e, dentre as construções iconográficas e alegóricas a imagem da dama do barrete frígio permanecia sendo recorrente para demarcar os caminhos e descaminho da forma de governo instalada em 1889, revelando o quanto tal símbolo ainda trazia de significado e compreensão junto ao público leitor.





A REPRESENTAÇÃO FEMININA DA  
REPÚBLICA EM COMEMORAÇÕES DO  
15 DE NOVEMBRO NO *JORNAL DO*  
*BRASIL* NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

O 15 de Novembro foi progressivamente incorporado ao rol das datas cívicas nacionais, vindo a tornar-se uma das mais importantes em termos de solenidades festivas, em meio às quais a imprensa teve um papel relevante. Dentre os jornais que abordaram as comemorações alusivas à data da implantação republicana, além da cobertura dos atos solenes por meio da fotorreportagem, houve uma significativa preferência pela escolha de Deodoro da Fonseca para representar imagetivamente o 15 de Novembro. Uma exceção foi o *Jornal do Brasil*, em cujas edições referentes ao dia em pauta, também deu significativo espaço para a presença da dama do barrete encarnado. Publicado no Rio de Janeiro desde 1891 e mantendo sua circulação até o presente, em seguida a suas origens, o *Jornal do Brasil* se firmaria como um representante da grande imprensa, tendo sido montado em moldes empresariais, com estrutura sólida, surgindo para perdurar, ao trazer uma série de inovações, quanto à distribuição, ao aprimoramento gráfico, às formas de expressão das notícias e à estrutura redacional, além da inclusão de gravuras e fotografias em suas páginas impressas<sup>134</sup>. Na busca de uma postura de moderação, o periódico dizia que seu intento seria o de manter uma equidistância entre os extremos, objetivando “discernir e interpretar o movimento público, para sustentar as reivindicações legítimas”, ou contrariar as que não o fossem<sup>135</sup>. Nesse sentido, à época da República Velha, buscou adotar uma postura de moderação, ainda

---

<sup>134</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 251, 257-263 e 273.

<sup>135</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 9 abr. 1891.

assim, com a Revolução de 1930, viria a sofrer reveses, com o empastelamento de suas oficinas e suspensão das edições. Manteve certa cautela diante do Governo Provisório, retomando o debate mais efetivamente com a convocação da Assembleia Constituinte, mas estabeleceu a notícia e a sustentação comercial, mormente a partir da publicação de material publicitário, como suas prioridades<sup>136</sup>.

Nas décadas de 1920 e 1930, o *Jornal do Brasil* manteve a dama republicana como ilustração central em várias das edições que trouxeram registro iconográfico alusivo às comemorações do 15 de Novembro. Ainda no início dos anos 1920, o periódico trouxe a mulher-república sustentando a esfera do centro da bandeira nacional, além de uma coroa de louros em homenagem à data, bem como, na outra mão, carregava o pavilhão brasileiro, ao passo que, no fundo da imagem, o propalado proclamador não era esquecido, com a inclusão da efígie de Deodoro da Fonseca<sup>137</sup>. No ano seguinte, a figura feminina aparecia mais estilizada, sem perder o contato com a bandeira brasileira, bem como sendo mantida a companhia do primeiro Presidente do país<sup>138</sup>. Na oportunidade seguinte, a homenagem se centrava no próprio aniversário do jornal, com ênfase à sua dedicação ao “povo”, mas sem deixar de haver a referência à dama do barrete frígio que surgia no horizonte<sup>139</sup>.

---

<sup>136</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & MONTALVÃO, Sérgio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

<sup>137</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 30, n. 318, 15 nov. 1920.

<sup>138</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 31, n. 301, 15 nov. 1921.

<sup>139</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 32, n. 273, 15 nov. 1922.







Já ao final da década de 1920, um militar indicava os caminhos a seguir e era sustentado pela própria representação da república, que aparecia com o aspecto de um monumento<sup>140</sup>. A partir dos obstáculos enfrentados com os episódios de 1930, o *Jornal do Brasil* se viu na circunstância de aderir, ou ao menos aceitar a nova situação vigente. Nesse sentido o 15 de Novembro do ano de 1930 foi considerado como a “grande data”, vindo o periódico a indicar que aquele momento demarcado pela Revolução de 1930 se tratava de uma “nova alvorada”, em quadro pelo qual, a mulher-república olhava para o passado e carregava uma placa alusiva ao presente<sup>141</sup>. No ano seguinte, a opção foi pela caricatura, mantendo-se à adesão aos novos detentores do poder, de modo que, no desenho surgiam as figuras de Quintino Bocaiúva, como propagandista, Deodoro da Fonseca, como proclamador, e Floriano Peixoto, como consolidador, seguindo-se uma época de “trancos” e “solavancos”, em crítica à República Velha, com danificações ao busto da República, o qual, no último quadro, era restaurado e renovado pelo próprio Getúlio Vargas<sup>142</sup>. Trazendo dois versos de conclamação patriótica do Hino à Mocidade Acadêmica, em outra “grande data”, o jornal apresentava o índio – tradicional representação do povo brasileiro – a observar o horizonte, onde pairava, tal qual uma divindade, a imagem da mulher-república<sup>143</sup>.

---

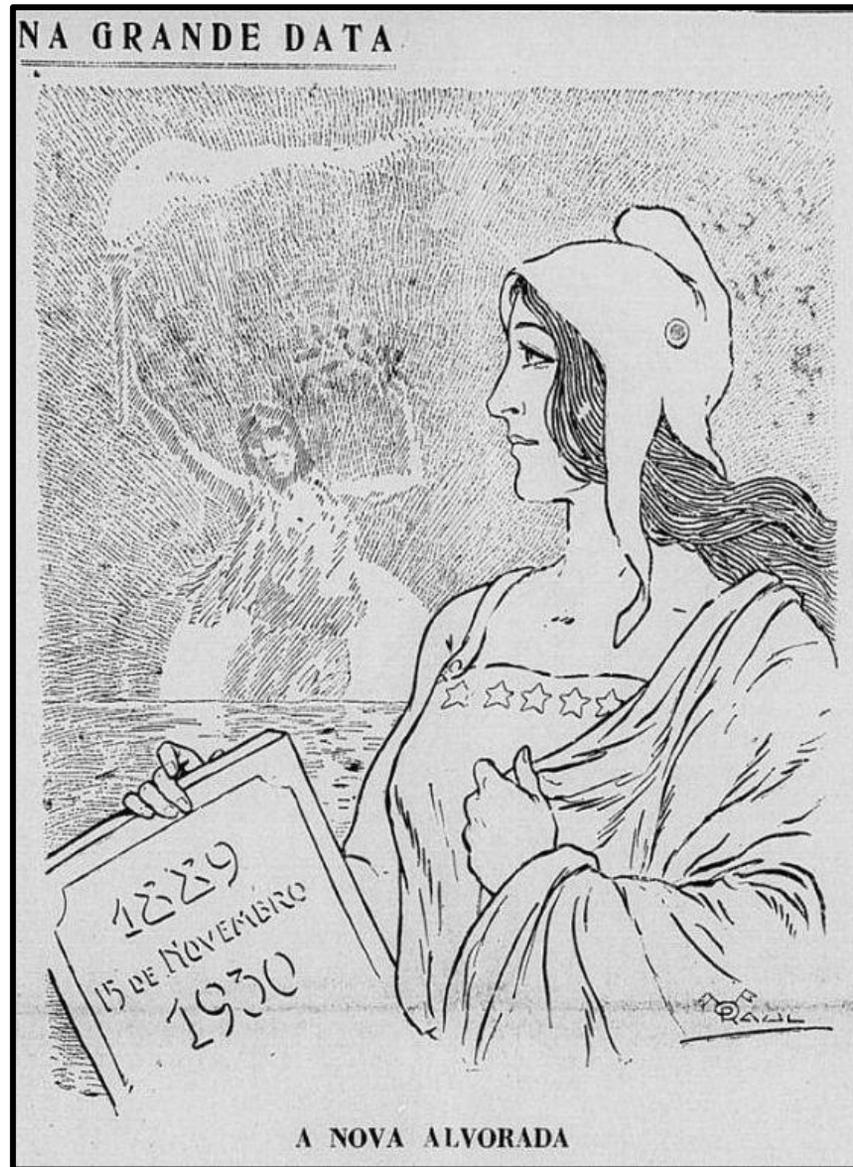
<sup>140</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 38, n. 275, 15 nov. 1928.

<sup>141</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 40, n. 270, 15 nov. 1930.

<sup>142</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 41, n. 273, 15 nov. 1931.

<sup>143</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 43, n. 271, 15 nov. 1933.





# A REPUBLICA



*Depois de longa propaganda, Deodoro proclamou-a. Floriano tratou de consolidá-la.*



*Depois proseguir a vida, ora aos trancos, ora emparada, ora aos solavancos...*



*Figura vai ser renovada. Vámos vêr como é que fica.*



Já em outra edição voltada ao 15 de Novembro, o *Jornal do Brasil* estampava a dama republicana em postura de culto cívico-patriótico, sustentando a placa que lembrava os quarenta e cinco anos de existência da forma de governo, surgindo nos céus a efígie do proclamador, havendo ainda o destaque ao refrão do hino republicano<sup>144</sup>. A caricatura voltava a ilustrar a edição destinada à data alusiva, com a figura representativa do caricaturista a elogiar a formosura do busto da república que, com quarenta e seis anos ainda estaria a conservar “a mesma beleza em imagem”<sup>145</sup>. Em outra cena, uma criança sustentava a placa que demarcava a efeméride, ao passo que a dama do barrete frígio erguia uma coroa de louros em direção ao Cruzeiro do Sul, enquanto a outra mão sustentava uma lança e um escudo com a inscrição presente na faixa da bandeira nacional<sup>146</sup>. Com a chegada do Estado Novo, o periódico carioca viria a restringir o uso da imagem da dama republicana e o conteúdo libertário que ela carregava consigo, o qual deixaria de estar a contento com o status quo reinante, dominado pelo autoritarismo e a concentração de poderes. Entretanto, antes disso, nos anos 1920 e 1930, dentre os jornais diários que apresentavam ilustrações em suas páginas, o *Jornal do Brasil* foi um dos que mais dedicou suas iconografias para trazer à baila a tradicional alegoria feminina da forma de governo republicana, por ocasião das festividades do 15 de Novembro.

---

<sup>144</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 44, n. 273, 15 nov. 1934.

<sup>145</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 45, n. 272, 14 nov. 1935.

<sup>146</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, a. 46, n. 272, 15 nov. 1936.









ENCONTROS COM A PERSONAGEM DO  
BARRETE ENCARNADO NA IMPRENSA  
PORTUGUESA EM DIFERENTES  
MOMENTOS DAS RELAÇÕES LUSO-  
BRASILEIRAS: BREVÍSSIMA  
ABORDAGEM

Apesar da crise econômico-financeira e sócio-política que abalava Portugal, na última década do século XIX a imprensa portuguesa passava por uma fase de expansão de ordem quantitativa e qualitativa, com o recrudescimento do número de jornais e o aprimoramento editorial e gráfico que acompanhava as evoluções de natureza técnica<sup>147</sup>. Uma das características marcantes desse periodismo foi um processo de diversificação e especialização das atividades jornalísticas, com a circulação de periódicos com nortes editoriais e fundamentos gráficos bem demarcados. Nesse quadro, esteve inserida a denominada imprensa ilustrada, cujo aparecimento na maior parte

---

<sup>147</sup> A respeito do jornalismo português nessa época, ver: ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894.; ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de l'apresse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.; CASTRO, José Luciano de. *Catálogo do jornalismo português antigo e moderno*. Lisboa: Liv. de João Pereira da Silva & Filhos, 1897.; CUNHA, Alfredo da. *Relances sobre os três séculos do jornalismo português*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941.; CUNHA, Alfredo da. *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa (1641-1821)*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1941.; CUNHA, Alfredo. *Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; MONTEIRO, Graciano Franco. *Coleção de jornais portugueses começada em 1883*. Coimbra: Tip. de M. C. da Silva, 1887.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *O jornalismo português: resenha cronológica*. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses*. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: *Revista de Ciências Letras e Artes*. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3), ago. 1901, p. 68-82.; TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.; TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3. p. 246-273.; e RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 351-396.

das grandes cidades europeias viria a encorajar em Portugal a criação de publicações idênticas. Assim foram fundadas revistas profusamente ilustradas, de elevado nível e algumas delas de longa existência<sup>148</sup>, de modo que as revistas ilustradas acresciam ao texto a qualidade da imagem, através do desenho, levando aos leitores qualificadas reproduções de paisagens, personagens e fatos históricos e personalidades marcantes na vida pública de então. Em tal conjuntura, entendia-se que a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito<sup>149</sup>.

Em meio à imprensa portuguesa, os acontecimentos desencadeados no Brasil obtinham ampla repercussão, tendo em vista as profundas relações históricas e os vínculos tradicionais que ligavam ambos os países, bem como a presença de uma numerosa colônia lusa em terras brasileiras. Após o processo de emancipação política, as inter-relações brasileiro-lusitanas tiveram uma tendência geral de cordialidade, mas, a partir da implantação da república no Brasil, tal aproximação passaria por várias etapas de estremecimento, as quais culminariam com a ruptura diplomática, para, depois, estabelecer-se um novo processo de reaproximação, até que fosse mais uma vez atingida a harmonia. Essas fases foram refletidas por meio dos periódicos que não só noticiaram/opinaram a respeito, como também tiveram papel essencial no

---

<sup>148</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 197-198.

<sup>149</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. p. 865.

desencadeamento de cada uma delas. Em alguns desses momentos, a imprensa ilustrada apresentou a versão da dama do barrete frígido para representar a forma de governo instaurada no Brasil em 1889.

Com a gênese da república no Brasil, os periódicos lusos tiveram alguma tendências básicas quanto às suas reações. As folhas monárquicas reagiram muito negativamente, criticando profundamente os brasileiros por aquilo que consideravam como uma traição a D. Pedro II e imaginavam um futuro tenebroso para o Brasil, comparável ao esfacelamento, guerras e convulsões internas típicas das nações latino-americanas. Já os jornais republicanos manifestaram grande entusiasmo com a mudança na forma de governo brasileira, incrementando a sua propaganda antimonárquica, ao alegar que se os Bragança haviam caído na América, o mesmo poderia ocorrer na Europa. Houve também as publicações que optaram por um caminho noticioso-informativo, intentando manter um afastamento quanto aos episódios nos trópicos e especificando que só aos brasileiros cabia decidir seus destinos. As revistas ilustradas e humorísticas, por sua vez, apresentaram seu olhar crítico e jocoso a respeito da mudança institucional no Brasil.

Uma dessas edições humorísticas voltadas à divulgação da arte caricatural, *A Comédia Portuguesa*, foi publicada em Lisboa, de 6 de outubro de 1888 a 19 de dezembro de 1889<sup>150</sup>. Tal publicação se intitulava como “crônica

---

<sup>150</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 172.

semanal de costumes, casos, política, artes e letras”. Em seu primeiro número, a folha buscava demonstrar que teria um comportamento mais ameno em relação aos seus colegas caricatos, ao informar que seria “crítica, perfeitamente imparcial, sem peias e sem atrevimentos” que melindrassem “a liberdade de cada um, na sua esfera de ação”. Sustentava ainda que sua crítica não iria “aspirar à gargalhada ruidosa, nem pela insolência do desenho, nem pelo torpe do assunto, nem pelo desbragado da linguagem”, mas constituiria “uma crítica moralizadora e fecunda, não menos cruel, por delicada”. Desse modo pretendia criticar todos os assuntos ligados à política, às artes, à ciência e aos costumes da sociedade portuguesa, “não só analisando o seu viver de dia a dia, mas consagrando números especiais, às suas instituições, escolas, museus, teatros, foro, câmaras”, bem como às suas coletividades. Assim enunciava o seu programa, garantindo que ele não teria “a graciosa propriedade de ser apenas um amontoado de palavras sem importância, como os programas políticos” da imprensa lusitana<sup>151</sup>.

Na versão da *Comédia Portuguesa*, o surgimento da república no Brasil abalara profundamente a sociedade lusa, ainda mais quando todos esperavam tal mudança somente após a morte de Pedro II. Com graça, o periódico dizia que “todas as boas vontades e atenções com que esperavam cercar o monarca até o último dos seus dias, se transformaram em uma ordem de passeio até a Europa” e opinava que “não havia memória na história de coisa tão grande, feita com

---

<sup>151</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, a. 1, n. 1, 6 out. 1888.

tanto sossego e simplicidade”. Desse modo, segundo o periódico, o Brasil passara a ser república, “feita assim com ares de castelo fantástico em cosmorama de figuras dissolventes, numa espantosa lição para os governantes, só capaz de ocorrer naquele continente, pois, não estivesse o Brasil na América e não se gabaria de tal”. Tal revista publicou uma caricatura sobre o tema, intitulada “A anunciação”, na qual, a mulher-república assumia feições divinas, ao aparecer como um ser alado, e indicava o caminho de saída a D. Pedro II, que se retirava, guarda-chuvas a tiracolo e uma mala de sonetos às mãos. A legenda era breve: “Sabe vossa majestade imperial que tem de me ceder o lugar? - Já sei. Já sei”<sup>152</sup>.

---

<sup>152</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, a. 2, n. 5, 21 de novembro de 1889.



Outro periódico ilustrado cujo norte editorial era vinculado à difusão da caricatura foi o *Pontos nos ii*, o qual, por sua vez, era a continuidade de outro de mesmo gênero, *O Antônio Maria* (1879-1899), constituindo os dois em seu conjunto, uma das mais relevantes publicações caricatas portuguesas. Este viria a ser substituído pelo hebdomadário *Pontos nos ii*, em um título alusivo à expressão cujo significado era o de analisar e esclarecer dada circunstância com argúcia. A folha manteria as mesmas características e linha editorial do semanário que substituíra e circulou em Lisboa entre 7 de maio de 1885 e 5 de fevereiro de 1891<sup>153</sup>. Em sua apresentação, a revista voltada à caricatura mostrava uma historieta de Maria que, viúva havia três meses de Antônio, em uma referência à publicação anterior, resolvera tocar a folha sozinha. Dizia que sua meta era a de fazer “rir sem descanso, de boca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos” que fervilhavam pelo país, “como formigas num açucareiro” e, com tais “galhofeiras disposições” vinha à “presença do público ilustrado” pedir “vênia para patentear – em doses o mais homeopáticas possíveis – todos os patuscos acontecimentos” de que tomara “nota no canhenho do seu Antônio, desde o dia em que ele fora chamado abaixo”<sup>154</sup>. Ambos os títulos exerceram vasta influência no espírito público e, por meio da pena cáustica, caricaturaram a monarquia agonizante<sup>155</sup>, contribuindo significativamente para a derrocada do regime.

---

<sup>153</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 59-60.; e RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. v. 2. p. 179.

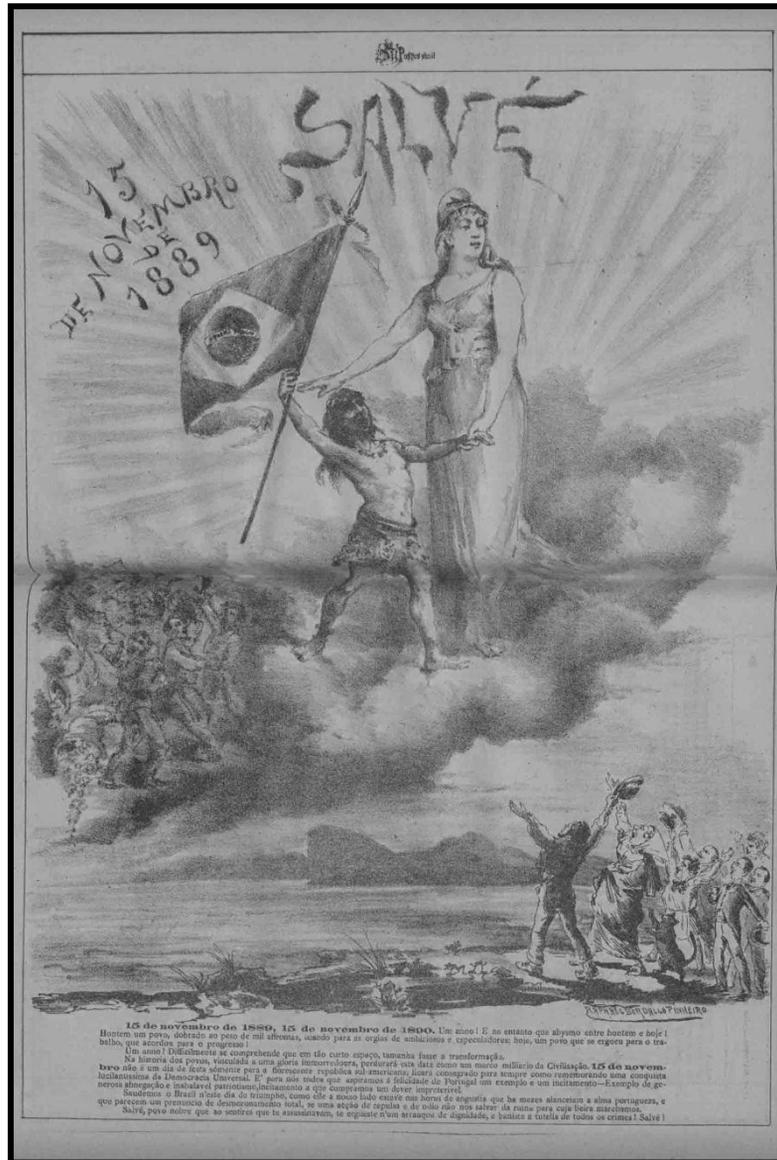
<sup>154</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, a. 1, n. 1, 7 maio 1885.

<sup>155</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 239

Por ocasião da proclamação da república no Brasil, estava circulando o *Pontos nos ii*, que repercutiu intensamente o episódio. Ainda que fosse um defensor ardoroso dos princípios antimonárquicos, o periódico não deixou de privilegiar o tratamento humorado para os acontecimentos brasileiros, embora suas tendências ficassem evidenciadas no tratamento dado a D. Pedro II, o qual aparecia em várias situações, muitas delas imaginárias como permitia a arte caricatural, sendo fortemente ridicularizado. Sobre a mudança na forma de governo brasileiro houve uma profusão de material iconográfico, buscando revelar detalhes reais ou não acerca da transformação institucional. Entretanto, nessa leva de representações imagéticas, o periódico não chegou a lançar mão da alegoria feminina para simbolizar os fatos. Isso viria a ocorrer nas comemorações do primeiro aniversário da República Brasileira, em que o semanário trouxe ilustrações de alguns dos protagonistas da modificação político-administrativa, fossem eles membros do primeiro governo sob a nova forma, ou propagandistas da causa antimonárquica. Na mesma ocasião, surgia a imagem da dama republicana, que pairava nas nuvens, levando pela mão o índio – tradicional representação do povo brasileiro – e liderando a população que os seguia, enquanto, do outro lado do oceano, eram os portugueses que os saudavam com entusiasmo. Claramente tomando partido, a folha buscava demarcar o quanto o Brasil teria evoluído na passagem daquele breve período<sup>156</sup>.

---

<sup>156</sup> PONTOS NOS ii. Lisboa, a. 6, n. 281, 15 nov. 1890.



As diversas crises enfrentadas pelo Brasil, fossem as de ordem financeira, econômica e cambial, fossem as de tendência político-institucional, com a tentativa de golpe de Estado do primeiro Presidente da República e a reação que levou à sua deposição, ou ainda a Revolta da Armada, que estourou no Rio de Janeiro e a Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul, foram vistas pelos periódicos republicanos portugueses como etapas normais da evolução de uma nova forma de governo, ao passo que as folhas monárquicas observavam tais elementos como comprobatórios de suas perspectivas negativas para com a iminente fragmentação do país tropical, afundado em guerras civis. Tais comentários viriam a gerar certos transtornos nas relações luso-brasileiras, agravadas pela agitação de um movimento de natureza jacobina, que dava sustentação ao segundo Presidente, Floriano Peixoto, e que se caracterizava pela radicalidade e xenofobia, demarcada por uma forte perspectiva anti-lusitana. As desarmonias se intensificaram ainda mais com o asilo cedido por naus portuguesas a rebeldes brasileiros, muitos dos quais viriam a fugir e retomar o combate ao governo, ato que foi considerado inaceitável pela administração brasileira, a qual determinou o rompimento diplomático entre ambos os países. Era a culminância do processo de ruptura brasileiro-lusitano e, a partir de então, desencadeou-se um movimento de retomada gradual das relações, a qual teve por fatores decisivos, o próprio reatamento diplomático, a mediação lusa na questão de fronteiras entre a Inglaterra e o Brasil pela Ilha da Trindade, sendo dado ganho de causa a este, e, as comemorações binacionais do quarto centenário do descobrimento do Brasil, o apogeu do projeto de reaproximação.

A retomada das relações diplomáticas luso-brasileiras foi em geral aplaudida com veemência pelos representantes da imprensa portuguesa, dentre eles as publicações ilustradas. Uma delas foi o *Charivari*, que era o nome de um hebdomadário caricato que circulou na cidade do Porto entre 13 de novembro de 1886 e 29 de abril de 1899<sup>157</sup>. Tal folha veio a constituir uma peça importante na história da caricatura lusa, adotando o nome de um célebre jornal humorístico francês, e procurando entrar na política nacional com o mesmo impacto dos semanários lisboetas do mesmo gênero<sup>158</sup>. Em sua apresentação, o humor também estava presente, estabelecendo uma espécie de conversa direta com os leitores, na qual afirmava que fazer rir naqueles frios de inverno que principiavam a entorpecer os nervos faciais, dando “aos rostos o aspecto de republicanos austeros”, não seria tarefa fácil. Mas, mesmo diante de tal dificuldade, dizia que iria fazer “das tripas coração” para cumprir seu intento. Invocando figuras míticas e históricas de todos os tempos, como faunos da antiguidade, bobos da corte medievais e arlequins coetâneos, bem como vários nomes de exponenciais artistas da caricatura, o periódico pedia que tais “reis do riso” viessem em seu auxílio, trazendo-lhe “a ciência dos seus luminosos espíritos” para orientar-lhe em sua missão<sup>159</sup>. Assim, o semanário, de acordo

---

<sup>157</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 154.

<sup>158</sup> SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data.. v. 1. p. 266 e 276.

<sup>159</sup> CHARIVARI. Porto, a. 1, n. 1, 13 nov. 1886.

com seu espírito crítico, fazia jus a seu título, que se referia “a berrarias, tumultos, conflitos e confusões”<sup>160</sup>.

Na oportunidade da reaproximação diplomática brasileiro-lusitana, o periódico limitou-se a noticiar o acontecimento, sem maiores comentários, deixando plenamente de lado as características gerais da caricatura, com a ausência do fundamento jocoso e do espírito crítico. Nessa linha, enfatizava “o justo contentamento popular, ao ver finalmente reatadas as amigáveis relações com a maior e a mais poderosa das nações sul-americanas”, além de manifestar uma “saudação sincera e espontânea” de “grande simpatia” que consagrava “ao povo brasileiro, tão ligado pela história e pelo idioma” aos portugueses. Além disso, o semanário caricato publicava uma alegoria na qual a jovem dama republicana, bandeira brasileira à mão direita, abraçava e era abraçada pelo velho cavaleiro, representando Portugal. Abaixo deles apareciam os brasões de armas dos dois países, ligados por uma faixa com a inscrição – fraternidade. A cena tinha ao fundo duas paisagens, uma brasileira e outra portuguesa, simbolicamente com uma pequena distância entre elas, buscando demonstrar a reaproximação entre as duas nações. A legenda era: “O *Charivari*, enchendo-se da mais sincera e efusiva satisfação, reúne o seu júbilo ao dos seus

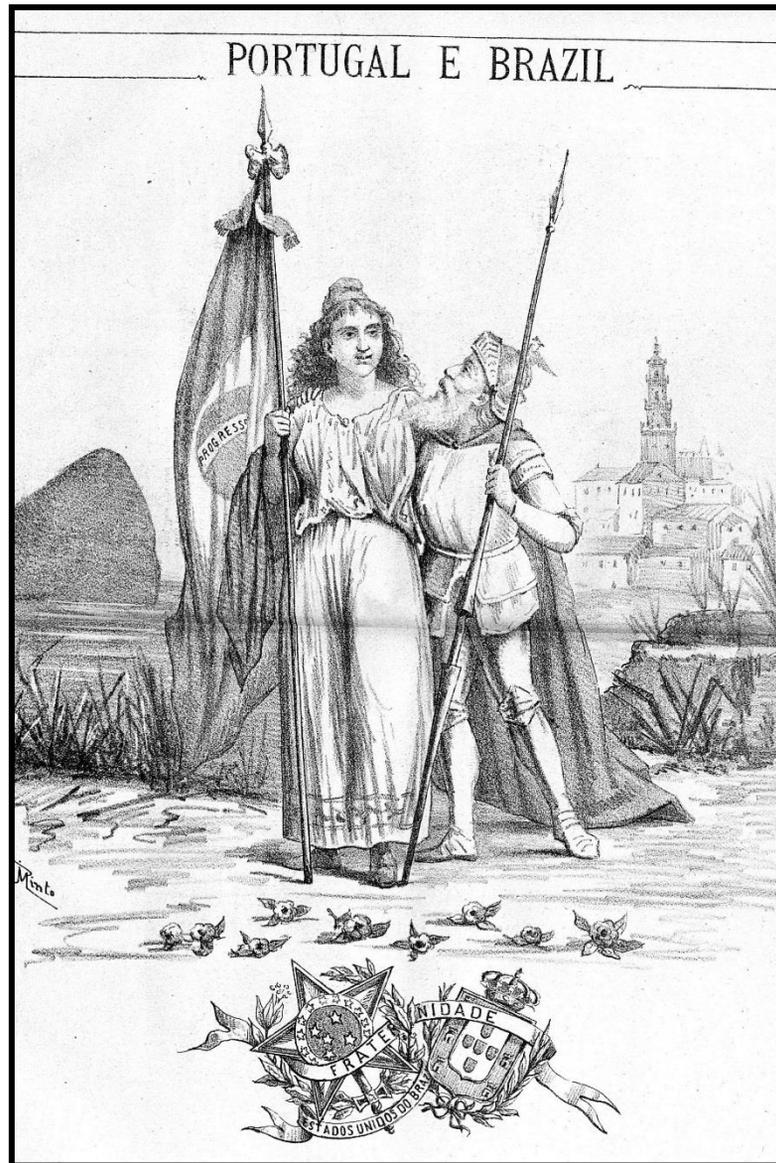
---

<sup>160</sup> ALVES, Francisco das Neves. Um *Charivari* na República: representações da nova forma de governo brasileira nas páginas de uma folha humorística lusa. In: *Revista Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2010. v. 1. n. 2. p. 62.

compatriotas, saudando, como português de lei, o povo brasileiro nosso irmão!"<sup>161</sup>.

---

<sup>161</sup> CHARIVARI. Porto, a. 9, n. 31, 25 maio 1895.



Na época dos atos festivos por mais um centenário do descobrimento, o ponto alto da reconciliação entre Brasil e Portugal, em Lisboa circulava uma publicação ilustrada especializada em assuntos luso-brasileiros, cuja circulação estendeu-se de 1º de fevereiro de 1899 a 16 de agosto de 1914<sup>162</sup>. Seu título era *Brasil – Portugal* e apresentava-se como “revista quinzenal ilustrada”, constituindo uma edição de significativo primor gráfico, adicionando, inclusive, o uso da fotografia. Abordava questões comerciais, financeiras, sociais, turísticas e culturais entre ambos os países, buscando contar com um seleto grupo de colaboradores tanto na parte textual, quanto na artística<sup>163</sup>. Essa revista teve a colaboração de figuras emblemáticas dos meios cultural, social e político, trazendo a público, não só o âmago dos interesses que uniam as comunidades portuguesa no Brasil e brasileira em Portugal, como também a própria história de ambos os países, da Europa e do próprio mundo, através da publicação de textos de elevada qualidade, redigidos por importantes personalidades de ambos os lados do Atlântico<sup>164</sup>.

A publicação *Brasil – Portugal*, bem de acordo com seu norte editorial, dedicou edição especial para o quarto centenário do descobrimento do Brasil. Segundo a revista, as celebrações de então constituíam “igualmente uma festa

---

<sup>162</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 131.

<sup>163</sup> BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, a. 1, n. 1, 1º fev. 1899.

<sup>164</sup> COELHO, Thierry Dias. O silêncio dos conspiradores: Revista *Brasil – Portugal* (1899-1914). In: SARMENTO, Cristina Montalvão (coord.). *Culturas cruzadas em português – redes de poder e relações culturais – Portugal e Brasil, séc. XIX e XX: influências, ideários, periodismo e ocorrências*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012. v. 2. p. 81.

portuguesa e brasileira”, competindo “por igual aos dois países a celebração do magno feito”, de modo que, “em corações portugueses, como se no Brasil pulsassem, ecoaram todas as manifestações de regozijo nacional”, com que em terras brasileiras fora “bendito e aclamado o dia do seu descobrimento”<sup>165</sup>. Uma das abordagens ocorreu na forma de uma alegoria, intitulada “O descobrimento do Brasil”, na qual era mostrada a partida das naus lusas do litoral português, sob o signo predominante da religiosidade, simbolizada pela cruz, ao passo que uma musa carregava a efígie de Pedro Álvares Cabral. O desenho era encenado à beira da praia, sob o revoar das gaivotas, no qual se dava o encontro entre a República Brasileira, a dama vestida à romana e de barrete frígio, e a nação portuguesa, designada pelo velho cavaleiro, ainda que despojado de sua tradicional armadura, o qual, nas areias molhadas, escrevia a palavra “tradição”, em alusão a um dos elementos fundamentais que estaria a cristalizar os laços luso-brasileiros<sup>166</sup>.

---

<sup>165</sup> BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, a. 2, n. 32, 16 maio 1900.

<sup>166</sup> BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, a. 2, n. 31, 1º maio 1900.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Assim, a imprensa portuguesa expressou em suas páginas os diversos momentos das inter-relações luso-brasileiras, ao longo do período de pouco mais de uma década transcorrido entre novembro de 1889 e maio de 1900. Enquanto os periódicos republicanos exultavam com a instauração da República no Brasil, prevendo o mesmo para Portugal, os monárquicos, na intenção da manutenção do status quo, previram os maiores males para a antiga colônia. Tais comentários serviriam para criar certa instabilidade entre ambos os países, a qual somada a eventos políticos e militares viria a se agravar, situação que chegaria ao ápice com a ruptura diplomática brasileiro-lusitana. Posteriormente, se desencadearia todo um esforço para a reafirmação dos laços de amizade, que se confirmaria no lustro final dos Oitocentos, com a retomada das relações e vários atos de reaproximação. O jornalismo ilustrado fez parte desse devir histórico e a dama do barrete frígio foi utilizada como alegoria para representar esses dois momentos essenciais de afastamento e reatadura, ficando evidenciada a mútua influência entre imprensa e sociedade.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 786589 557555

ISBN: 978-65-89557-55-5